

**Pontifícia Universidade Católica De São Paulo**

**PUC-SP**

**Mariana Batista Vieira**

**Timidez e expressividade afetivo-emocional: um  
estudo walloniano**

**Doutorado em Educação: Psicologia da Educação**

SÃO PAULO  
2017

**Pontifícia Universidade Católica De São Paulo  
PUC-SP**

**Mariana Batista Vieira**

**Timidez e expressividade afetivo-emocional: um  
estudo walloniano**

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

SÃO PAULO  
2017

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

Esta pesquisa foi financiada pelo CNPq,  
sob o registro 141052/2014-7.

## ***Dedicatória***

*À minha mãe e ao meu pai, sempre;*

*À minha avó Nicolaça, exemplo de mulher forte e guerreira diante da vida;*

*Ao Vinícius que, ao narrar sua história, me mostrou o caminho para escrever esta tese;*

*E ao Carlos Drummond de Andrade (in memoriam), homem tímido e poeta maior de nosso país.*

## **Agradecimentos**

Há pouco tempo, aprendi com uma pessoa que quando se diz que alguém é importante significa que esse alguém está dentro de seu coração; durante esses quatro anos de estudo, de pesquisa e de aprendizagens muitas pessoas se tornaram importantes para minha vida e chegou o momento de agradecê-las.

À minha orientadora, professora doutora Mitsuko Aparecida Makino Antunes, pelas (des)orientações, por todos os ensinamentos sobre a vida e por permitir que esta tese seguisse por esse caminho.

À minha mãe, Waldineia, e ao meu pai, Paulo, por estarem ao meu lado em todos os momentos, fossem eles de conquistas ou de dificuldades.

À minha irmã Ana Paula, pelo apoio de sempre e ao meu cunhado Beto.

À professora doutora Laurinda Ramalho de Almeida, por tudo o que aprendi sobre Henri Wallon e por todas as sugestões que contribuíram para a qualidade desta tese.

Ao professor doutor Lineu Norio Kohatsu, por me apresentar Lúgia A. Amaral e por suas ricas contribuições para o melhor entendimento da timidez.

À professora doutora Daniela Leal, pela amizade, pela parceria nos congressos de Educação e de Psicologia e pela leitura cuidadosa do projeto para o exame de qualificação.

À professora doutora Maria do Carmo Guedes, pelo acolhimento no NIEHPSI.

Ao Vinícius, participante desta pesquisa, por permitir que sua história fosse revisitada.

Ao Bruno Grecco, pela nossa amizade, por me estender a mão no momento em que mais precisei e por pensar comigo nos caminhos mais bonitos para esta tese.

Ao professor Luís Carlos Simões, por despertar em mim o amor pela Literatura.

À minha avó Nicolaça, por tudo.

À minha madrinha Maria Estela e à tia Sílvia, por estarem presentes em cada momento de conquista e pelo incentivo.

À tia Heliane, ao tio Mário e aos primos Sérgio e Renato pela torcida e por todo carinho.

Aos tios e tias de Monte Azul: Maria Rita e José Carlos, Margareth, Elizeth e José Humberto, Fernando, Rosa Maria, Sílvia e Gilberto, Mariza e, em especial, meu padrinho Walter. E aos primos e primas: Gustavo, Dhaiane, Maria Claudia, Marcelo, Marina, Vanessa, Maria Laura, Bruna, Ieda, Alessandra, André, Lucila, Silvana, Felipe, Rafael (Moska) e o pequeno Lucas.

Às amigas de toda a vida: Rita de Oliveira, Graziella Maciel, Juliana Bezerra, Ellen Schauert, Vanessa Silva, Milene César, Juliana Gualtieri, Alessandra Lima, Gisele Machado e Luciana da Silva Santana (in memoriam).

À amiga Ana Paula de Lima, obrigada pela presença constante, pelas trocas de conhecimento sobre a vida e pela nossa amizade.

Aos professores do PED por proporcionarem aprendizados, em especial, la Junqueira, Ana Bock, Marli André, Melania Moroz e Luciana Szymanski.

Aos colegas de sala: Georgina, Kátia, Wanessa, José, Márcia, Karen, Raquel e Jefferson pelos momentos de descontração que tornaram esse caminho mais leve.

À Kaciana Nascimento da Silveira Rosa, minha “irmã” de orientação, por compartilharmos estes quatro anos de doutorado, por todas as parcerias que fizemos e por ser um presente em minha vida.

Aos amigos da PUC-SP: Cíntia Regina, Bruna Borba, Agda Malheiro, Henrique Castro, Andrea Mollica, Carla Andrea, Rafaela Gama, em especial, à Renata Capeli e Karin Dietz.

Ao pessoal do NIEHPSI: Tiago, Claudia, Julia, Eduardo, Marcus Vinícius, Fabiana, Consuelo, Fabiano, Jéssica, Thiago, Elaine, João e Miriam.

Ao Edson Aguiar, pelo auxílio, em especial, na parte burocrática.

A todos os funcionários da PUC-SP que são responsáveis pelo bom funcionamento da universidade, mas muitas vezes esquecidos. Aproveito para agradecer também aos funcionários da biblioteca do Instituto de Psicologia da USP, em especial, ao Flavio Hermes, pela disponibilidade em me enviar artigos, dissertações e teses não disponíveis no formato digital.

À Nina e ao Siegfried pelo amor incondicional; e, também, ao Jack e à Mimi, saudades imensas.

Àqueles que não estão mais aqui, mas permanecem no coração e nas lembranças: meus avôs Walter e Benvindo, minha avó Carolina, meu tio Celso e meu anjo da guarda: tia Cida.

Ao CNPq que financiou esta pesquisa.

*“Mas o que acontece quando tentamos compreender alguém em seu interior? Esta viagem algum dia chega a um fim? Será a alma um lugar de fatos? Ou seriam os supostos fatos apenas uma sombra fictícia das nossas histórias?”*

*(Pascal Mercier)*

*“Mas, se não encontramos uma resposta, certamente, aprendemos que a busca também nunca termina”.*

*(Lineu N. Kohatsu)*

## Resumo

Esta tese teve como objetivo compreender a relação entre timidez e expressividade afetivo-emocional; utilizou-se como fundamentação teórica a teoria de Henri Wallon, que define a timidez como sendo uma emoção; é o medo que se tem frente às pessoas e está relacionada à sensibilidade à presença e/ou aproximação do outro. A partir do método de história de vida e (auto)biográfico foi feito um estudo da (auto)biografia do poeta Carlos Drummond de Andrade em fonte primária e em fonte secundária e, por meio de entrevistas não-diretivas e reflexivas, revisitou-se a narrativa de Vinícius, um dos participantes da dissertação: “Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade.”; utilizou-se as duas entrevistas da época do mestrado e realizou-se uma nova entrevista para este momento. Optou-se por apresentar os dados em dois momentos: no primeiro, apresentou-se a narrativa de vida do participante Vinícius e alguns dados (auto)biográficos do poeta Carlos Drummond de Andrade e o uso de cartas e poemas como exemplos dos fatos da vida do poeta; no segundo, tendo como inspiração a tese de livre-docência de Lígia Assumpção do Amaral, comparam-se as duas vidas a partir de uma narrativa de semificação. Os dados demonstram que a timidez se configura como um problema para o participante Vinícius pelo fato dela ser usada como justificativa para o não enfrentamento do mundo; dessa maneira, há a fetichização do personagem Vinícius-tímido nos âmbitos familiar, profissional e social, levando-o para uma condição de mesmice; para essa análise recorreu-se à Teoria da Identidade de Ciampa. Em contraposição, a (auto)biografia de Carlos Drummond de Andrade revela uma pessoa ativa que, mesmo com timidez, se posiciona sobre os acontecimentos de sua época. Por fim, compreende-se que a escrita de poemas é uma das formas de comunicação e expressão afetivo-emocional da pessoa tímida conforme evidenciado na (auto)biografia de Drummond.

**Palavras-chave:** Timidez, Escrita, História de Vida, (Auto)Biografia, Carlos Drummond de Andrade, teoria walloniana.

## Abstract

This thesis aimed to understand the relationship between shyness and affective-emotional expressivity; the theoretical foundation used was the theory of Henri Wallon, which defines shyness as being an emotion; it is the fear that one has toward people and is related to the sensitivity to the presence and/or approach of the other. From the biographical and life history method, a study of the (auto)biography of the poet Carlos Drummond de Andrade was made in primary source and secondary source and, through non-directive and reflexive interviews, was revisited the narrative of Vinícius, one of the participants in the dissertation: "Shyness and exclusion-school inclusion: a study on identity."; two interviews of the masters period were used and a new interview was held for this moment. It was decided to present the data in two moments: in the first one, the life narrative of the participant Vinícius was presented also some (auto)biographical data of the poet Carlos Drummond de Andrade and the use of letters and poems as examples of the facts of life of the poet; in the second one, using the *free-docency thesis* of Lígia Assumpção do Amaral as a inspiration, the two lives were compared from a semi fiction narrative. The data demonstrate that the shyness is configured as a problem for the participant Vinícius because it is used as justification for the non-confrontation of the world; in this way, there is the fetichization of the personage Vinícius-timid in the familiar, professional and social spheres, taking it to a condition of sameness; for this analysis we used the Ciampa Identity Theory. In contrast, the (auto)biography of Carlos Drummond de Andrade reveals an active person who, even with timidity, positions himself on the events of his time. Finally, it is understood that the writing of poems is one of the forms of affective-emotional communication and expression of the shy person as evidenced in Drummond's (auto)biography.

**Key words:** Shyness, Writing, Life History, (Auto)Biography, Carlos Drummond de Andrade, Wallonian theory.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – TERMOS ASSOCIADOS À TIMIDEZ DO DICCIONÁRIO IDEOLÓGICO DE LA LENGUA ESPAÑOLA .....24

QUADRO 02 – GRUPOS ASSOCIADOS À TIMIDEZ/TÍMIDO NO DICCIONÁRIO ANALÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....25

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 1: REVISÃO BILIOGRÁFICA DOS ESTUDOS ACADÊMICOS BRASILEIROS SOBRE TIMIDEZ.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2: TIMIDEZ COMO EMOÇÃO E O PAPEL DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO EU.....</b>	<b>43</b>
2.1 A TIMIDEZ SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA DE HENRI WALLON.....	43
2.1.1 O ATO MOTOR.....	45
2.1.2 A COGNIÇÃO.....	47
2.1.3 A AFETIVIDADE.....	48
2.1.4. A PESSOA E O PAPEL DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO EU.....	50
<b>CAPÍTULO 3: A PESQUISA.....</b>	<b>53</b>
3.1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	53
3.2 OBJETIVOS.....	55
3.2. 1. OBJETIVO GERAL.....	55
3.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	55
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS.....	55
3.4 A ESCOLHA DO PARTICIPANTE VINÍCIUS E DO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	58
<b>CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>59</b>
4.1 ANTES DE CONTINUAR É PRECISO VOLTAR A FALAR EM PRIMEIRA PESSOA PARA ALGUNS ESCLARECIMENTOS.....	59
4.2 A NARRATIVA DE VINÍCIUS: SEIS ANOS DEPOIS.....	63
4.3 DADOS BIOGRÁFICOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	93

4.4 CRUZANDO VIDAS: VINÍCIUS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>167</b>

## Apresentação

### Retomada de um caminho: do mestrado ao doutorado

Em 2008, iniciei meus estudos no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como mestranda. Na minha primeira orientação, a professora Mitsuko A. M. Antunes (Mimi) pediu que eu escrevesse um memorial sobre minha trajetória de vida até o ingresso no mestrado; como a timidez apareceu como um dos temas principais em minha breve narrativa, minha orientadora fez a proposta de eu trabalhar com esse tema e, após algumas dúvidas e hesitações, aceitei.

Durante o levantamento de dissertações e teses constatei que a timidez é quase “invisível”; existem poucos estudos sobre o assunto e os que encontrei pertencem às áreas da Psicanálise, Psiquiatria e Psicologia Cognitivo-Comportamental, correntes teóricas importantes, mas que divergiam do referencial teórico-metodológico que havíamos adotado, a psicologia sócio-histórica. Além desses estudos, encontrei livros que falam sobre a timidez; as leituras desse material me proporcionaram grande aprendizado, principalmente para compreender as diferentes concepções sobre a timidez defendidas nessas obras.

Com as orientações e correções, meu projeto começou a ganhar vida e nosso objetivo principal era compreender como se dá a constituição da identidade da pessoa denominada como tímida, com foco nas relações que se estabelecem na escola, particularmente nas situações de exclusão-inclusão escolar. Para tanto, tínhamos como intenção inicial entrevistar uma pessoa, utilizando o recurso da história de vida e, para aprofundar a questão da identidade, analisar o personagem Luís da Silva, do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos.

Conforme os capítulos sobre Identidade, Exclusão-Inclusão, Bullying e Invisibilidade ficavam prontos, o capítulo sobre Timidez pouco avançava; parecia que faltava alguma coisa e faltava mesmo! Ao cursar a disciplina de Psicologia da Educação II, conheci a professora Laurinda Ramalho de Almeida que, ao saber do tema de meu projeto, mostrou interesse e, em uma de suas aulas, comentou que havia um texto em que Henri Wallon era descrito como uma pessoa tímida por seu discípulo e amigo Renné Zazzo. Essa conversa com a professora Laurinda foi

fundamental por dois motivos: o primeiro pelo fato de eu começar a estudar a teoria walloniana e nela descobrir o que eu buscava para falar sobre timidez e, o segundo, porque, a partir daquele momento, escolhi a professora Laurinda para compor a minha banca de qualificação e de defesa.

Após um percurso árduo e de muito estudo, meu projeto ficou pronto para o exame de qualificação; no entanto, para que pudéssemos concluir essa etapa, faltava decidir quem seria o professor de outra instituição que participaria da banca e, após pensarmos em alguns nomes, minha orientadora e eu decidimos convidar o professor Lineu Kohatsu, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Lembro-me que a expectativa e a ansiedade, no dia do exame de qualificação, eram enormes e só foram dissipadas quando o professor Lineu começou sua arguição que, para minha surpresa, relatou um pouco as situações em que a timidez estava presente em sua história de vida e até se identificou como um possível participante para minha pesquisa. Por sua vez, a professora Laurinda também relatou seus momentos de timidez, muitos deles usados para exemplificar a teoria walloniana, o que me deu certeza de que estava no caminho certo. Além de compartilharem suas histórias de vida, ambos contribuíram com indicações de livros e artigos que foram fundamentais para a dissertação e sugestões referentes ao título e a utilizar apenas as entrevistas e guardar a Literatura para uma pesquisa posterior, pois naquele momento, para me aprofundar em uma personagem literária, demandaria um tempo significativo e, possivelmente, não conseguiria concluir essa parte de meu estudo.

Com todas as contribuições dos professores na qualificação, mergulhei na elaboração da dissertação e, com toda a parte teórica pronta, Mimi e eu precisávamos escolher o participante da pesquisa. Chegamos em duas pessoas: Luísa e Vinícius<sup>1</sup>. Realizei duas entrevistas com cada um deles e, a cada encontro, eu me apaixonava por suas narrativas e me identificava com elas em diversos aspectos. Durante a análise, um aspecto me chamou a atenção: apesar de se constituírem como pessoas tímidas, tanto Luísa quanto Vinícius tinham seu jeito próprio de se expressar; Luísa por meio de um olhar atencioso e sensível para as dificuldades e necessidades do outro e atitudes que transbordavam generosidade e

---

<sup>1</sup> Os nomes dos participantes foram trocados e dados que poderiam identificá-los (sobrenome, referências a endereços, nomes de outras pessoas) foram omitidos.

Vinícius pela escrita de poemas. E me perguntava por que não aprofundar em outras pesquisas nas diferentes formas de expressão que não fossem a oralidade?

Ao colocar um ponto final em minha dissertação, um ponto final ou, como diria Daniela Leal, um ponto e vírgula, também era posto nesse período de minha vida, coroado com a defesa que, como no exame de qualificação, foi um momento muito especial, pois estavam presentes meus pais, minha irmã, minhas tias e amigas com quem pude compartilhar dois anos que passaram depressa. Junto a essa alegria percebi o quanto me transformei e cresci como pessoa; a timidez deixou de ser algo que me incomodava, pois passei a me compreender melhor e a ver que, mesmo com medo e insegurança, não deixei de conquistar meus objetivos profissionais e pessoais.

Após a defesa da dissertação de mestrado as circunstâncias da vida me fizeram dar uma pausa em meus estudos no PED por dois anos; apesar de na época ter sido muito difícil não ter dado continuidade ao doutorado, hoje percebo que esses dois anos me proporcionaram aprendizados em outra área do conhecimento, com a realização do sonho de me especializar em Literatura, sob a orientação do professor Erson Martins de Oliveira, uma pessoa muito querida e que me ensinou muito sobre o que é estudar o objeto literário sem perder o gosto e o encantamento por essa arte tão linda; para a realização da monografia, optei por estudar Graciliano Ramos, já enunciado no mestrado, e meu trabalho foi sobre o papel da memória na constituição do sujeito narrador de *Angústia*.

No mesmo período comecei a lecionar em uma escola da rede estadual de São Paulo que, em meio a dificuldades presentes na escola pública, encontrei profissionais comprometidas com o ensino, acolhedoras e que me ensinaram a ser professora. A sala designada para mim era a de um 3º ano do Ensino Fundamental I e era composta por 32 crianças e, conforme o tempo passava, percebi que meu envolvimento com elas e com a escola aumentava: era a primeira professora a chegar e a última a sair, sempre atendia e conversava com os pais; a única vez que faltei deixei minha aula preparada para a professora que me substituiria e passei a desejar que o final de semana passasse rápido para chegar segunda-feira e ver minhas crianças novamente. Com a chegada do final do ano, senti que o meu dever tinha sido cumprido e estava muito feliz com as perspectivas para o ano seguinte, pois voltaria para o PED como doutoranda e continuaria a lecionar.

Assim, ingressei no doutorado no início de 2013 e para conciliar estudo com trabalho precisei escolher outra escola para trabalhar, pois a que eu estava só oferecia turmas de Ensino Fundamental I no período da tarde; lembro-me que o dia da atribuição foi um dia difícil para mim, pois existia a possibilidade de eu escolher a mesma turma para a qual eu havia lecionado no ano anterior; esse foi o momento em que eu fiquei em dúvida se deveria ou não reiniciar meus estudos no PED; no entanto, o sonho falou mais alto. Me atribuíram uma turma de 3º ano no período da manhã em uma escola perto de minha casa; parecia que tudo estava perfeito, mas só foi eu pisar na escola que as dificuldades começaram, pois, enquanto na primeira tínhamos a confiança da equipe gestora e autonomia para trabalhar, nesta, a postura da gestão era “o Estado manda e o professor executa”, o que causava um mal estar na maioria dos professores; durante cem dias letivos a sensação que eu tive foi a de que eu não era professora e sim mera reprodutora do sistema “Ler e Escrever”, pois não era permitido utilizar outras perspectivas de ensino e tanto atividades quanto provas deveriam ser aprovadas pela Coordenadora Pedagógica; tenho consciência que não me permiti criar o mesmo compromisso e vínculo que tinha na outra unidade escolar e minhas práticas e atitudes divergiam da concepção que eu tenho de educação.

Essa situação refletiu em meus estudos no primeiro semestre; chegava cansada e desmotivada para as aulas e pensei em desistir do curso diversas vezes; no final do semestre, entretanto, recebo a grata notícia de ter sido contemplada com uma bolsa de estudos da CAPES e, mesmo não sendo integral, decidi encerrar meu contrato nessa escola e dedicar-me com exclusividade ao doutorado.

Dessa maneira, iniciei uma nova etapa em minha vida; tornei-me representante discente e suplente na comissão de bolsas, entrei para a equipe da Revista do PED e para o Grupo de Pesquisa em História da Psicologia, coordenado pela professora Maria do Carmo Guedes. No mesmo período, minha bolsa foi trocada para uma de modalidade integral do CNPq, o que me possibilitou continuar com dedicação exclusiva, a participar de congressos de Educação e de Psicologia em outras cidades e estados e ser um dos membros da comissão de organização da VIII Mostra de Psicologia da Educação em comemoração aos 45 anos do PED.

Em meio a todos esses acontecimentos, continuei a escrever meu projeto inicial que tinha como objetivo compreender a concepção de timidez nos periódicos

*Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)* e *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* no período de 1944 (ano da primeira publicação da RBEP) a 1962 (ano da regulamentação da profissão de psicólogo); conforme levantamento dos artigos da RBEP que abordava o tema timidez, constatei que era esse tema era visto ora como comportamento, ora como uma característica da personalidade, em ambos os casos de maneira negativa e que prejudicava tanto o desenvolvimento quanto a aprendizagem da criança e, em consequência, como um fator de exclusão.

Esse cenário começou a gerar algumas inquietações em mim e, em uma orientação, expus esse incômodo para Mimi, pois desde o mestrado me perguntava por que a timidez é sempre vista como algo negativo e que precisa ser eliminado ou minizado e se não existiriam características que, por serem consideradas positivas, não eram foco de atenção. Com esses questionamentos e aceitação de minha orientadora em refazer o projeto, chegamos ao seguinte tema: *A categoria filosófica contradição concretizada na timidez*. Pensamos em analisar biografias de pessoas consideradas tímidas, mas que tiveram uma produção importante nos âmbitos da filosofia, psicanálise, psicologia, educação, literatura e música; a cada semana, entretanto, o número de “tímidos” aumentava e, por considerarmos essencial o aprofundamento da análise na pesquisa, optamos por trabalhar apenas com os tímidos da literatura; preciso ressaltar que a escolha pela literatura teve como principal motivo minha paixão por essa área desde as aulas de Literatura no Ensino Médio e o responsável por despertar essa paixão em mim foi o professor Luís Carlos Simões; muito mais do que movimentos literários, ele me ensinou a importância desse mundo de poetas e romancistas e o quão prazeroso é o exercício da leitura que os livros nos proporcionam. Ainda que fossem expositivas e sem os recursos tecnológicos utilizados nos dias atuais, suas aulas me deixavam encantada, ao ponto de, em alguns momentos, quando ele fazia alguma pergunta, eu levantar a mão para responder.

Dessa maneira, tendo as aulas do professor Luís em minhas memórias mais felizes, selecionei alguns nomes da Literatura que poderiam compor este estudo, dentre eles: Fernando Pessoa, Chico Buarque, Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade e, como meu objetivo era o de fazer um estágio de Doutorado Sanduíche em Portugal, Mimi e eu optamos por escolher a biografia e obra do poeta Fernando Pessoa como objeto principal desta pesquisa.

Assim como a opção pela literatura, a escolha por Fernando Pessoa não foi pautada apenas em interesses acadêmicos, mas, sobretudo, por um gosto pessoal; lembro-me que a primeira estrofe de Tabacaria era a que eu mais gostava: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (Álvaro de Campos), devido à singeleza e profundidade contidas nesses versos. E, com o objetivo de verificar se a hipótese de que o poeta selecionado era de fato tímido, comecei a ler biografias sobre ele e nelas estava a confirmação de que Mimi e eu estávamos certas; diante dessas primeiras constatações percebi que estava no caminho certo para compreender a contradição entre timidez e expressividade afetivo-emocional por meio da escrita poética e, quanto mais entrava no mundo pessoano, mais sentia a necessidade de buscar informações, conhecer Portugal e estudar com professores e pesquisadores de Fernando Pessoa. Tendo esses objetivos em mente e o sonho de estudar em outro país, escrevi o projeto e, após correções e autorização de Mimi, entrei em contato com uma professora da Universidade do Minho, em Portugal, e enviei o projeto para sua apreciação.

**“No meio do caminho tinha uma pedra”, mas ao olhar para outra direção encontrei flores...**

Como disse nas linhas anteriores, enviei meu projeto para sua apreciação e, após um mês de expectativas e ansiedade, chegou a resposta; não foi uma recusa total, mas para que ela pudesse me orientar, eu deveria modificar todo o meu projeto, pois segundo o seu ponto de vista, meu projeto propunha uma leitura psicologizante da obra de Fernando Pessoa e o que ela tinha interesse em estudar/pesquisar era a obra do poeta em seus aspectos formais e ficcionais e não a vida dele como ligação direta dessa obra.

Ao ler essas considerações, minha primeira atitude foi conversar com Mimi, mostrei a ela o que a referida professora tinha escrito e decidimos que não mudaríamos o projeto e, enquanto escrevo essas linhas, penso que o mais provável é que ela não tenha entendido (ou não estava aberta para entender) o que nosso projeto propunha.

Em meio a essa resposta negativa, outra notícia é decisiva para que minha ida a Portugal se tornasse mais distante: na mesma semana, soubemos que as bolsas destinadas ao Doutorado Sanduíche haviam sido suspensas e sem previsão de retorno. Esses dois acontecimentos geraram em mim os sentimentos de tristeza, de desmotivação e de desencantamento, era como se eu perdesse o chão sob os meus pés.

Após oito anos de convivência, orientações, desabafos e trocas de olhares durante situações que só nós compreendíamos, penso que Mimi percebeu tudo o que se passava dentro de mim e me incentivou a procurar outros professores que pudessem orientar meu estudo fora do Brasil, ainda que fosse por algumas semanas. Assim, consideramos oportuno não alterar o projeto e o submetemos para o exame de qualificação.

Alguns dias antes da qualificação, em conversa com Bruno (um amigo desde o Ensino Médio) sobre o que havia acontecido até o momento, digo a ele que não sabia muito bem o que fazer, me sentia perdida; com a resposta da professora, estudar Fernando Pessoa não mais me encantava como antes e que eu pensava na possibilidade de mudar de autor e, até mesmo, de projeto. Dentre as inúmeras coisas que Bruno me falou naquele dia, uma delas foi que eu deveria pensar nessa recusa como uma maneira de me abrir para outras possibilidades e que minha tese não deixaria de ter qualidade se a ida para Portugal não se concretizasse.

Essas poucas palavras de meu amigo foram decisivas para que eu me sentisse confiante novamente; no dia do exame de qualificação, a professora Daniela Leal me apontou dois caminhos para seguir adiante com minha tese: o primeiro seria o de focar na biografia de Fernando Pessoa e ao longo da análise os heterônimos e os escritos do poeta serem utilizados como exemplos da constituição identitária de Fernando Pessoa e sua relação com a timidez; o segundo, por sua vez, seria o de retornar para Vinícius, participante da pesquisa do mestrado, e realizar uma análise constitutiva de ambos frente a relação timidez-literatura. E, tanto o professor Lineu quanto a professora Laurinda concordaram com as sugestões de Daniela Leal e forneceram ricas contribuições para que Mimi e eu pudséssemos seguir adiante com o projeto/tese.

Naquele momento, percebi que os dois caminhos eram promissores e convergiam com o meu objetivo, mas optei pelo segundo; (re)visitar Vinícius era uma

ideia que Mimi e eu havíamos pensado desde aquela conversa que tivemos sobre a troca do tema; além disso, tudo o que fizemos até aquele momento tinha como cerne as duas entrevistas concedidas por ele na época do mestrado, em especial, a escrita de seus versos/poemas como meio de expressão de seus sentimentos.

Um novo percurso foi se delineando; no entanto, parecia que algo não combinava com essa trajetória e, aos poucos, percebi que Fernando Pessoa se encontrava cada vez mais distante de mim, do outro lado do oceano... E, ao expor meu desencantamento e angústia em uma de nossas inúmeras conversas, comecei a pensar com, a ajuda de Bruno, em outros escritores e chegamos em um que, mais do que os outros, me pareceu a melhor escolha a se fazer: o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.

Neste exato momento tento me lembrar como Drummond apareceu em minha vida; é provável que meu primeiro contato com ele tenha sido antes do Ensino Médio, no entanto, correndo o risco de ser redundante, foram nas aulas do professor Luís que me permiti me encantar pela sua obra e pela sua vida e, depois de Vinícius de Moraes, Drummond é o poeta que mais gosto... Diferentemente de Fernando Pessoa, o poeta de Itabira sempre esteve presente em minha trajetória acadêmica e também em minha vida pessoal: “Um escritor nasce e morre” lido nas aulas da professora Belmira Bueno na época da graduação e depois mencionado em minha dissertação; “No meio do caminho” era um dos poemas que meus alunos mais gostavam; “Conversa de velho com criança”, o conto que, toda vez que eu leio, dá aquele nó na garganta; as referências a Drummond em um samba de Eduardo Gudin<sup>2</sup> e em uma música do grupo paulistano 5 a seco<sup>3</sup>; os versos que professora Laurinda recitou para mim na ocasião do falecimento de minha gatinha Mimi... Enfim... são muitas as referências a Drummond, que penso que ele sempre esteve ali com seu jeito tímido, só esperando para ser notado...

Dessa maneira, decidi trocar Fernando Pessoa por Carlos Drummond de Andrade e, no dia que perguntei a Mimi o que ela pensava dessa troca, em um primeiro momento ela me perguntou o motivo; respondi que em suas aulas e orientações aprendi o quão é importante valorizar o que é de nosso país e estudar

---

<sup>2</sup> “Versos de Drummond / Samba de Vinícius de Moraes / Eram assim como rituais / Hoje são formas atemporais” (Música: Rosa dos Tempos – Compositor: Eduardo Gudin)

<sup>3</sup> “Você, beleza rara de se ver / Mágica música no tom / Uma escultura de Debret / O meu poema de Drummond” (Música: Em paz – Compositores: Rita Altério, Rafael Altério e Pedro Altério)

Drummond seria uma das maneiras de reconhecer o que se tem de melhor na produção artística-literária brasileira. Diante dessas palavras, Mimi mais uma vez aceitou e apoiou minha escolha e as suas orientações, o apoio e o incentivo de meus pais, a parceria em apresentações de trabalhos em congressos com Daniela Leal, as co-orientações da professora Laurinda, a presença constante do professor Lineu Kohatsu mesmo que de forma indireta (conforme relatarei mais adiante), as lembranças das aulas do professor Luís, as conversas com Bruno e suas sugestões sempre pertinentes e, em especial, o fato de Vinícius ter aceitado participar novamente deste estudo fizeram com que eu me sentisse segura quanto ao que se apresenta nas próximas páginas: um encontro entre timidez e expressividade afetivo-emocional por meio das histórias de vida/biografia do participante Vinícius e do poeta Carlos Drummond de Andrade.

## Introdução

### A timidez nos dicionários: da origem ao conceito em psicologia

Ao realizar uma pesquisa sobre a origem da palavra *timidez* no *Dicionário Latino Português*, datado de 1942, constatou-se que esta é uma palavra que deriva do latim *timiditas*, que significa apreensão e receio (TORRINHA, 1942), enquanto que, em dicionários atuais da Língua Portuguesa, a timidez é definida como;

1. Qualidade de tímido; acanhamento. 2. Debilidade, fraqueza. (FERREIRA, 1999, p.1960)

1. Estado, condição ou característica de tímido; acanhamento excessivo. 2. Qualidade de quem é fraco, frouxo. (HOUAISS, 2009, p. 1984)

Qualidade, estado ou condição de quem é tímido; falta de desenvoltura no trato com as pessoas ou de decisão para empreender alguma coisa. (SACCONI, 2010, p. 1967)

Por sua vez, *tímido*, que vem de *timidus*, quer dizer receoso e está ligado ao verbo *timere*, ou seja, temer, recear, ter medo; os sinônimos dessa palavra em latim são *verecundus*, discreto, e *demissus*, abatido, posto no chão e caído; segundo Silva (2014, p. 452), os tímidos não tinham lugar em uma sociedade agrícola, agrária e guerreira em que se exigia coragem para enfrentar as adversidades do campo e da guerra. Tal concepção corrobora *As Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, pois, *timidus* é “o que teme intensamente, o que procede do sangue: o temor gela o sangue que, assim afetado, gera o temor” (SANTO ISIDORO DE SEVILHA apud LAUAND, 2003, p. 14). Ao recorrer aos dicionários Aurélio (FERREIRA, 1999), Houaiss (2009) e Sacconi (2010) encontraram-se as seguintes definições para a palavra tímido:

1. Que tem temor, receoso. 2. Acanhado, retraído. 3. Fraco, frouxo, débil. (FERREIRA, 1999, P. 1960)

1. Que revela embaraço diante das pessoas; acanhado. 2. Que tem temor, insegurança, receoso. 3. Que revela fraqueza; débil, frouxo. (HOUAISS, 2009, p. 1984)

1. Que ou aquele que não tem autoconfiança, desconfia das pessoas e receia audácias ou arrojios (...). 2. Caracterizado pela insegurança (...). 3. Fraco (...). (SACCONI, 2010, p. 1967).

A partir da etimologia e definições dos referidos dicionários, entende-se que a timidez está ligada ao medo e ser tímido às ideias de fraqueza, insegurança e não ação. Sacconi (2010), no entanto, em seus comentários sobre o verbete afirma que,

diferente da pessoa acanhada que não toma iniciativas, a pessoa tímida, mesmo com receio de ser malsucedida e sem autoconfiança, cria coragem de se expor e de superar sua insegurança.

As consultas ao *Diccionario Ideológico de la lengua española* (CASARES, 1984, p. 427) e ao *Dicionário Analógico da língua portuguesa* (AZEVEDO, 2014) acrescentaram informações à pesquisa das palavras timidez e tímido. No primeiro, conforme quadro 1, estes termos estão relacionados a:

**Quadro 1-** Termos associados à timidez do *Diccionario Ideológico de la lengua española*

Substantivos	Temor/Medo, Covardia, Desalento, Fraqueza, Apoucamento, Pusilaminidade, Irresolução, Vacilação, Escassez, Encolhimento, Angústia, Pobreza, Moléstia, Embaraço, Vergonha, Languidez, Pouco Ânimo, Acanhamento, Atordoamento, Perturbação, “O que dirão”.
Verbos	Diminuir, Acanhar, Encolher, Atontar, Sobrecarregar, Embaraçar, Atordoar, Envergonhar, Perturbar, Ser para pouco, Não ser homem de briga, Não ter coração, Parecer um pupilo/aprendiz; Pisar em ovos.
Adjetivos	Aprendiz, Colegial, Servo de Deus, Covarde, Infeliz, Miserável, Homem pobre, Inútil, Pouca coisa, Homem para pouco, Tímido, Medroso, Apoucado, Encolhido, Apreensivo, Pequeno, Desventurado, Triste, Pusilânime, Desconcertado, Atordoado, Atado, Sobrecarregado, Escrupuloso, Rígido, Detido, Relutante, Retraído, Atacado, Inábil, Empanturrado, Vergonhoso, Angustiado, Bobo/Tolo, Indeciso, Irresoluto.
Advérbios	Timidamente, Encolhidamente como galinha em terreno alheio, Pouco a pouco.

No *Dicionário Analógico da língua portuguesa* (AZEVEDO, 2014), as palavras timidez e tímido não intitulam o nome de um grupo; no entanto, localizam-se em três classes, em quatro divisões e estão associadas a oito grupos<sup>4</sup>, segundo quadro a seguir:

<sup>4</sup> A consulta ao *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa* tem como base o primeiro quadro utilizado para a busca de palavras, esse quadro é mais geral e “apresenta seis grandes áreas de uso (classes) ramificadas em 24 subáreas (divisões). Cada divisão indica ao lado o intervalo dos grupos (terceiro nível de ramificação) que pertencem a essa subárea. Os grupos estão numerados de 1 a 1.000, mas há alguns grupos intermediários (p. ex.:465a).” (AZEVEDO, 2014, p. X)

**Quadro 2-** Grupos associados à timidez/tímido no *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*

<b>Classe</b>	<b>Divisão</b>	<b>Grupos(s) Associado(s)</b>
Entendimento	Formação das Ideias	475. Incerteza
Vontade	Vontade Individual	605. Irresolução; 623. Transigência; 699. Inabilidade
Vontade	Vontade com Referência à sociedade	738. Anarquia (ausência de autoridade)
Afeições	Afeições Pessoais	860. Medo; 879. Humildade; 881. Modéstia

Diante dessas considerações, nota-se que a maioria das palavras relacionadas à timidez em ambos os dicionários têm uma conotação negativa e, assim como nos etimológicos e nos atuais, conforme dito anteriormente, o medo destaca-se como principal componente do conceito estudado e a falta de habilidade, a incerteza, a vergonha, o embaraço, o acanhamento e o pouco ânimo. São concepções que também estão presentes nos dicionários de psicologia; encontrou-se no *Diccionario de Psicologia*, organizado por Warren (1934/1993, p.360), que a timidez é uma “atitude emotiva caracterizada por vacilação e por uma tendência a experimentar medo em situações que não se justificam; atitude caracterizada por mal estar na presença de outros e por inibição parcial das reações sociais habituais”.

Em uma linha de pensamento próximo, o *Dicionário de Psicologia Larrousse*, organizado por Sillamy (1998. p. 233), define a timidez como falta de confiança: “O tímido é um sujeito emotivo, que teme agir mal. Muito impressionável e às vezes reagindo exageradamente às emoções (gagueira, tremores, etc.), perturba-se quando em presença de outras pessoas, preferindo fugir aos contatos sociais.” Segundo o referido autor, a timidez é algo adquirido na primeira infância devido a uma educação mal orientada pelos pais que, ou não permitem que seus filhos assumam responsabilidades e tenha amizade com outras crianças, ou fazem exigências difíceis de satisfazer; “isso resulta em sentimentos de incapacidade, inferioridade, agressividade e culpa que se manifestam pela inibição e retração do eu” (SILLAMY, 1998, p.233).

Dessa maneira, há uma forte excitação emocional que, segundo o *Dicionário de Psicologia da APA* (VANDEBOS, 2010), desencadeia reações fisiológicas desagradáveis, como sudorese, enrubescimento e tremores, além de a pessoa ter preocupações em ser avaliada negativamente pelos outros, sentir constrangimento

ao estar em público e apresentar um comportamento cauteloso e de observação, ou seja, ao mesmo tempo em que apresenta ansiedade, a pessoa se inibe em situações sociais.

Ainda no que se refere às conceituações de timidez na psicologia, encontrou-se no *Dicionário de Psicologia*, organizado por Doron e Parot (2002), o seguinte verbete, escrito por C. Prévost:

Termo comum que, nesse nível, remete a um traço de caráter: é a incapacidade de passar ao ato nas condutas verbais, profissionais ou sexuais de alguma importância. A timidez já foi explicada considerando-se o círculo das pessoas, ou, então, sua interioridade. No primeiro caso, P. Janet vê nela uma doença das condutas sociais, relacionada com a hierarquia inerente ao agrupamento. H. Wallon distingue a timidez-inibição e a timidez cólera: trata-se sempre de uma sensibilidade excessiva à presença do outro; segundo ele, não existe ninguém a quem o contato com uma outra pessoa não dê o sentimento de sua própria apresentação. No segundo caso, os psicanalistas pensam que a angústia das crianças em relação a certas pessoas frequentemente se generaliza em timidez: sua 'boa educação' é acompanhada pela inibição das pulsões para conhecer. No adulto neurotizado, a timidez pode resultar de uma dificuldade para conciliar os valores e os contravalores, ou seja, segundo D. Lagache, para resolver o conflito intra-sistêmico do ideal do ego/eu e do ego/eu ideal. De maneira geral, a timidez é, portanto, uma dimensão polêmica da imagem de si e do narcisismo (PRÉVOST in: DORON; PAROT, 2002, p. 752).

O verbete acima apresenta três perspectivas teóricas para a compreensão da timidez: a primeira, de Janet, que concebe a timidez como uma doença ou uma incapacidade do sujeito em comunicar-se e interagir com outras pessoas, é algo que está no sujeito e que, portanto, não comporta possibilidades de superação ou de valorização dessa capacidade; já a segunda, de Wallon, a timidez está associada à sensibilidade à presença do outro e pode ocorrer com qualquer pessoa em situações de interação; por fim, a terceira perspectiva, da psicanálise, compreende que a timidez está relacionada a problemas narcísicos causados pela inibição das pulsões.

Diante das três perspectivas acima apresentadas, pode-se afirmar que, ainda que com variações, a primeira é a mais recorrente no âmbito social e no senso comum; a pessoa com timidez é vista como alguém incapaz, inferior e, até mesmo, como "esquisita" pelos outros. Como dito no parágrafo acima, essa perspectiva carrega em si uma concepção inatista, pois a pessoa nasceria e permaneceria tímida por toda sua vida, e, ao se compreender a timidez como sendo uma doença, ela deve ser tratada para se alcançar uma possível cura. Em oposição, a perspectiva de Wallon considera que qualquer pessoa ao interagir com outras pode apresentar

timidez, pois, como será visto adiante, ela é uma emoção desencadeada pela presença do outro; a partir dos pressupostos teóricos de Wallon, pode-se afirmar que a timidez é um estado, ou seja, se “está tímido” e, assim, se compreende essa emoção em sua totalidade, tanto os aspectos considerados negativos quanto os positivos. A perspectiva da psicanálise também se opõe à primeira, pois entende que a timidez não é intrínseca ao sujeito, mas, decorre de problemas narcísicos devido à inibição das pulsões e somente diante de algumas pessoas o sujeito se sente tímido.

### **Delineamento dos capítulos**

O estudo dos termos timidez e tímido nos dicionários, desde a etimologia ao conceito em psicologia, permite afirmar que existe uma forte conotação negativa em ser ou estar tímido, pois, além do medo, está associada à incapacidade, à inferioridade e é vista como uma característica limitante, que impede o sujeito de agir e de se relacionar com outras pessoas, pois causa inibição e retraimento em situações sociais.

A maneira como a timidez é definida ou, em outras palavras, as concepções que se tem de timidez, gerou um primeiro questionamento: **Por que a timidez é em geral vista como algo negativo?** Um dos objetivos do **primeiro capítulo** desta tese é responder a esta pergunta; nesse capítulo, apresentar-se-á, a partir de uma revisão bibliográfica com base nos artigos, dissertações e teses publicados no Brasil, um mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre o tema, com foco nas áreas e subáreas de conhecimento e, quando enunciadas, as abordagens teóricas que fundamentam cada estudo.

Por sua vez, no **segundo capítulo** há a apresentação do referencial teórico e de análise adotado nesta pesquisa: **a teoria de Henri Wallon**. Segundo Wallon (1938/1985, p. 118), a timidez é uma emoção; é o “medo frente às pessoas, ou dito com maior precisão, o medo relativo ao seu próprio eu frente aos outros”. O autor afirma que a timidez está relacionada às reações de presença, ou seja, a sensibilidade à presença e/ou aproximação do outro. Essa relação é contraditória, pois ao mesmo tempo em que “eu” preciso do outro para “me” constituir, esse outro, de certa maneira, “me” desequilibra quando “eu” percebo que ele está olhando para

mim. O que provoca a timidez é essa sensibilidade à presença do outro; o sujeito é afetado pelo olhar de outrem; tal olhar pode fazer com que o sujeito “cresça” ou “encolha”. O segundo capítulo tem como objetivo o aprofundamento da concepção de timidez para esse autor.

No **terceiro capítulo** são apresentados a construção do problema de pesquisa, desde as primeiras ideias ao questionamento que este estudo se propõe a responder; o objetivo geral, que é compreender a relação entre timidez e expressividade afetivo-emocional na escrita poética; os objetivos específicos que trazem um maior aprofundamento do objetivo geral; os procedimentos de coleta de dados pautados no método da história de vida e (auto)biográfico; os procedimentos de análise de dados que têm como base a teoria de Henri Wallon; uma retomada da escolha do participante Vinícius e do poeta Carlos Drummond de Andrade já explicitada na **Apresentação**.

O **quarto capítulo** é dedicado à discussão dos resultados da pesquisa que será feita em duas partes: na primeira a história de vida de Vinícius e a (auto)biografia de Drummond são apresentadas de forma separada, na segunda parte, tendo como inspiração a tese de livre-docência de Lígia Assumpção Amaral (1998), é escrita uma narrativa de semificção em que as duas vidas se entrecruzam; seguido de considerações finais.

## Capítulo 1:

### Revisão bibliográfica dos estudos acadêmicos brasileiros sobre timidez

Este capítulo tem como objetivo apresentar um mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre o tema timidez; para tanto, realizou-se, em abril de 2013, uma primeira revisão bibliográfica nas Bases de busca BVSPSI, Scielo e nos sites das bibliotecas das quatro principais universidades paulistas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Campinas. Para essa revisão foram utilizados como descritores as palavras “timidez”, “tímido” e “tímida” e adotaram-se os seguintes critérios de seleção: as referidas palavras aparecerem nos títulos e/ou resumos e serem objeto principal de estudo e sem delimitação temporal.

A partir desses critérios, constatou-se que a timidez é um tema pouco estudado cientificamente; em um primeiro momento, foram encontrados seis artigos, cinco dissertações, uma tese e três monografias de cursos de especialização brasileiros. Diante desses resultados e por ter sido realizada em 2013, em novembro de 2015, cinco meses após o exame de qualificação, percebeu-se a necessidade de atualizar tal revisão; com os mesmos descritores, critérios de seleção e nas mesmas bases de busca citadas anteriormente e nos sites do Banco de Teses e Dissertações da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD-IBICT). Com essa busca, ampliou-se para onze o número de artigos publicados sobre o tema; além dos estudos acadêmicos, foram encontrados sete livros<sup>5</sup> em que a timidez é o tema principal e que apresentam fundamentação teórica distinta dos livros de autoajuda.

Com base na leitura dos resumos e na leitura integral desses estudos, foram descartados uma dissertação, dois artigos e as três monografias dos cursos de especialização; a exclusão da dissertação se deve ao fato de que a timidez não é o assunto principal do estudo em questão, e sim as formas de relacionamento amoroso, a timidez aparece como uma das causas que dificultam o início de um

---

<sup>5</sup> Para a busca de livros foram utilizados os descritores timidez, tímido e tímida e foi realizada nos sites das universidades paulistas: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Estadual de Campinas; nos sites das livrarias Cultura, Saraiva e Estante Virtual.

namoro. O descarte dos artigos deve-se ao fato de dois deles não abordarem a questão da timidez, e sim da fobia social e, conforme será discutido adiante, apesar de se aproximarem em muitos aspectos, a segunda é considerada uma “doença” e, portanto, fogem do escopo desta pesquisa. Os demais trabalhos não foram utilizados, pois não apresentam uma abordagem teórica específica, são utilizados como referencial teórico autores que estão no âmbito da autoajuda, como Crawford e Taylor (2000), Carducci (2001) e Zimbardo (2002), autor referenciado na maioria dos estudos encontrados.

Antes de se apresentar as áreas de concentração que pautam as publicações e estudos acadêmicos pesquisados, é importante ressaltar dois aspectos: o primeiro é a profícua produção de livros no âmbito da autoajuda e que não apresentam uma abordagem teórica consistente; foram contabilizadas trinta e duas publicações em editoras brasileiras de livros impressos nacionais e estrangeiros que correspondem ao período de 1935 a 2013; de maneira geral, essas obras têm como objetivo esclarecer os leitores o que é timidez, como superá-la ou vencê-la, como o sujeito pode deixar de ser tímido e, assim, obter sucesso em sua vida pessoal e profissional, melhorar sua autoestima, falar em público sem dificuldades e interagir com outras pessoas sem medo de se expor.

O segundo aspecto a ser destacado é o considerável número de publicações de livros infanto-juvenis em que a timidez é tema principal; localizaram-se dezesseis obras entre o período de 1997 e 2016, sendo que a maioria dessas publicações conta histórias de uma criança e ou animal tímidos que conseguiram vencer e superar a timidez, falar em público e/ou fazer amigos; além dessas características, algumas histórias abordam a questão do bullying escolar como forma de violência e exclusão. Somente Coelho (1997) trata dos aspectos positivos da timidez, pois fala que o mundo interior dos tímidos é rico de imaginação e sensibilidade e que a Arte é uma forma que eles têm para se comunicarem com os outros. Apesar dessas quarenta e oito obras não fazerem parte deste estudo como material de análise, considerou-se pertinente mencioná-las e os quadros 4 e 5 do anexo 1 apresentam ano de publicação, títulos, autor(es) e sinopse ou prefácio de cada uma delas.

Diante dessas considerações, selecionou-se como material para compor a discussão deste subcapítulo nove artigos, quatro dissertações e uma tese<sup>6</sup>; são eles:

O artigo “O sofrimento silencioso da timidez” (Camisão et. al., 1994) define a timidez como a tendência para evitar situações sociais e timidez é considerada um atributo negativo tanto pelos observadores quanto pelos próprios tímidos e apresenta consequências somáticas (alta frequência cardíaca, desconforto e aumento da ansiedade), cognitivas (pensamentos negativos, sentimentos de solidão, insatisfação, inabilidade social e julgamento desfavorável de si próprio), comportamentais (dificuldades na comunicação em ambientes não familiares e com estranhos, vida sexual com início tardio, pouco ativa e com poucas experiências) e sociais (tendência ao isolamento).

Segundo Camisão et. al. (1994), a timidez não é uma doença, no entanto, pode ser um fator de risco para certos transtornos ansiosos como a fobia social e a síndrome do pânico; para que não seja antecedente desses transtornos, esses autores defendem que a timidez deva ser tratada, como acontece com os pacientes que são diagnosticados com fobia social que, com os objetivos de reduzir a ansiedade antecipatória e os sintomas psicofisiológicos e melhorar as habilidades sociais, são submetidos a tratamentos terapêuticos, sendo os mais comuns e promissores a terapia cognitivo-comportamental e a farmacoterapia.

Por sua vez, os artigos “A eficácia do tratamento em grupo da ansiedade social” (FALCONE, 1989) e “Ansiedade normal e ansiedade fóbica: limites e fundamentos etológicos” (FALCONE, 2000) compreendem a timidez como sinônimo de ansiedade social “normal”<sup>7</sup>, que é definida como um aspecto do temperamento que tem como características uma série manifestações de ansiedade em circunstâncias sociais e interpessoais em que as reações das outras pessoas são consideradas como uma ameaça; preocupação com o que os outros possam vir a pensar; medo de reprovação e, conseqüentemente, da rejeição; evitação de situações sociais pelo temor da exposição a alguma situação humilhante, vergonhosa ou hostil, tendo como possíveis consequências a solidão, o isolamento e a depressão; déficit em habilidades sociais, sentimentos de menos-valia e, em

---

<sup>6</sup> Os artigos, as dissertações e tese estão detalhadas, respectivamente, nos quadros 1 e 2 de Anexo 1.

<sup>7</sup> Termo utilizado por Falcone (1989; 2000).

alguns casos, pode ser um antecedente da fobia social e de outros problemas psicológicos (FALCONE, 1989).

Em seus artigos, a autora verificou que alguns pais fortalecem em seus filhos reações medrosas e inibidas diante de situações novas, gerando sentimentos de insegurança, incompetência e pouca autoconfiança; os relacionamentos negativos com os colegas, em especial no âmbito escolar, também podem contribuir para fatores de vulnerabilidade como a baixa autoestima, pois a inibição e o retraimento da criança tímida são percebidos como desviante do comportamento padrão (FALCONE, 1989; 2000). Para que os efeitos do desenvolvimento da timidez sejam atenuados, a autora defende que a educação familiar deve incentivar a expressão de sentimentos e os processos de socialização. Além desses aspectos, Falcone (1989) considera a psicoterapia em grupo com um modo eficaz para a redução da ansiedade social, pois ela tem como principal vantagem o treinamento de habilidades interpessoais e, por meio de diversas situações-problema que o grupo precisa discutir e resolver, auxilia na assertividade e no enfrentamento de situações difíceis em oposição à tendência de fuga/esquiva.

A tese “Estudo comparativo dos comportamentos relacionais e comunicacionais entre pessoas tímidas e não-tímidas”, de Vasconcellos (2005), utiliza como referencial teórico as publicações de autores estadunidenses como Cheek e Buss (1981), Carducci (2001) e Zimbardo (2002), que definem a timidez como uma característica da personalidade originada principalmente pelo meio, mas que tem componentes biológicos/hereditários, e que pode limitar as experiências de vida de um indivíduo tanto nos âmbitos profissional, social e pessoal; tem como elementos principais o medo (apreensão diante de uma ameaça real), a ansiedade (desconforto e apreensão diante de uma ameaça imaginária) e a inibição em situações sociais em que há uma preocupação excessiva da pessoa com os pensamentos e reações dos outros em relação a si própria (VASCONCELLOS, 2005).

Segundo Vasconcellos (2005), apesar de a exposição causar incômodo e, em muitos momentos, problemas na autoestima, o sujeito tímido sente necessidade de ser notado e de ser aceito pelo outro, no entanto, não possui habilidades de comunicação necessárias que garantam um bom desempenho durante a interação

e, assim, se apresenta como alguém indeciso e inseguro, com o corpo encurvado e a cabeça baixa e seus gestos são deslocados, rápidos e encolhidos.

Ainda em seu estudo, Vasconcellos (2005) dividiu os participantes em três grupos: sujeitos com alta, intermediária e baixa timidez e, em comparação com os classificados com baixa timidez foi constatado que a timidez tem relação direta nos comportamentos relacionais e na comunicação; o medo do julgamento alheio e de se arriscar socialmente fazem com que pessoas com alta timidez apresentem com significativa frequência comportamentos de esquiva, além de serem mais inibidos e introvertidos e menos dominantes; tais características são limitantes e apresentam como consequência menos momentos de prazer e de satisfação em todas as áreas da vida. Dessa maneira, para obter confiança e sentir-se mais segura e feliz, Vasconcellos (2005) defende que a pessoa tímida deve mudar o comportamento e o pensamento apresentados até então por meio da aprendizagem de novas habilidades de comunicação aliadas à intervenção de profissionais de fonoaudiologia, de psicologia, de psiquiatria, de terapia ocupacional, entre outros.

Na dissertação “A timidez na perspectiva da Psicologia Analítica”, Esteves (2012) estabeleceu como objetivo fazer uma revisão de literatura sobre a timidez na perspectiva da Psicologia Analítica e um dos resultados de seu estudo é o fato de que na obra de Jung não há referência ao termo timidez; no entanto, estudos e artigos sob a perspectiva da psicologia analítica definem a timidez como uma característica da personalidade, marcada pelo medo das situações sociais e das pessoas, em especial, desconhecidas; diferencia-se da inibição, da vergonha, da introspecção e da introversão e está associada à alta sensibilidade.

Em seu estudo, Esteves (2012) afirma que tanto em Jung quanto nas publicações de autores junguianos, a palavra inibição está associada à repressão de conteúdos inconscientes, à supressão de aspectos da consciência e ao comportamento do sujeito, que tem como características principais o medo, o retraimento, a ansiedade, a insegurança e a atitude submissa.

O termo vergonha, por sua vez, é entendido como um mecanismo de repressão e está associado a situações de desconforto e de inadequação daquilo que é incompatível com os conteúdos da consciência, sobretudo em relatos de cunho sexual que foram reprimidos. Segundo Esteves (2012), a vergonha é uma emoção social que surge da suscetibilidade ao juízo alheio, real ou imaginário; ela é

causada quando o sujeito compartilha com os outros uma avaliação negativa que tem de si próprio; está relacionada ao sentimento de inferioridade, à insegurança, às inadequações e situações de fracasso. No entanto, vale ressaltar que não se dá somente na presença do outro, pode-se sentir vergonha quando se está sozinho e ao se imaginar como objeto do olhar alheio em situações de exposição.

Ainda segundo Esteves (2012), estudos junguianos apontam para a estreita ligação entre vergonha e persona, “máscara” utilizada pelo sujeito para se adaptar ao ambiente em que vive; cria-se um determinado personagem ou assume-se um papel que é aceito e valorizado socialmente; é uma aparência e assim como a vergonha, tem a função de proteção e de defesa; ambas levam a uma atitude preventiva contra possíveis circunstâncias constrangedoras e que, de alguma maneira, causam sofrimento para quem a vivencia.

Além da inibição e da vergonha, outros dois conceitos que aparecem na psicologia analítica e se diferenciam da timidez são o da introspecção e o da introversão; o primeiro é definido como um estado de voltar-se para dentro do seu ser, com o objetivo de conhecer a si próprio. Já o segundo termo é entendido como uma atitude da consciência; segundo Jung (1921/2013), o introvertido orienta-se por fatores subjetivos, ou seja, o interesse do sujeito não se dirige para o objeto, mas para si próprio.

A consciência introvertida vê as condições externas, mas escolhe as determinantes subjetivas como decisivas. Por isso, este tipo se orienta por aquele fator da percepção e conhecimento representativo da disposição subjetiva que acolhe a excitação sensorial. Duas pessoas, por exemplo, veem o mesmo objeto, mas nunca de tal forma que a imagem resultante seja absolutamente igual para ambas. [...] Enquanto o tipo extrovertido se apoia principalmente naquilo que provém do objeto, o introvertido se baseia em geral no que a impressão externa constela no sujeito (JUNG, 1921/2013, p. 387).

Apesar de muitas vezes serem usadas como sinônimos, percebe-se que, diferentemente da timidez, a introversão não se caracteriza pelo medo de situações sociais e do outro, mas é, antes de tudo, uma atitude escolhida; pessoas introvertidas preferem ficar sozinhas, ainda que possuam habilidades necessárias para o convívio social, se sentem mais à vontade com os livros, as plantas, os objetos, do que com outras pessoas; não necessitam da aprovação alheia e, portanto, se aceitam como são, enquanto que o tímido tem necessidade de mudar o seu comportamento e, até mesmo, ser de outro jeito, causando-lhe sofrimento. Outra

questão que diferencia a timidez da introversão é a criatividade; enquanto a primeira dificulta a expressão das ideias, pois existem uma autocrítica e uma preocupação em mostrar ao outro algo perfeito, a segunda é benéfica no processo de criação devido à introspecção (ESTEVES, 2012).

Além desses aspectos, é importante ressaltar que nem todos os introvertidos são tímidos e nem todos os tímidos são introvertidos, existem tímidos extrovertidos, que demonstram um forte desejo de serem notados, aceitos e integrarem um grupo, no entanto, suas habilidades sociais são escassas, apresentam dificuldades de se relacionar socialmente e, em muitos casos, podem adotar um comportamento falante, brincalhão e contar piadas como estratégia para camuflar ou diminuir a timidez, tendo como possível consequência relações superficiais, pois se esconde o verdadeiro “eu” (ESTEVES, 2012).

O último ponto a ser abordado nessa dissertação é a associação entre timidez e alta sensibilidade; segundo Esteves (2012), pessoas altamente sensíveis, por um lado, tendem a ficar perturbadas ou excitadas com certos estímulos, têm um desempenho pior quando são observadas ou estão sob pressão, demonstram dificuldades em interagir em grupos ou com estranhos em ambientes com muitos estímulos, demoram a tomar decisões, são muito sensíveis a críticas, têm reações emocionais fortes, tanto positivas quanto negativas, e podem ter problemas de baixa autoestima, como vergonha, timidez ou se sentir diferente das demais; por outro lado, são criativas, detalhistas, intuitivas, empáticas, boas com plantas e animais, hábeis em compreender sinais não verbais e sutilezas e sentem grande prazer nas Artes. Ainda segundo a autora, os estudos junguianos entendem que a alta sensibilidade é um traço herdado que, combinado com problemas e situações adversas na infância ou na adolescência, pode causar depressão e ansiedade e, estas últimas, levam à timidez ou à baixa sociabilidade, pois essas pessoas vivenciam esses problemas com mais intensidade e, portanto, suas marcas são mais profundas. Diante dessas considerações, compreende-se que a timidez, além de ser uma característica da personalidade, tem forte ligação com ocorrências negativas na infância ou na adolescência. As pesquisas em psicologia analítica afirmam que pessoas altamente sensíveis desenvolvem a timidez com maior facilidade, pois apresentam uma reação emocional negativa com mais intensidade diante de

situações em ambientes adversos e desfavoráveis para um desenvolvimento psíquico saudável.

Conforme observado no levantamento bibliográfico, a maioria dos estudos acadêmicos sobre timidez adotam como referencial teórico a Psicanálise, são eles: os artigos “Olhar e ser olhado: da interpretação ao testemunho” (KLEIN, CAMARA e HERZOG, 2014), “Embaraço, humilhação e transparência psíquica: o tímido e sua dependência do olhar” (VERZTMAN, 2014) e “A timidez numa perspectiva psicanalítica: avaliando o problema numa escola pública estadual do ensino fundamental, no município de Aguiar, Paraíba” (SILVA e RIBEIRO, 2015); “A timidez como entrave emocional patológico: levantamento quanti-qualitativo dos relatos de pacientes atendidos na clínica-escola de Psicologia em uma faculdade da rede privada” (SOUZA, 2011), e a dissertação “Timidez na infância em interface com o desejo parental” (MUNDURUCA, 2000).

Em Psicanálise, a timidez é entendida como um sintoma decorrente do confronto do Id com o Ego que, para evitar possíveis frustrações, não permite a manifestação do Id; o Ego cria com o SuperEgo um mecanismo de defesa que tem como finalidade inibir o desejo do Id, “evitando assim que ele se manifeste ficando toda sua pulsão de energia instintiva retida” (SOUZA, 2011, p.183).

A maioria dos casos de timidez tem origem na infância, devido a uma educação rígida, severa e desvalorizante por parte dos pais e que está associada a sentimentos de rejeição, frieza, insegurança e angústia; acredita-se que, em algum momento de sua vida, o sujeito tímido sofreu algum tipo de castração, proibição ou retenção da energia libidinal e, dessa forma, algo inconsciente impede-o de se socializar e de tomar atitudes diante de outrem (MUNDURUCA, 2000; SOUZA, 2011).

Além desses aspectos, a timidez pode estar presente nas neuroses, nas perversões ou nas psicoses e está relacionada a questões afetivas narcísicas em que o problema maior é ficar mal perante os outros; para o tímido, o olhar do outro nunca terá uma apreciação positiva ou, até mesmo, indiferente, mas é um olhar que tem como objetivos observar, examinar e tecer críticas, fazendo com que o sujeito se sinta exposto, seu amor próprio fica ferido e percebe-se na posição de objeto do

olhar alheio causando-lhe embaraço, vergonha e, em alguns casos, humilhação (MUNDURUCA, 2000; KLEIN, CÂMARA e HERZOG, 2014; VERZTMAN, 2014).

Segundo Verztman (2014), o embaraço é uma sensação de desconforto que aparece como antecipação da vergonha, é um sinal de alarme e de proteção contra a mesma. A vergonha, por sua vez, serve como um catalisador das experiências negativas vivenciadas pelo tímido, que fará o possível para evitá-las; esse sentimento fará com que o sujeito se sinta em perpétua condição de inferioridade em relação aos outros, considerando-se como alguém inadequado ou em desvantagem, pois algo foi desnudado devido a alguma ação ou característica do sujeito e pode ocorrer sem que o outro perceba e tenha intenção. Já a humilhação é uma violência intencional, implica o sentimento de ser rebaixado pelo outro, o tímido sente que sua interioridade, ao ser exposta, lhe é arrancada violentamente.

Diante dessas considerações, compreende-se que, para o sujeito tímido, ser visto causa angústia e sofrimento:

(...) o olhar do outro é capaz de acessar todo o recôndito de seu ser, visando efetuar contra ele as avaliações mais atrozés. O tímido diz sentir-se cruamente exposto e incapaz de esconder ou selecionar o que de si pode ser mostrado e o que deve ser escondido. Seus limites egóicos não oferecem a opacidade necessária para o sujeito repousar em segurança na sua interioridade; a transparência o lança à penosa exposição a cada encontro com um olhar estranho (KLEIN, CÂMARA e HERZOG, 2014, p. 145).

Apesar de causar incômodo, há no tímido um desejo e um ideal de transparência psíquica que devem ser construídos e legitimados na relação com o outro que o reconhece como sujeito e, portanto, o protege dos perigos de um olhar externo; entende-se que o tímido vive em uma perpétua contradição e sofrimento entre ser supervisível ou invisível e, dentro de um tratamento clínico-terapêutico, cabe ao psicanalista descobrir meios de relativizar o peso do olhar alheio.

Segundo Klein, Câmara e Herzog (2014), a dificuldade que o paciente com queixa de timidez apresenta para falar de si e a superficialidade de seu discurso fazem com que o terapeuta/analista pense em alternativas para o manejo clínico; em especial, é preciso considerar as dimensões gestual e corporal, a escuta deve ir além do discurso verbal; o terapeuta/analista deve estar em um estado de presença sensível. Dessa maneira, a exposição ao olhar do outro, antes geradora de

ansiedade, “se torna uma vivência que fornece confiança e ajuda a resgatar o sentimento de existência e continuidade de si, logo, o prazer de ser olhado” (KLEIN, CÂMARA e HERZOG, 2014, p. 150).

Se, quando adulto, a timidez é reconhecida como algo desagradável, na infância, principalmente no âmbito escolar, muitas vezes não é objeto de preocupação dos pais e dos professores e passa a ser valorizada; a criança tímida assume uma postura confortável ao professor, é aquela que não incomoda e, na maioria das vezes, apresenta um bom rendimento escolar. No entanto, é preciso que haja uma ação de parceria entre os pais/família e a escola e que o professor esteja atento aos sinais que a criança possa vir a apresentar em relação a dificuldades na socialização com seus pares, baixa autoestima, medo, privações e situações de violência e exclusão como o assédio e, nesses casos, intervenha para que ela participe de forma plena do seu processo educativo, com trocas de conhecimentos e experiências com outras crianças e participação em brincadeiras e outras atividades que requer interação em sala de aula e, tendo, portanto, um desenvolvimento emocional saudável (MUNDURUCA, 2000; SILVA e RIBEIRO, 2015).

Os próximos trabalhos a serem comentados estão na área da educação; mas cada um deles traz uma abordagem teórica diferente, são elas: teoria psicanalítica (Winnicott), teoria walloniana e teoria histórico-cultural/sócio-histórica (Vigotski).

O primeiro estudo tem como base a teoria psicanalítica de Winnicott, para quem, segundo Barbosa e Wiezzell (2014), a timidez da criança está relacionada a contextos em que estão associados sentimentos de rejeição, de frieza e de insegurança, cobrança excessiva e relações parentais que trazem angústias e que, portanto, prejudicam o desenvolvimento emocional da criança.

Ainda segundo esses autores, a maneira com que a criança é cuidada desde o seu nascimento auxilia na formação da personalidade e no modo que se relaciona com os demais; entende-se que as crianças que apresentam características de timidez não se sentem seguras, pois o ambiente em que vivem não contribuiu para que elas tenham facilidades em suas relações interpessoais, ou seja, a timidez está associada com as interações iniciais que a criança estabelece.

Conforme mencionado, a dissertação “Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade” tem como base a teoria de Henri Wallon<sup>8</sup>, que compreende a timidez como uma emoção ligada ao medo que se tem diante de outras pessoas e está relacionada à sensibilidade à presença e/ou aproximação do outro. Segundo Vieira (2010), é uma condição humana que, apesar de seus componentes biológicos, se desenvolve nas relações familiares e sociais estabelecidas desde a infância e, além do medo, tem ligação com dois sentimentos: o embaraço e a vergonha, ambos desencadeados diante da presença real ou imaginária de outra pessoa e provocam desconforto e insegurança e não aceitação de qualquer fracasso pessoal.

Por meio das narrativas de história de vida de dois participantes, a autora verificou que a pessoa tímida pode ser vítima de exclusão por meio da invisibilidade e do bullying (ou assédio); por um lado, quando vítima da invisibilidade a pessoa não é notada pelo outro e encarna o sentimento de não existir; a invisibilidade faz com que o corpo perca sua desenvoltura e flexibilidade, pois não há o olhar do outro que a constitui como sujeito. Por outro lado, o bullying é outra forma de violência que faz com que a pessoa esteja visível demais e a expõe à vergonha e ao constrangimento público por meio de ações como humilhar, intimidar, discriminar, entre outras, durante um certo período.

Por sua vez, a outra dissertação, intitulada “Timidez na escola: um estudo histórico-cultural” (FÉLIX, 2013), compreende a timidez como um processo histórico-cultural que acontece em contextos em que é necessário o indivíduo se comunicar, mas encontra dificuldade, pois sente-se tímido/intimidado.

Segundo Félix (2013), por meio da observação participante em uma sala de aula, foi possível observar que os alunos considerados tímidos não eram constante e permanentemente desse jeito, mas assumiam um comportamento retraído como defesa e proteção a ações intimidadoras e constrangedoras feitas pelo professor, como exposição forçada, ridicularização, coerção, manifestação e abuso de poder, violência, entre outras; tais ações são mobilizadoras de insegurança, medo e timidez.

---

<sup>8</sup> Por se tratar da abordagem teórica desta pesquisa, ela será melhor explicada no próximo capítulo.

A timidez é entendida como uma síntese histórico-cultural de processos e de relações sociais de intimidação; tais processos acabam constituindo a personalidade ou a identidade do indivíduo, que acabam por assumir comportamentos estereotipados de alguém rotulado como tímido.

Diante dessas considerações, nota-se que nessas duas últimas abordagens teóricas, apesar de adotarem o materialismo histórico-dialético como referência, apresentam concepções de timidez distintas; na primeira, não se exclui o componente biológico presente na timidez, pois além de entendê-la como uma emoção, também diz que ela se manifesta no plano fisiológico, como enrubescer, a segunda, por sua vez, concebe a timidez como fruto de relações e situações de intimidação vivenciadas pelo sujeito que, para se proteger e se defender, assumem comportamentos retraídos perante os demais. Por fim, outra constatação a ser feita é que, em ambos os estudos, a escrita apareceu como meio de comunicação e de expressão da pessoa tímida, seja por meio da poesia, seja por meio de cartas ou bilhetes.

Por fim, o artigo “Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão”, de Abreu, Pereira e Kesller (2008), compreende a timidez como uma ansiedade (ameaça imaginária) ou um medo (ameaça real) em situações sociais; ambos são caracterizados pelo desconforto diante do outro e se manifestam por meio dos aspectos físico, comportamental, psicológico e emocional. Diante dessas considerações, compreende-se que as características mais comuns das pessoas tímidas são o retraimento, o medo de se expor em situações sociais, o comportamento inibido, a sensibilidade às críticas e a baixa autoestima.

Segundo Abreu, Pereira e Kesller (2008), as pessoas tímidas têm necessidade de se socializarem, mas acabam evitando o contato com outras pessoas por possuírem poucas habilidades de interação devido às características acima mencionada; esses autores, no entanto, consideram a dança de salão como um meio eficaz para a aquisição e manutenção de habilidades de comunicação e de interação social, pois esta modalidade de dança tem como objetivos a socialização, a desinibição, a descontração, a diversão, entre outros; é um modo de expressão corporal que traz muitos benefícios para quem a pratica, tais como: melhora a coordenação motora, o ritmo, a percepção espacial e faz com que as pessoas se aproximem uma das outras, portanto, por ser uma atividade que requer contato

físico entre duas pessoas, auxilia quem a pratica a perder o medo de se expor em situações sociais, melhora a autoestima e a autoconfiança, ajuda a quebrar a timidez e de outros bloqueios psicológicos, a apresentar uma menor sensibilidade a críticas e, conseqüentemente, o medo de uma avaliação negativa ou de um olhar de reprovação diminuirá; por fim, entende-se que o olhar alheio é condição fundamental na composição da timidez.

Além de apresentar um panorama geral dos estudos acadêmicos brasileiros sobre timidez, este capítulo teve como objetivo responder ao seguinte questionamento: “Por que a timidez é em geral vista como algo negativo?” Em um primeiro momento, a resposta pode ser encontrada no fato de que há uma valorização de pessoas proativas e comunicativas na sociedade atual, portanto, a profícua publicação de livros de autoajuda e infanto-juvenis em que a timidez é algo a ser vencido para se obter sucesso em todos os aspectos da vida.

Mas, com a leitura e aprofundamento de cada um dos estudos acima mencionados, verificou-se que pelo menos parte da resposta está na concepção de que o ser humano é, em essência, um ser social e para que o seu desenvolvimento seja pleno, necessita do outro para constituir-se; a timidez é vista como algo negativo, pois impede/atrapalha o desenvolvimento de quem apresenta essa característica.

Além desses aspectos, observou-se, de maneira geral, que a timidez é entendida como uma característica do temperamento e/ou que se desenvolve durante experiências negativas na infância e é concebida como a dificuldade que a pessoa tem em interagir com o outro e pela inabilidade em situações sociais e, em sua maioria, é vista como um comportamento inadequado, uma característica da personalidade que causa sofrimento, um sintoma ou uma emoção, que tem como consequência o isolamento, a invisibilidade e as situações de violência como o bullying escolar. Nota-se, portanto, que o foco da maioria desses estudos está relacionado com o sofrimento vivenciado pela pessoa tímida nos âmbitos familiar, escolar e/ou profissional; percebeu-se, também, alguns estudos que veem a timidez como um possível antecedente comportamental da fobia social e, para que esta patologia não evolua, defendem que as pessoas tímidas devam se submeter a tratamentos psicoterapêuticos tanto individuais quanto grupais e ao uso de medicamentos como ansiolíticos.

Outro ponto que merece destaque, antes de iniciar o próximo capítulo, é o que se refere à contradição entre ser visto e não ser visto pelo outro que, ao mesmo tempo que tem papel fundamental para a constituição da identidade de quem é olhado, na timidez, dependendo da forma como se olha, esse mesmo sujeito sente-se aniquilado.

## Capítulo 2:

### Timidez como emoção e o papel do outro na constituição do eu

#### 2.1 A timidez sob a perspectiva teórica de Henri Wallon

Com o objetivo de compreender as mudanças pelas quais a criança passa até se tornar adulto, Henri Wallon cria o seu próprio método: a análise comparativa multidimensional. Este método tem como fundamentos a psicologia genética e os pressupostos do materialismo dialético. Segundo Mahoney (2010, p. 16), a psicologia genética é a posição mais adequada para o estudo dessas mudanças, pois “busca o sentido dos fenômenos em sua origem e transformações conservando sempre sua unidade”.

Por sua vez, o materialismo dialético, a partir das categorias contradição, totalidade e transformação/superação, como elementos constitutivos do sujeito, busca a compreensão desses fenômenos em suas várias determinações: orgânicas, fisiológicas, neurofisiológicas, sociais e a relação entre esses fatores, chegando à compreensão do processo de constituição da pessoa. Diz Zazzo (1978, p.118);

Dialética é uma atitude permanente de investigação que toma em consideração o fato de que nenhum fenômeno pode ser compreendido se for encarado isoladamente, que a natureza está envolvida num processo de movimento e mutações, que estas mutações não são simples repetições circulares, mas evolução, não apenas quantitativas e graduais, mas qualitativas que esta evolução tem por motor a ação recíproca das forças da natureza.

Na teoria walloniana, com base no materialismo dialético, busca-se captar a realidade em suas mudanças e transformações, em contraposição a um entendimento da vida psíquica de maneira estanque e abstrata. Dessa maneira, segundo Almeida (2012), o eixo da teoria walloniana encontra-se na integração organismo-meio e na integração cognitivo-afetivo-motora. Na primeira, constata-se que o desenvolvimento da pessoa se faz na interação do orgânico com o social, ou seja, a concretização das potencialidades genéticas herdadas pelo indivíduo dependerá do meio para se concretizarem:

O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e as suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o

homem em presença de novos meios, novas necessidades e novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal... Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a “forma” que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente. (Wallon 1975, pp. 164, 165, 167 apud MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p. 17)

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que, juntamente com a integração organismo-meio, há um movimento contínuo de mudanças e transformações que se dá pelo jogo de forças, de tensões entre os conjuntos motor, afetivo, cognitivo e pessoa; entende-se, portanto, que o indivíduo está continuamente em processo. Conforme Mahoney (2010), a teoria walloniana se distancia de um raciocínio fragmentário, pois a afetividade, o ato motor, a cognição e a formação do eu são campos funcionais e estão a todo tempo em comunicação; tudo evolui junto, cada campo funcional é parte constitutiva dos outros e todos têm impacto na pessoa que, ao mesmo tempo, garante essa integração e é resultado dela.

Além dos campos funcionais, a teoria de Henri Wallon distribui em estágios a dimensão temporal do desenvolvimento; são eles: impulsivo-emocional (0 a 1 ano), sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), personalismo (3 a 6 anos), categorial (6 a 11), puberdade e adolescência (acima de 11 anos) e adulto. Wallon (1941/2007) afirma que a passagem de um estágio para outro não é uma mera amplificação, e sim uma reformulação, ou seja, é um processo descontínuo, marcado por conflitos entre o antigo e o novo, rupturas, retrocessos e reviravoltas, que podem ganhar a amplitude de crises; cada estágio é “um sistema completo em si, isto é, a sua configuração e o seu funcionamento revelam a presença de todos os seus componentes, o tipo de relação que os une e os integra numa só totalidade: a pessoa. Temos, então, uma pessoa completa a cada estágio” (MAHONEY, 2004, p. 15).

Segundo Mahoney (2010), na sucessão dos estágios há uma alternância na predominância dos conjuntos funcionais, ou seja, embora todos estejam presentes de forma recíproca e complementar, um fica mais evidente que os outros em cada estágio: impulsivo-emocional (motor-afetivo), sensório-motor (cognitivo), personalismo (afetivo), categorial (cognitivo), puberdade e adolescência (afetivo) e

adulto (equilíbrio entre afetivo e cognitivo). Também há uma alternância de direção em cada estágio; enquanto nos estágios impulsivo-emocional, personalismo e puberdade e adolescência a direção é para dentro, para o conhecimento de si, nos estágios sensório-motor e projetivo e categorial a direção é para fora, para o conhecimento do mundo exterior. Tratam-se, respectivamente, dos princípios de predominância funcional e de alternância funcional.

Diante dessas considerações, ao aproximar estes dois princípios, é possível observar que quando a direção é para si mesmo (centrípeto) o predomínio é afetivo e quando é para o mundo exterior (centrífugo), o predomínio é cognitivo. A atividade motora por sua vez é considerada como suporte para o afetivo e o cognitivo, seja pela expressão exterior, ou pela expressão plástica. Outro princípio é o da integração funcional, que descreve uma relação entre os estágios como uma relação entre conjuntos funcionais hierarquizados, ou seja, as atividades que inauguram um novo estágio não suprimem e nem excluem as anteriores, o que foi aprendido é integrado em um permanente processo de diferenciação em relação aos estágios seguintes (MAHONEY, 2010).

Apesar de importantes na teoria de Henri Wallon, os estágios do desenvolvimento não serão detalhados; o foco deste estudo está nos conjuntos funcionais; vale ressaltar que nenhum desses conjuntos pode ser compreendido de maneira isolada e sim em sua ação conjunta com os demais; no entanto, devido à necessidade de descrição, falar-se-á de cada um deles separadamente e se dará destaque para a dimensão afetiva.

### **2.1.1 O ato motor**

Segundo Wallon (1941/2007), o ato motor vai além das contrações musculares que produzem o movimento e dos deslocamentos do corpo no espaço e, portanto, da relação com o mundo físico; é também a base das atitudes humanas e desempenha um importante papel na afetividade e na cognição.

Nesse conjunto funcional são identificadas três formas de movimento: exógenas ou passivas, correspondendo aos posicionamentos que o corpo precisa ter para atingir um equilíbrio estável, tem relação com a força de gravidade; autógenas ou ativas, caracterizadas pelos deslocamentos voluntários e intencionais

do corpo ou parte deles; e, por fim, reações posturais ou de expressão, que são as mímicas e expressões corporais e faciais e são constituídas pelas atitudes que se apresentam a partir das emoções ou vivências (LIMONGELLI, 2004).

Segundo Limongelli (2004), além dessas três formas de movimento, Wallon apresenta duas funções da musculatura: a cinética e a tônica ou postural. A primeira possibilita a realização dos movimentos voluntários ou intencionais, a segunda, por sua vez, cria condições para que a pessoa possa construir seu esquema corporal e também permite a expressão das emoções. Dessa forma:

O movimento ocorre pela integração das dimensões motora, afetiva e cognitiva. Ou seja, a dimensão motora estabelece relação integrada com a dimensão afetiva predominantemente por meio da função tônica, especialmente na constituição do tônus plástico, que produz a mímica corporal ou as atitudes da pessoa. A dimensão motora estabelece relação integrada com a dimensão cognitiva predominantemente por meio da função cinética, especialmente na constituição do tônus residual, que produz os movimentos voluntários e intencionais da pessoa. (LIMONGELLI, 2004, p. 58)

Diante dessas considerações, entende-se que a dimensão motora desempenha papel fundamental para a compreensão da ação da pessoa sobre o meio físico e social: é o primeiro recurso de sociabilidade da pessoa; por meio do ato motor se dá a aproximação e a fusão com o outro, se constituindo como um recurso privilegiado para a construção do conhecimento e oferece meios para que emoções e sentimentos sejam expressos.

A dimensão motora se torna fundamental para a compreensão da timidez como emoção e de sua expressão; o enrubescimento, os tremores, a sudorese, a secura na boca, o aceleração dos batimentos cardíacos, as perturbações na linguagem (como gaguejar e falar baixo), a sensação de enfraquecimento ou rigidez dos músculos, os movimentos descoordenados e o encolhimento dos ombros são exemplos de reações posturais ou de expressão que caracterizam a timidez, conforme será visto adiante, há uma predominância da ativação fisiológica na emoção; antes, porém, abordar-se-á a dimensão cognitiva, uma das maneiras de silenciar a emoção.

### 2.1.2 A cognição

Conjunto funcional responsável pela aquisição, transformação e manutenção do conhecimento que, primeiramente, se dá de forma sincrética. O relacionamento da criança com o outro e com o mundo acontece, principalmente, por meio da inteligência prática. Com as exigências do meio e a necessidade de uma maior interação, o conhecimento vai se transformando e se torna mais preciso e elaborado (MAHONEY, 2004).

Segundo Wallon (1941/2007), outro elemento importante no processo cognitivo e no desenvolvimento do pensamento é a linguagem, pois é a partir dela que a criança consegue representar e evocar as coisas que estão naquele dado momento e integrar o ausente e o presente; diz Wallon (1941/2007, p. 155):

Sem falar das relações sociais que ela torna possíveis e que a modelaram, nem do que cada dialeto exprime e transmite de história, foi ela [linguagem] que fez transmutar-se em conhecimento a mistura estreitamente combinada de coisas e de ação em que se decompõe a experiência bruta. A bem dizer, ela não é a causa do pensamento, mas é o instrumento e o suporte indispensáveis para seus progressos.

Com a emergência e a evolução da linguagem, a criança se torna capaz de lidar com diferentes símbolos e signos e, com a redução da necessidade de se comunicar por meio de gestos, a inteligência discursiva se desenvolve:

A inteligência discursiva só poderá ter seu desenvolvimento pleno a partir da emergência da linguagem. A passagem a uma nova forma de atividade mental só ocorre quando a criança entra no universo dos signos, com o advento da linguagem, por volta dos dois anos. É a linguagem que abre a possibilidade de substituir a ação motora direta sobre as coisas abreviando a aprendizagem que já não depende da manipulação imediata e concreta (AMARAL, 2004, p.84).

O pensamento ganha expressão e pode tornar-se conhecido; no entanto, quando a timidez é desencadeada, a atividade cognitiva é afetada, causando desatenção, perda de memória e diminuição do raciocínio; tem-se como exemplo de interferência da timidez no pensamento a situação de apresentação de Vinícius de seu Trabalho de Conclusão de Curso: apesar de saber todo conteúdo do trabalho, tirou nota menor que seus colegas de grupo devido ao fato de não ter conseguido falar tudo o que tinha planejado para aquela ocasião; a preocupação com o que os

outros estavam pensando e o desconforto nessa situação de exposição e de avaliação fizeram com que Vinícius esquecesse boa parte do que iria apresentar e seu raciocínio não foi rápido o suficiente para retomar e explicar o conteúdo esquecido.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que, no caso da pessoa com timidez, os pensamentos serão expressos em sua completude por meio da escrita que, segundo Wallon (1934/1971), é um dos modos de suprimir as reações orgânicas da emoção e estabelecer um equilíbrio entre cognição e afetividade, conjuntos funcionais que são, ao mesmo tempo, antagônicos e complementares.

### **2.1.3 A afetividade**

O campo afetivo é definido por Mahoney e Almeida (2009, p.17) como “a capacidade, a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Pode-se afirmar que a afetividade está relacionada aos estados de bem-estar ou mal-estar da pessoa.

Além dessa característica, a afetividade apresenta três momentos importantes em sua evolução: emoção, sentimento e paixão. Na emoção predomina a ativação fisiológica, ou seja, é identificada pelo seu lado orgânico; no sentimento não estão implicadas reações diretas e instantâneas como na emoção; na paixão é ativado o autocontrole para que se possa dominar uma determinada situação.

Segundo Mahoney e Almeida (2005), a emoção é a exteriorização da afetividade; é um sistema de atitudes reveladas pelo tônus e das diferentes situações em que o indivíduo está exposto: “Das oscilações viscerais e musculares vão se diferenciando as emoções: medo, alegria, raiva, ciúme, tristeza [e timidez]. (...) A emoção dá rapidez às respostas, de fugir ou atacar, em que não há tempo para deliberar” (MAHONEY e ALMEIDA, 2005, p. 20).

Além de corpórea, a emoção é o recurso de ligação entre o orgânico e o social; por ter um poder plástico, expressivo e contagioso, estabelece os primeiros laços com o mundo humano e, em consequência, com o mundo físico.

A partir dos estímulos orgânicos, fonte das emoções fundamentais, suas consequências evoluem e se diferenciam sob a influência da sensibilidade por elas acionada e dos estímulos exercidos pelo ambiente social nessa sensibilidade. A preponderância primitiva das reações orgânicas tende assim, de modo lento, a se apagar diante das impressões experimentadas pelo indivíduo e a se subordinar às mesmas. À medida que mais se humaniza, uma emoção propende, pois, a se tornar mais espetacular; e quanto mais cultivado é aquele que a sente mais o espetáculo de exterioridade se inclina a se tornar íntimo. (WALLON, 1934/1971, pp. 123-124)

Conforme expressa socialmente, a emoção torna-se sujeita a interpretações de caráter individual e social/cultural que lhe vão modulando e possibilita o desenvolvimento, a sofisticação e refinamento do psiquismo humano. Dessa maneira, a emoção passa a ter um caráter social, em que as atitudes que decorrem da emoção passam pela percepção e interpretação do outro, pois deixa de ter um caráter expressivo e o indivíduo passa a nomeá-la, controlá-la ou reprimi-la, surgindo, portanto, os outros dois momentos da afetividade: o sentimento e a paixão.

Segundo Mahoney (2004), o sentimento se sobrepõe ao movimento exterior; é mais duradouro, menos intenso e tende a reprimir as emoções, impondo controles e obstáculos que quebrem sua potência, tem menos visibilidade. A paixão, por sua vez, silencia a emoção; “o apaixonado, habitualmente, se mantém senhor de suas reações afetivas. Diante de impulsos emotivos, caminha para o raciocínio” (WALLON, 1934/1971, p. 152). Com o surgimento da paixão, entende-se que existe um maior equilíbrio entre afetividade e cognição, pois para atingir os seus objetivos, a pessoa controla suas emoções e sentimentos e espera o momento certo para agir.

Diante dessas considerações, entende-se que a timidez se encontra no conjunto funcional da afetividade e, mais especificamente, pode-se definir a timidez como emoção e seus motivos são fundamentalmente psicológicos: “É o medo frente às pessoas, ou dito com maior precisão, é um medo relativo ao seu próprio eu frente aos outros” (WALLON, 1938/1985, p. 118). A timidez tem grande afinidade com o medo; em ambos há a mesma incerteza diante da atitude ou postura que se deve adotar, os mesmos tremores, inseguranças nos movimentos e a mesma desordem na postura, como o encolhimento do tônus e o congelamento ou desordem dos movimentos durante uma ação (WALLON, 1938/1985).

Além do medo, que é uma emoção, dois sentimentos estão ligados à timidez: o embaraço e a vergonha; ambos estão ligados ao mundo social e são

desencadeados na aproximação ou presença do outro. Como dito anteriormente, o sentimento busca reprimir e impor controles que quebrem as reações diretas e espontâneas da emoção; transpirar e corar, por exemplo, são maneiras visíveis de como a timidez se manifesta e, quando a pessoa tem consciência dessas reações fisiológicas, ela se percebe com vergonha ou embaraço e passa a dirigir sua atenção para si mesma, sentindo-se observada, exposta e incomodada ou com ansiedade e insegurança.

A timidez, portanto, acontece em situações sociais em que é preciso se expor e/ou se expressar e, para que não seja o objeto de atenção do outro, a pessoa tímida prefere a segurança do isolamento. No entanto, segundo Wallon (1934/1971), o método mais eficaz para se reduzir uma emoção é opor-lhe a atividade perceptiva ou intelectual, ou seja, observar, refletir ou mesmo imaginar, o que faz com que a emoção se dissipe, pois o sujeito tenta definir suas causas. Como exemplifica Wallon (1934/1971, p. 79), “Para Goethe exprimir sua inquietação numa narrativa, num poema, implicava afastá-la de si, ou seja, suprimir as reações orgânicas que a faziam sentir no íntimo. Uma amargura, ao ser narrada, perde ao mesmo tempo seu colorido visceral e puramente emocional”. Diante dessas considerações, entende-se que é nesse momento que cognição e afetividade se equilibram, pois, como mencionado, se suprimem as reações orgânicas da emoção.

#### **2.1.4 A pessoa e o papel do outro na constituição do eu**

O quarto conjunto funcional, a pessoa, expressa a integração dos demais (ato motor, cognitivo e afetividade); é a unidade do ser. Segundo Almeida (2012), a integração dos conjuntos funcionais pode ter várias configurações, refere-se à singularidade e o modo de cada um estar no mundo. Diante dessas considerações, entende-se que a constituição da pessoa se dá por meio de transformações ao longo da vida e, para que se desenvolva, depende do meio, dos grupos e da relação *eu-outro*.

Segundo a teoria walloniana, há três tipos de meios: meio físico-químico, que corresponde às condições necessárias para a sobrevivência de todos os seres vivos; meio biológico, que garante a coexistência de várias espécies e um estado de equilíbrio mais ou menos estável entre elas; meio social, ambiente de existências

coletivas variadas e mais transitórias, onde se destacam diferenças individuais. No entanto, esses meios não existem de maneira isolada, o ser humano está imerso em todos eles e estabelece relações de dependência e transformações mútuas; se constitui como um complemento indispensável ao ser humano e impõe possibilidades ou limites ao desenvolvimento motor-afetivo-cognitivo da pessoa (GULASSA, 2004).

Os grupos, assim com o meio, se caracterizam como parte constitutiva da pessoa; é o espaço das relações interpessoais e de aprendizagem, onde se constroem identidades e no qual a criança adquire consciência de si e dos outros, diz Gulassa (2004, p. 101):

O grupo é o espaço da humanização. É nele que o homem se humaniza. O homem é um ser essencialmente grupalizado.  
O grupo está inserido no meio. Existe em função da reunião dos indivíduos, quando estes mantêm relações interpessoais que determinam o papel ou o lugar de cada um no conjunto. Num meio pode haver vários grupos, quando as pessoas se conhecem, agem em comum e repartem tarefas entre si.

Diante dessas considerações, entende-se que, apesar de distintos, meio e grupos são convergentes entre si e têm um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois estão presentes na dinâmica relacional *eu-outro*; a constituição do *eu* depende essencialmente do outro e tal relação é ao mesmo tempo de acolhimento e de oposição e permeará toda a constituição psíquica do indivíduo, desde o seu nascimento até a sua morte; nas palavras Gulassa (2004, pp. 96-97):

Assim, este par dialético *eu-outro* passa a ser constitutivo do mundo psíquico, funcionando como uma bipartição íntima entre dois termos em que um não pode viver sem o outro, e ambos mantêm entre si um constante movimento de diálogo, debate, interlocução. Nesse processo, o indivíduo ora se sente na possibilidade de ser ele mesmo, e ora se percebe limitado a um *destino menos pessoal* (WEREBE, 1986) e mais sujeito às influências do meio e dos outros homens (Grifos da autora).

Segundo Wallon (1934/1971), a timidez está diretamente relacionada às reações de presença, ou seja, é uma forma de sensibilidade à presença ou aproximação do outro. Esta relação é dialética, pois ao mesmo tempo em que “eu” preciso do outro para “me” constituir, esse outro, de certa maneira, “me” desequilibra quando “eu” percebo que ele está olhando para “mim”. Ou seja, o que provoca a timidez é esta sensibilidade à presença do outro; o sujeito é afetado pelo olhar de outrem; tal olhar pode fazer com que o sujeito “cresça” ou “encolha”. Pode-se afirmar

que, para a pessoa tímida, a presença do outro faz com que os gestos, o andar, a postura tornem-se menos seguros e faz com que ela experimente um forte medo ao ter que interagir com outras pessoas e sofra uma reação emotiva com tonalidade desagradável.

Diante dessas considerações, percebe-se que a relação *eu-outro* é contraditória, pois, segundo Gulassa (2004), o eu e o outro vivenciam constantemente e ao mesmo tempo, uma parceria de complementaridade e mantêm uma luta de oposição e diferenciação. No caso da timidez, esta relação, portanto, também se mostra contraditória e conflituosa, pois ao mesmo tempo em que a pessoa tímida não quer ser notada, para não ser objeto do olhar e julgamento do outro, ela precisa desse olhar para se constituir como sujeito. E, para “enfrentar” o outro que a constitui e a desequilibra, o tímido, para se mostrar em sua totalidade, utiliza recursos tais como a expressividade por meio da escrita, tal como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius, participante deste estudo.

## Capítulo 3: A Pesquisa

### 3.1 Construção do Problema de Pesquisa

Durante a revisão bibliográfica para este estudo, conforme explicitado no capítulo 1, dois aspectos chamaram a atenção: o primeiro refere-se ao fato de que a timidez é um tema pouco estudado no âmbito acadêmico e, portanto, abre possibilidades para pesquisas com recortes variados e/ou para o aprofundamento do que foi visto até o momento. O segundo aspecto tem a ver com o incômodo ao se verificar que, independente da área de estudo, a timidez é geralmente concebida como dificuldade. Trata-se, em geral, de afirmar as dificuldades que a pessoa tem em interagir com o outro e tem como consequência o isolamento, a invisibilidade e as situações de violência como o *bullying* escolar. Nota-se, portanto, que o foco dos artigos, dissertações e tese encontrados é o sofrimento vivenciado pela pessoa tímida nos âmbitos familiar, escolar e/ou profissional e, assim, a timidez é vista como algo que é preciso superar e vencer.

A partir desses dados, sentiu-se a necessidade de se aprofundar nessa questão e, assim, surge um primeiro questionamento:

- Por que a timidez é vista em geral como algo negativo e ruim?

Em princípio, tem-se como resposta o que se mostra e se propaga nos livros de autoajuda; percebe-se que há uma valorização de características associadas ao mundo dos negócios, tais como: falar bem em público, ser comunicativo, extrovertido, proativo, dinâmico, corajoso, aberto às novidades e adaptar-se com facilidade às mudanças. A timidez é considerada como algo limitante e que impede as pessoas de serem bem sucedidas nos relacionamentos e nos âmbitos profissional e social de suas vidas, portanto, uma característica que deve ser vencida ou superada. Por sua vez, nos estudos acadêmicos, a timidez é vista como causa de uma comunicação pouco eficaz, inibe a expressão de ideias, opiniões e sentimentos, prejudica os relacionamentos pessoais e profissionais e é, com frequência, acompanhada por sentimentos de inferioridade, de ansiedade e de solidão. Essas constatações levaram a um segundo questionamento:

- Existem aspectos positivos na timidez que, no entanto, não são foco de atenção e de importância?

A leitura do material coletado na revisão bibliográfica apresenta de maneira superficial os aspectos que os autores consideram positivos na timidez, a maioria tem como base os estudos de Axia (2003) e de Zimbardo (2002). Para a primeira autora, a timidez serve como alerta e proteção diante de situações perigosas. Zimbardo (2002), por sua vez, atribui como características positivas a introspecção, a simplicidade, a modéstia, a discrição, o anonimato e a proteção que a timidez proporciona às pessoas; tais atributos não são desenvolvidos por esses autores e nem pelos estudos que os têm como base. A insatisfação com o que foi encontrado foi motivo para voltar-se à dissertação de mestrado, intitulada “Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade” (VIEIRA, 2010), pois observou-se que uma das maneiras da pessoa tímida se comunicar e se expressar em sua totalidade é por meio da escrita, conforme evidenciado por Vinícius<sup>9</sup>, um dos participantes da referida pesquisa. Na época que concedeu as entrevistas, Vinícius considerava a escrita de poemas como uma de suas atividades mais significativas; era a forma que havia encontrado para se comunicar consigo mesmo e a maneira como buscava seu autoconhecimento e revelava seus sentimentos:

(...) eu acho que todo tímido tem uma qualidade oculta que mostra para poucos ou para ninguém, é assim que eu penso.

Não sei... talvez mudando aquela frase, os tímidos, todos, têm uma válvula de escape diferente, que não é uma coisa normal que todo mundo pode usar... Dirigir todo mundo pode fazer, andar de bicicleta todo mundo pode fazer. Então... eu acho que a válvula de escape dos tímidos deve ser uma coisa particular, que só ele consiga fazer daquela maneira ou daquela particularidade em si [silêncio]. Uma coisa que só ele entenda...

Nota-se que, ao escrever, Vinícius se mostra; sua essência se sobrepõe à aparência, pois é a sua expressão máxima, o que lhe permite aproximar-se do conhecimento de si próprio. Diante dessas considerações, tem-se como hipótese que a escrita pode ocupar um lugar central na expressividade afetivo-emocional de pessoas consideradas tímidas e, assim, pergunta-se:

- Qual a relação entre timidez e expressividade afetivo-emocional?

---

<sup>9</sup> Nome fictício

- A escrita sendo meio de expressão e de comunicação pode ser elemento de constituição da identidade da pessoa com timidez?
- Quais os elementos de expressão da escrita na timidez?
- Qual o lugar da categoria contradição na relação entre timidez e expressividade-afetivo emocional?

## **3.2 Objetivos**

### **3.2.1 Objetivo Geral:**

Compreender a relação entre timidez e expressividade afetivo-emocional na escrita por meio da história de vida do participante Vinícius e da biografia de Carlos Drummond de Andrade e de seus poemas.

### **3.2.2 Objetivos Específicos:**

Identificar, analisar e interpretar como a relação timidez-poesia pode ser um dos elementos que constituem as identidades do participante Vinícius e do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Compreender a expressão da timidez na produção poética do participante Vinícius e de Carlos Drummond de Andrade.

Verificar o lugar da contradição na relação timidez-expressividade afetivo emocional

## **3.3 Procedimentos metodológicos de coleta e de análise de dados**

Neste estudo, que tem como propósito compreender a relação entre timidez e expressividade afetivo-emocional na história de vida do participante Vinícius e na biografia de Carlos Drummond de Andrade, para o primeiro, adotou-se o método de história de vida e (auto)biográfico para a coleta de dados; segundo Josso (2008), ao se trabalhar com questões identitárias, por meio da análise e da interpretação das narrativas de vida e da biografia, é possível evidenciar a pluralidade e as mudanças que o sujeito vivencia ao longo de sua vida; além disso, esse método permite o reconhecimento dos aspectos cognitivos, afetivos, históricos, culturais e sociais nas experiências de vida, nas relações e atividades profissionais do sujeito:

(...) essa abordagem abraça a globalidade da pessoa em articulação com as suas dinâmicas psico-sócio-culturais. A história de vida narrada é, assim, uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade que oferece, para a reflexão do seu autor, oportunidades de tomada de consciência dos vários registros de expressão e de representação de si (JOSSO, 2008, p. 19).

Segundo Delory-Momberger (2006), a narrativa é o primeiro momento do processo de produção de uma história de vida, que só começa a partir do trabalho de reflexão e de análise feito sobre a narrativa; a linguagem é o espaço onde se fabrica, ao mesmo tempo e indissociavelmente, uma “história” e o “sujeito” dessa história. Assim, entende-se que é possível representar a narrativa de vida como um balanço prospectivo, pesquisando, no reconhecimento do passado, orientações para o futuro.

Ao se adotar este método para a coleta de dados deve-se estar atento para duas características da narrativa: a primeira delas refere-se ao fato de que “A vida recontada não é a vida”, e sim construções narrativas que o sujeito faz ao contar a sua vida e, a segunda, ao fato de que a narrativa como objeto de linguagem se constitui no tempo e no espaço de uma enunciação e de uma interrelação singulares; a narrativa é instável, transitória, viva, ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói o sentido da história que anuncia; é um processo marcado por avanços e retrocessos, ganhos e perdas, ambiguidades, rupturas e descontinuidades (Delory-Momberger, 2006).

Diante dessas considerações, para a compreensão da constituição da identidade na história de vida de Vinícius optou-se pelo relato oral e, como instrumento de coleta de dados, pela entrevista não diretiva e reflexiva; segundo Szymanski (2000), a entrevista reflexiva busca uma horizontalidade nas relações entre pesquisador e participante, ambos são protagonistas e constroem um novo conhecimento;

(...) o significado é construído na interação. Há algo que quem entrevista está querendo conhecer, utilizando-se de um tipo de interação com quem é entrevistado, que tem aquele conhecimento, mas que irá dispô-lo de uma forma única, naquele momento, para aquele interlocutor. Muitas vezes esse conhecimento nunca foi exposto numa narrativa, nunca foi tematizado. O movimento reflexivo que a narração exige acaba por colocar quem é entrevistado diante de um pensamento organizado de uma forma inédita até para ele mesmo. (SZYMANSKI, 2000, p. 196)

Na história de vida é o participante quem decide o que deve ou não ser contado e, mesmo que o entrevistado fuja do tema proposto, é importante deixá-lo discorrer livremente, e depois verificar os possíveis entrelaçamentos do fenômeno estudado; a memória é dinâmica, está sempre em reconstrução e, dessa forma, o que foi relatado não deve ser interpretado e apresentado como algo definitivo e estanque, mas “como um instantâneo que congela um momento, mas traz no seu bojo a possibilidade de transformação” (SZYMANSKI, 2000, p. 213).

Ainda sobre a entrevista de Vinícius, é importante ressaltar que, ao contrário das duas que ocorreram para a dissertação de mestrado, em que o participante relatou sua história desde o nascimento até aquela ocasião, com foco nas situações de timidez, nesta fez-se um recorte temporal e temático com os objetivos de conhecer o que mudou e o que permaneceu nos últimos seis anos e de se aprofundar sobre a atividade de escrita de poemas, buscando apreender o sentido que o participante dá a essa atividade nos dias atuais.

Por sua vez, o caminho para o estudo da vida de Drummond está dividido em três momentos: o primeiro se refere ao conhecimento da obra poética do autor; o segundo à tentativa de “habitar a vida” do autor eleito para a investigação e o terceiro à apreensão dessa vida, o momento histórico do qual ela faz parte (Amaral, 1998). Para tanto, os instrumentos de coletas de dados adotados serão escritos autobiográficos, portanto, de fonte primária, tais como: as correspondências com Mário de Andrade (2003; 2015), por apresentarem um tom confessional entre ambos; biografias em fonte secundária: “Os sapatos de Orfeu” (CANÇADO, 2012), “Dossiê Drummond” (MORAES NETO, 2007) e “Cadernos de Literatura Brasileira: Carlos Drummond de Andrade” (IMS, 2012) e serão selecionados alguns poemas como exemplos da constituição identitária de Carlos Drummond de Andrade e de sua relação com a timidez. Entende-se que a história e a biografia, além de proporcionar o conhecimento de um momento histórico e de uma vida, revela o porquê e o como de uma produção, neste caso, a literária (Paz, 1956/2012).

Após a coleta de dados por meio do relato da história de vida de Vinícius e dos documentos (auto)biográficos referentes a Carlos Drummond de Andrade, a análise do material é fundamentada na teoria de Henri Wallon, conforme explicitado no capítulo 2 deste estudo; entende-se que a análise e a interpretação dos dados deve ser pautada por critérios; para tanto, optou-se por dividir a apresentação dos

dados em dois momentos: o primeiro, a revisitação da narrativa de Vinícius e a apresentação alguns dados (auto)biográficos de Carlos Drummond de Andrade, a utilização de alguns poemas e correspondências como expressão dos fatos apresentados; o segundo, e principal momento, tem como base a tese de livre-docência de Lígia Assumpção Amaral (1998), em que é escrita uma narrativa de semificção em que se entrecruza duas vidas: a do participante Vinícius e a do poeta Carlos Drummond de Andrade.

### **3.4 A escolha do participante Vinícius e do poeta Carlos Drummond de Andrade**

A escolha por revisitar a narrativa de Vinícius deu-se pela necessidade de se aprofundar no sentido que o participante atribui à escrita de versos/poemas em sua existência; apesar desse aspecto ter sido objeto de análise, a dissertação teve como foco as situações de exclusão e de violência que Vinícius sofreu no âmbito escolar. Por sua vez, a escolha pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, além de ser por um gosto pessoal, conforme foi explicitado na Apresentação, é por considerar que sua (auto)biografia traz elementos para a compreensão da contradição entre timidez e expressividade afetivo-emocional, pois, ao contrário de Vinícius, que não guarda e mostra para poucos o que escreveu, Drummond expõe para o “mundo” sua profícua produção literária e é considerado por muitos como o maior poeta do Brasil.

No entanto, uma ressalva deve ser feita: este estudo não tem a intenção de delimitar que todo poeta/escritor é tímido e que todo tímido é poeta/escritor, mas o de compreender que a escrita pode ser um meio de expressão das emoções e sentimentos que a timidez “oculta”, pois ela acaba se sobrepondo e fazendo com que a pessoa fique desconcertada perante o outro; assim, tanto Vinícius quanto Drummond tornam-se representantes de um grupo de pessoas tímidas que encontraram na escrita um meio de dizer aquilo que não conseguem verbalizar.

## **Capítulo 4:**

### **Apresentação dos dados**

Como dito anteriormente, a apresentação de dados foi dividida em dois momentos: o primeiro traz a análise da entrevista concedida por Vinícius para esta pesquisa e alguns dados biográficos de Carlos Drummond de Andrade considerados importantes para a compreensão da timidez como elemento constitutivo de sua identidade; utilizou-se para compor a história de vida do poeta alguns poemas e trechos de correspondências com Mário de Andrade. O segundo momento, por sua vez, é inspirado na tese de livre-docência “Deficiência, vida e arte” (AMARAL, 1998); nele é apresentada uma narrativa de semificação em que as duas vidas se entrecruzaram, vale ressaltar que, a proposta de Lígia Amaral é a escrita de um roteiro de teatro, no entanto, o texto apresentado nesta tese se aproxima do formato de conto em que há a escolha e a delimitação de um acontecimento e, portanto, apresenta um aspecto mais condensado diferenciando-se de outras narrativas em prosa.

#### **4.1 Antes de continuar é preciso voltar a falar em primeira pessoa para alguns esclarecimentos**

Nas últimas linhas da *Apresentação* menciono as principais pessoas que me ajudaram na construção desta tese e, ao me referir ao professor Lineu Kohatsu, escrevo sobre sua presença constante ainda que indireta, o que será explicado posteriormente; ao me deparar com este capítulo percebo que o momento chegou.

Conheci o professor Lineu em meu exame de qualificação para o mestrado e, entre as contribuições que me foi dada naquele dia, falarei de uma em especial, a maneira como conheci Lígia A. Amaral por meio da indicação do livro “Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo”; o jeito com que Lineu falou de Lígia fez com que no restante daquele dia meu pensamento fosse o de que eu precisava conhecer aquela mulher e, assim que saí da PUC, fui direto para a Livraria Cultura comprar o livro que ele indicou.

Lembro-me que a primeira leitura desse livro foi feita sem pausas, a história de Lígia me prendeu de tal maneira que não conseguia me separar dele; em uma segunda leitura fiz diversas anotações para os meus estudos que, apesar de nem todas terem sido aproveitadas em minha dissertação, “Resgatando o passado” foi fundamental para o meu entendimento de questões ligadas à inclusão tanto no âmbito escolar quanto no social e, mais importante, é um dos livros que considero como um ensinamento para minha vida.

A partir daquele momento e, em especial, durante os quatro anos de doutoramento, minha relação com Lígia Amaral foi ficando cada vez mais forte e sempre tendo como intermediário o professor Lineu por meio, de sugestões, de arguições e daquele mesmo jeito respeitoso e com admiração com que me falou dela pela primeira vez. No final de junho de 2015, no exame de qualificação (agora do projeto de doutorado), Lígia Amaral aparece como uma solução procedimental para a apresentação dos dados da tese.

Em um primeiro momento, a leitura de “Deficiência, vida e arte” tinha como objetivo compreender o método criado pela autora em sua pesquisa; no entanto, logo nas primeiras páginas percebi que a tese de livre-docência foi dividida em duas partes: na primeira, há o percurso e a avaliação de toda sua trajetória profissional e, na segunda, a sua última pesquisa até aquele momento. Se os fins fossem estritamente acadêmicos, poderia ter começado pela segunda parte; no entanto, as palavras de Lineu no exame de qualificação, ao se referir a ela como sua mestra, me motivaram a mergulhar na história de vida de Lígia e, quando percebi, estava totalmente envolvida ao ponto de, em muitos momentos, me emocionar e de sentir aquele nó na garganta antes das lágrimas caírem; também notei que o uso da primeira pessoa era algo que ela sentia a necessidade de justificar como se pode ler na epígrafe escolhida por ela e, mais adiante, por exemplo, no seguinte trecho:

(...) um dos aspectos mais significativos de meu trabalho era exatamente esse resgate da “primeira pessoa” – essa inovadora forma de levar para a “Academia” um momento em que o diferente, como outras “categorias”, se apossa do Conhecimento e fala em seu próprio nome (ou a partir de sua própria “verdade”). (AMARAL, 1998, p. 27).

E, com essa frase, percebo que Lígia vai me guiando pela sua história de vida e me mostrando que, em alguns momentos, é necessário que o diálogo com o que

foi aprendido seja autorreflexivo e, como ela mesma diz, é preciso “ver transformada a aridez de uma pesquisa em verdes campos do prazer de saber, de fruição” (AMARAL, 1998, p. 124).

Com o término da leitura de alguns aspectos da vida acadêmica e profissional de Lúcia avanço para a segunda parte da tese, a pesquisa “A (in)expressão da deficiência: revisitando Anita Malfatti e Frida Kahlo”; sigo os passos de Lúcia e me deparo com ensinamentos sobre o encontro entre Psicologia e Arte; a Arte é entendida como um fazer humano, é construção, conhecimento e expressão; o produto artístico “é o ponto de confluência dos afetos, das paixões, da vida interior do artista – ressoando em meus afetos, em minhas paixões, em minha interior” (AMARAL, 1998, p. 106). E, por ser uma atividade, há o trabalho com os aspectos formais para que se alcance o efeito que se deseja produzir; no encontro com a Psicologia, cria-se a possibilidade de infinitas leituras individuais, pois depende do modo como cada sujeito faz a leitura de seu mundo e é afetado por determinada obra.

Diante dessas considerações, penso em algumas características que determinam uma poesia ser considerada uma obra de Arte; segundo Pignatari (2005), a poesia utiliza elementos da analogia, perturbando a lógica discursiva, fazendo com que a poesia seja mais próxima da música e da pintura do que da literatura. O pensamento analógico é o pensamento das formas, o que implica imprecisão, falibilidade, plasticidade, dinamismo, medidas imprecisas por aproximação ou comparação em vez da soma ou da divisão das coisas em partes como no pensamento lógico:

A questão da poesia é esta: dizer coisas imprecisas de modo preciso. As artes criam modelos para a sensibilidade e para o pensamento analógico. Uma poesia nova, inovadora, original, cria modelos novos para sensibilidade: ajuda a criar uma sensibilidade nova (PIGNATARI, 2005, p. 53).

Outro elemento que faz parte da lógica do pensamento poético é a condensação – comprimir, contrair, saturar -, a forma mais condensada da expressão verbal. Mesmo com uma infinidade de palavras disponíveis, o poeta escolhe aquelas que são suficientes para o fazer poético, relacionando-as entre si e não apenas formando um amontoado de sentenças; é extrair da palavra o essencial,

pois o poeta não soma, ele mostra, concretiza, sugere correlações, por semelhança ou contraste, entre significados e ideias.

Além dessas características, a obra literária é parte de um determinado momento histórico e compreender esse tipo de arte auxilia no entendimento de cada tendência e de cada estilo; depois desse momento em que conversei com as considerações de Lígia e com o que estudei no curso de especialização em Literatura, avanço mais um pouco na leitura de “Deficiência, arte e vida”. Nas próximas páginas encontro a justificativa pela escolha de Anita Malfatti e de Frida Kahlo como “objetos” de pesquisa e os procedimentos de coleta e análise de dados, os quais me auxiliam na composição dos dados biográficos de Carlos Drummond de Andrade e na seleção dos poemas que considere bons exemplos para a apresentação dessa parte da pesquisa.

Ao chegar à leitura do roteiro de teatro escrito por Lígia, me deparo com a questão de que, na realidade, não são apenas as vidas de Vinícius e de Carlos Drummond de Andrade que se entrecruzam no texto escrito por mim, a minha história de vida também, e vem ao pensamento que, desde a *Apresentação*, há fortes ressonâncias de mim mesma nesta tese que vão desde eu escrever sobre os caminhos que percorri para chegar ao tema, ao participante e ao autor estudado, até por minhas escolhas referentes ao referencial teórico, ao método, coleta e apresentação dos dados que, como já mencionado, é dividido em dois momentos: o primeiro está mais preso às exigências da academia e o segundo mais solto, pois da mesma maneira que Lígia (1998, p.123), me permito “um certo voejar, deixando aflorar as imagens para então capturá-las e bordar as frases que delas falarão”. Assim, esclareço que somente o encontro entre esses dois homens é o resultado da minha imaginação, os acontecimentos na vida de ambos são reais e estão documentados nas entrevistas concedidas por Vinícius e nas biografias e estudos sobre Drummond.

## 4.2 A Narrativa de Vinícius: seis anos depois



Imagem retirada do site: < <http://www.1000imagens.com> >

Intitulada: “Líquidos Cristais”

Autor: António Durães

*“Eu sou como o rio que veio ao céu se apaixonar  
E aprendeu a evaporar para seus lábios o céu tocar  
não tendo forças para subir às alturas,  
Caiu em lágrimas em forma de chuva  
Voltando a ser rio para morrer na beira do oceano.”  
(Vinícius)*

## **Condições da entrevista com Vinícius**

Assim como no mestrado, o contato inicial e o convite feito a Vinícius para participar deste estudo foi realizado por telefone; com a aceitação do participante e, após algumas tentativas que não se concretizaram, por questões relacionadas à demanda de serviços no escritório em que o participante trabalha, conseguiu-se agendar o encontro para o dia 17 de agosto de 2016, às 18h, em um shopping próximo ao local de trabalho de Vinícius.

No dia do encontro, o participante estava à espera da pesquisadora e, ao se encontrarem, por já apresentar familiaridade com o fato de a entrevista ser gravada, Vinícius se preocupou em se dirigir a um local com pouco barulho e com poucas pessoas ao redor; ao caminharem para o lugar sugerido por ele foi possível conversarem sobre o objetivo do estudo e foi ressaltado pela pesquisadora que as duas entrevistas concedidas por ele para a dissertação foram inspiradoras para se pensar na relação timidez e expressividade por meio da escrita e, dessa forma, sentiu-se a necessidade de convidá-lo para participar deste segundo estudo e de realizar uma nova entrevista depois de seis anos do primeiro; a reação esboçada por ela foi de contentamento e, com sua timidez, apenas disse: “Entendi, que bom que ajudei”.

Quando chegaram ao local sugerido por ele, foi pedido que ele fizesse a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento que informa as questões éticas e de sigilo da pesquisa, e que se ele tivesse alguma dúvida ou objeção sobre algum item, poderia perguntar; Vinícius aceitou todas as condições apresentadas e assinou o referido documento, autorizando o uso de dois gravadores durante a entrevista.

Como dito anteriormente, na época do mestrado foram realizadas duas entrevistas com o participante e, pelo fato de a dissertação ter sido composta pela narrativa da história de vida de Vinícius, a pesquisadora preparou um arquivo com trechos dessas entrevistas que abordam questões sobre a timidez na família, no trabalho, nas relações interpessoais, na comunicação, na escrita de poemas e nas tentativas de superação da timidez. Assim, foi pedido a Vinícius que fizesse uma leitura do arquivo impresso e ficou combinado que o tema da escrita de poemas

fosse o último a ser discutido e, portanto, deu-se início à entrevista com a pergunta: **“O que aconteceu nesses seis anos? E, do que está escrito nesses trechos, o que mudou e o que permaneceu?”**

Apesar de se mostrar à vontade com os gravadores em cima da mesa, percebeu-se uma sensação de desconforto em Vinícius quando se entrava em assuntos de ordem pessoal, como a família e o atual namoro; compreendeu-se que era importante respeitar a barreira imposta por ele e seu silêncio e não insistir em algo que ele não queria falar; assim, os conteúdos verbalizados e mais detalhados estão relacionados ao seu trabalho no escritório de contabilidade e à comunicação com seus colegas de profissão.

Com o término dessa primeira parte da entrevista, a pesquisadora pediu a Vinícius que realizasse a leitura dos trechos em que ele falava sobre a poesia e a atividade de escrita, no entanto, por considerar que não poderia lembrar de tudo o que estava escrito; o participante propôs à pesquisadora que fossem feitas perguntas com base naquele material. A proposta foi aceita pela pesquisadora e iniciou-se a segunda etapa da entrevista, com algumas perguntas sobre como estava a questão da escrita de versos e poemas; nesse momento notou-se que Vinícius parecia mais aberto para falar de si próprio e de seus sentimentos, mas ainda com resistências.

Ao término da entrevista, que teve a duração total de uma hora e quarenta minutos, a pesquisadora informou a Vinícius que, após a transcrição, faria a devolutiva para ele de tudo o que foi conversado; no entanto, o participante afirmou que não queria ler o material transcrito e que autorizava o seu uso integral.

Após esse encontro, a pesquisadora escutou algumas vezes a gravação e começou a transcrever a entrevista; essa etapa demorou um pouco mais de duas semanas para ser concluída. A transcrição foi levada para sua orientadora fazer a leitura e, durante uma conversa com a orientadora, em que foram compartilhadas as primeiras impressões, optou-se por não realizar uma quarta entrevista e sim trabalhar com os dados desta e das anteriores, pois compreendeu-se que se estava diante de um Vinícius “fechado” e que os silêncios dizem muito sobre o processo de constituição de sua identidade e da sua relação com a escrita como forma de expressão de suas emoções e de seus sentimentos.

A pesquisadora entrou em contato com Vinícius para informar que não precisaria de outra entrevista e perguntou se a decisão em não ler a transcrição se mantinha; apesar da resposta afirmativa do participante, a pesquisadora entregou uma cópia do material e sugeriu que ele escrevesse um pouco sobre o sentido da poesia em sua existência; no entanto, até o momento, não se obteve resposta; vale ressaltar que a demora em conseguir agendar um horário com o participante, o desconforto ao falar de questões pessoais e o silenciamento referente à última solicitação são dados importantes para a análise da entrevista, pois, ao contrário das entrevistas concedidas para o mestrado, em que se percebia um Vinícius alegre, comunicativo e disposto a falar sobre qualquer tema, esta entrevista mostra uma fala sem grandes alterações no tom de voz, ou seja, um Vinícius com pouca emoção, apagado e desmotivado diante da vida.

Assim, com essas questões em mente, deu-se início à análise dos dados coletados; a primeira parte teve como finalidade delimitar os temas abordados por Vinícius e a entrevista foi marcada por cores: Família (roxo); Amigos (laranja); Namoro atual (rosa); Liderança Profissional (verde); Comunicação no trabalho (amarelo); Timidez (azul); Não enfrentamento diante de pessoas e de situações que incomodam (cinza); Poesia (vermelho escuro) e Vinícius por ele mesmo (azul escuro).

A partir dessa primeira delimitação, os temas foram agrupados em cinco eixos temáticos; são eles: **Vida Pessoal** (família, amigos e namoro atual); **Vida Profissional** (liderança e comunicação); **Aspectos da timidez (não) superados** (timidez e não enfrentamento diante de pessoas e de situações que incomodam); **Poesia: o sentido da escrita em sua existência** (poesia); **Autoimagem** (Vinícius por ele mesmo).

Com a definição dos eixos temáticos, foi elaborado, para cada um deles, um quadro com três colunas: 1-) Tema, 2-) Citações correspondentes a cada tema (trechos integrais da entrevista) e 3-) Comentários da Pesquisadora. Na segunda coluna, as palavras e frases consideradas importantes pela pesquisadora foram grafadas em negrito e foi possível observar que, além de timidez, as palavras-chave da narrativa de Vinícius são: rejeição, mecanização, máscara e desabafo. Por sua vez, a terceira coluna é composta por comentários, impressões e interpretações da

pesquisadora com a finalidade de contribuir para as primeiras articulações com a teoria da adotada.

Na dissertação de mestrado, a narrativa de história de vida de Vinícius foi apresentada desde o nascimento até o momento que o participante foi entrevistado; para este estudo, no entanto, não foi possível identificar, na narrativa, uma ordem cronológica dos fatos e optou-se por compor e apresentar sua narrativa por meio dos eixos temáticos delimitados. Ainda que as anteriores sejam utilizadas, o foco está na última entrevista, ou melhor, nos últimos seis anos de Vinícius. No entanto, considera-se importante que a história de vida do participante seja compreendida em sua totalidade; para tanto, cada eixo temático será apresentado da seguinte maneira: 1-) resumo explicativo com o conteúdo analisado no mestrado, 2-) Fala(s) do participante sobre o momento atual intercalada(s) com algumas interpretações da pesquisadora, 3-) Interpretação e análise da pesquisadora sustentada pela abordagem teórica adotada neste estudo.

### **(Re)Apresentando Vinícius**

Vinícius tem 33 anos, nasceu em São Paulo e mora com seus pais e suas duas irmãs; é o primeiro filho de um casal de origem nordestina, seu pai trabalha como vendedor autônomo e sua mãe é dona de casa. A escolarização de Vinícius deu-se em escolas públicas; conforme o estudo feito no mestrado, durante o Ensino Fundamental, vivenciou diversas situações de exclusão na escola e sofreu perseguições e humilhações de diversos tipos, como colarem um papel em suas costas escrito “Chuta-me” e jogá-lo no lixo, por exemplo. A passagem pelo Ensino Médio foi mais tranquila e prazerosa para ele, pois um de seus amigos de infância estudava na mesma escola e ele passou a integrar o grupo desse amigo. Ao término do Ensino Médio fez um curso técnico em contabilidade, começou a trabalhar na área aos 18 anos de idade como auxiliar e, três anos depois, iniciou a graduação em Ciências Contábeis, concluindo-a em 2008. Atualmente, Vinícius trabalha em um escritório de contabilidade como contador e lidera uma equipe de dez funcionários.

## Eixo Temático 1

### Vida pessoal: “eu não tenho uma facilidade de me abrir”

Neste eixo temático foram agrupados os temas referentes à família, aos amigos, ao namoro atual de Vinícius e questões de ordem pessoal que, por não ficarem resolvidas, contribuem para a constituição de um Vinícius “fechado” em si mesmo e que pouco revela os fatos, emoções, sentimentos, sonhos e desejos que permeiam sua vida. Para se compreender as mudanças e permanências em sua trajetória pessoal, faz-se necessário retomar alguns aspectos da narrativa de seis anos, atrás começando pelo relacionamento entre Vinícius e sua família.

*Os<sup>10</sup> pais de Vinícius vieram do Nordeste para São Paulo um ano antes de seu nascimento; ele é o filho mais velho e tem duas irmãs: uma é dois anos mais nova que ele e a outra, treze anos. Para diferenciar-se de ambas, ele define a primeira como sendo nervosa e agitada e a segunda como brincalhona e palhaça, enquanto ele é introvertido e tímido.*

*O início de sua infância é marcado pela tentativa de Vinícius chamar a atenção de seus pais e de familiares próximos por meio de travessuras e mentiras (histórias fantasiosas) que tinham como resultado castigos, broncas e uma educação mais rígida; relata que sempre existiu uma proximidade maior com sua mãe e com suas irmãs, diferente de seu pai que era ausente por conta de seu trabalho como caminhoneiro e por seu autoritarismo quando estava em casa em dias de folga; um dos episódios que marcaram o relacionamento entre pai e filho de maneira negativa foi na ocasião em que Vinícius convidou um amigo para participar de um churrasco em sua casa; a iniciativa do filho foi recebida com irritação e desaprovação pelo pai e tal reação fez com que Vinícius se sentisse rejeitado naquele momento e é considerado por ele como um trauma. A educação rígida e o distanciamento na relação entre pai e filho são elementos que contribuíram para a manifestação da timidez em Vinícius e para uma atitude mais introvertida no âmbito familiar que perduram nos dias atuais.*

Então... [sensação de desconforto] na família continua do mesmo jeito. Não mudou muita coisa. Às vezes eu não... até mesmo dentro da família, eu

---

<sup>10</sup> Os resumos explicativos foram marcados em itálico por terem como base as entrevistas e a análise realizada para a dissertação de mestrado: “Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade” (VIEIRA, 2010) e é uma maneira de distinguir da entrevista e discussão atuais.

acho que já tinha falado isso há seis anos atrás, eu não tenho uma facilidade de me abrir. Mesmo dentro da família. Embora sejam pessoas muito próximas. Eu acho que tinha falado isso...

Ao falar da família percebe-se uma sensação de desconforto em Vinícius, apesar da proximidade, não existiria segurança para compartilhar seus problemas com eles, pois seria uma exposição de seus sentimentos.

É porque o que acontece muito com família é eles acharem que podem resolver o seu problema, comentar sobre aqui e você não aceitar. Existe uma rejeição por minha parte também.

Porque por exemplo, eu posso falar de um problema para o meu pai, minha mãe, minhas irmãs aí: “Ah, você deve fazer isso.”, só que como eu não sou eles, eu não sou o ativo para resolver dessa forma, porque eu não consigo, eu não resolvo da seguinte forma, então, às vezes, eu me calo para não ter aquela pessoa ou familiar me cobrando: “Ah, você já resolveu isso daquela forma?”, porque eu não vou conseguir resolver daquela forma, porque eu já enxergo de forma diferente. Eu prefiro deixar passar e ver o que vai acontecer do que interromper.

Diz ele que os problemas não são abertos para a família, pois considera que pode interferir em suas decisões; por ter uma atitude passiva, prefere deixar que os problemas se resolvam por si próprios, pois, para ele, o confronto com o outro é difícil. Segundo Vinícius, não compartilhar com sua família problemas e momentos ruins que ele vivencia é uma rejeição por parte dele, o medo da reprovação faz com que ele não se exponha nessas situações negativas.

É outro personagem, diferente do Vinícius do trabalho. É diferente, não é o mesmo personagem. Porque o Vinícius filho e irmão é tratado de outra forma, ele se comporta de outra forma...

Por mais que o Vinícius filho, (...), às vezes, está mais perto do real do que o Vinícius do trabalho.

Porque ele é mais aberto. Querendo ou não, é família que está ali com você. Embora [ênfase no “embora”] os problemas não sejam abertos para eles.

Segundo Ciampa (1987/2007), ao assumir uma personagem nas relações com outras pessoas, o sujeito mostra apenas alguns possíveis papéis e não a sua totalidade; no caso de Vinícius, diante dos pais e das irmãs, o personagem que aparece é o “Vinícius-filho e irmão”. No entanto, nota-se que não é somente no âmbito familiar que existe dificuldade para se abrir e se expor às pessoas que estão

próximas a ele; outro exemplo no aspecto da vida pessoal se refere aos seus relacionamentos amorosos.

*Há seis anos, Vinícius relatou que tivera duas namoradas e ambos os relacionamentos foram longos e estáveis; o primeiro durou três anos e o segundo dois anos e meio; não se sabe como foram esses relacionamentos, pois Vinícius conta apenas sobre a dificuldade de apresentá-las à sua família e de conhecer os pais delas; existe uma necessidade de aprovação pelos dois lados e, ao mesmo tempo, esse momento de avaliação o coloca como centro das atenções, o que pode ser um motivo para sua timidez se manifestar e, também, ainda que não declarado, a possibilidade de sofrer uma rejeição.*

Desde o ano passado, após quase seis anos do término do segundo namoro, Vinícius está em um “relacionamento sério” com uma moça que, diferente das anteriores, reside em um bairro distante do local onde ele mora. A distância física entre os dois não permite que eles se encontrem todos os dias, somente aos finais de semana. Tal fato é considerado por ele como um dificultador para que se conheçam mais rápido e tenham uma proximidade maior.

(...) como ela mora longe, a gente só se vê uma vez por semana, então não é uma coisa tão ali, todo dia. Porque quando você vê uma pessoa todos os dias, o seu processo de conhecimento é mais rápido, vocês acabam se conhecendo mais rápido. Diferente do fim de semana.

No entanto, depois de quase seis anos sem um relacionamento estável, percebe-se que existe uma resistência por parte dele para vivenciar o namoro desde o início.

(...) porque na verdade para eu começar a namorar foi um pouco difícil. Não foi tão fácil.

Ah, porque eu tive vergonha, tive receio. Podia ter a rejeição. A rejeição é sempre a pior hipótese do tímido. Porque o tímido sempre fica com medo: "Ah, ela vai dizer não...", porque se houvesse a certeza do sim, não existiria o problema da rejeição, talvez. De você achar: "Ai, nossa...", aí vem aquela vergonha, aquela aceleração, e mesmo assim... consegui, né? Mas, talvez, não porque houve uma grande iniciativa da minha parte, mas porque teve uma iniciativa da parte dela também, o que me deixou mais seguro para tentar.

Os obstáculos para o começo do namoro estão ligados à reação física da emoção timidez (aceleração dos batimentos cardíacos), ao sentimento de vergonha e ao medo de ser rejeitado; nota-se que, neste caso, há um predomínio da emoção em todos os conjuntos funcionais e que só foi amenizado porque houve a iniciativa do outro.

Não houve uma iniciativa da minha parte. A gente estava ficando, aí ela perguntou e a gente acabou engatando em um namoro. Foi exatamente isso. Não houve uma iniciativa de nada assim: "Ah, você quer namorar comigo?", não foi. Não foi assim. Não foi dessa forma.

A gente acabou ficando algumas vezes... Na verdade, eu nem pedi para ficar com ela, do nada aconteceu um beijo. A gente estava em um lugar, aí rolou um beijo assim... uns beijos calados, aí a gente começou a ficar. Porque, acho que eu até tinha comentado há seis anos atrás, depois que você beija uma vez fica mais fácil. Porque quer queira, quer não, aquele grau da rejeição praticamente vai a zero; ele vai de cem a zero em uma ação. O que facilita tudo.

Com a atual namorada, a iniciativa foi mais por parte dela do que dele, foi ela quem perguntou se eles iriam namorar ou não e ele acabou aceitando dar um passo adiante no relacionamento; por causa do medo de sofrer uma rejeição, Vinícius não toma iniciativa e espera que as pessoas decidam por ele.

Eu estou tentando trabalhar isso ainda. Existem coisas sobre mim que a gente vai falando do dia a dia, só que é fácil falar do que acontece no dia. São coisas de rotina, é mecânico também: "Eu fui para o trabalho, eu fiz isso, estava em casa, fui no mercado...", são coisas mecânicas. Agora, falar de mim... tanto que... por exemplo, que nem a parte da poesia, eu consigo fazer versos, embora ela não tenha lido tantos. Ainda não. Até porque eu dei uma parada nisso, por enquanto. Não que ele deixou de existir, está lá, eu sei que ele está lá. Eu continuo tendo a mesma facilidade, mas eu ainda não senti vontade de abrir, entendeu?

Alguma situação ou outra, tipo um aniversário, uma data comemorativa... ela sabe que eu sei fazer essas coisas, mas eu ainda não senti aquela... vontade de fazer diária, fazer todos os dias. Esse tipo de coisa eu não sei se vai aparecer mais para a frente, se eu preciso trabalhar isso; eu não sei.

Após um ano de namoro, percebe-se que Vinícius ainda não se abriu totalmente para sua namorada; pode-se afirmar que o medo de ser rejeitado o impede de falar sobre ele e seus sentimentos; existe um medo de se deixar conhecer como ele é realmente. A aparência se sobrepõe à essência e ele só se mostra naquilo que considera que o outro quer ver, o que não acontece quando está junto de dois amigos de infância.

*Vinícius relata que, desde o período da infância, tem dois amigos próximos em quem confia e foi com eles que o participante aprendeu a compartilhar aspectos de sua vida pessoal sem medo de ser rejeitado ou mal interpretado; em seu dizer, eles são sua válvula de escape, diante deles Vinícius não segura seus sentimentos, tudo é verbalizado.*

(...) por mais que as pessoas acabem se tornando mais próximas no meu dia a dia, esses dois amigos meus continuam sendo as pessoas mais próximas que eu tenho. São pessoas que eu posso falar do que eu quiser, que eu não preciso me preocupar com o que eu vou falar porque eles vão entender.

(...) mas aqueles amigos de infância... não tem [essa preocupação]. É sempre assim, nunca tem. É mais fácil lidar com eles.

É mais fácil. É como se fosse uma válvula de escape.

A relação com os dois amigos de infância é completa, diferente da relação com a família e com a namorada, percebe-se que, enquanto há confiança e prazer em Vinícius ao falar dos amigos, falar da família e da namorada é algo que é pouco exposto por ele; entende-se que a atitude em relação à família está ligada à infância do participante, que, por volta dos três anos de idade, fazia de tudo para chamar atenção; no entanto, o resultado era, na maioria das vezes, o de reprovação, fazendo com que Vinícius tivesse uma atitude mais introvertida dentro do âmbito familiar, escolar e social; percebe-se que Vinícius se encontrava no estágio do Personalismo (3 a 6 anos) que, segundo a teoria walloniana, a criança começa a tomar consciência de si, no entanto, esse período se configura como um momento de conflitos, contradições e crises e se divide em três fases: **oposição** como busca de afirmação de si por meio de atitudes de diferenciação em relação ao outro; **sedução** em que há a necessidade de chamar a atenção e de ter admiração e aprovação do outro, nesta fase alternam-se graça e timidez, maneirismo e falta de habilidade; **imitação**, momento em que o outro se torna referência e modelo para a criança ampliar suas competências (BASTOS e DÉR, 2010). Segundo Wallon (1975), se não bem orientadas pelo adulto, atitudes de frustração e de insatisfação e os sentimentos de angústia e de decepção podem marcar de forma prolongada o comportamento da criança e as relações que ela estabelece com o ambiente e com o outro e essa etapa é decisiva para o desenvolvimento.

Ao se referir ao namoro, Vinícius considera que ainda está na fase de conhecer e percebe-se que ele não se sente seguro para se mostrar por inteiro para a sua namorada. A rotina do namoro envolve coisas do cotidiano como ir ao cinema, ao parque, ao teatro e sair para almoçar/jantar, pode-se dizer que por trás desse jeito mais reservado existe o medo da rejeição, como aconteceu nos namoros anteriores, nos quais, depois de um certo tempo de convivência, elas decidiram terminar o relacionamento.

Além desses aspectos, nota-se que o medo de ser rejeitado é uma constante na narrativa de Vinícius; nota-se que o episódio do churrasco com o pai não fora superado por ele e, em um primeiro momento, pode-se afirmar que, para não sofrer rejeições, ele adota uma postura fechada em relação aos outros e rejeita as pessoas que tentam se aproximar dele. Diante dessas considerações, compreende-se que, apesar de serem pessoas próximas (família e namorada) a ele, elas conhecem apenas o personagem que Vinícius representa e não como ele é em sua totalidade.

## **Eixo Temático 2**

### **Vida Profissional: “É como se eu sáísse de mim e colocasse um comando de Excel”**

*Vinícius é graduado em Ciências Contábeis e, desde os 18 anos de idade trabalha na área; no primeiro emprego em contabilidade ele era auxiliar de um dos sócios do escritório. Já no segundo, entrou como contador e com a função de chefe de duas pessoas; esse momento foi relatado por ele como de muitas incertezas, inseguranças e um de seus questionamentos iniciais era o de que como uma pessoa que foi mandada a vida inteira pode liderar e ensinar duas pessoas. O início no novo escritório e na nova função foi difícil para ele e a maneira que encontrou para lidar com essa situação foi a de criar um vínculo mais pessoal com seus funcionários, pois; dessa maneira, conseguiria se comunicar melhor e se sentiria mais à vontade para explicar e pedir que eles fizessem algum serviço. No entanto, em momentos de descontração em que alguém pergunta sobre sua vida particular, a timidez se manifesta e ele fica sem saber o que dizer ou como agir, sentindo-se desconcertado; também relata a dificuldade de falar para um número maior de pessoas em uma reunião, por exemplo, além da sensibilidade ao olhar dos outros, pois ele tem medo*

*de falar algo errado e, se está sob o domínio da timidez, geralmente é isso que acontece, fazendo com que ele se sinta constrangido. Quando precisa se comunicar com clientes, Vinícius também relata uma dificuldade inicial e que muitas vezes não conseguiu resolver o problema de imediato, em especial com clientes que não estão dispostos a colaborar com alguma informação, pois entendem que o escritório tem que resolver tudo. No entanto, diz que, com a prática, aprendeu a adquirir um profissionalismo maior e algumas de suas ações com os clientes são mais mecânicas e programadas, como ligar para o cliente para explicar um balancete.*

Nos dias atuais, Vinícius considera que a mudança significativa em sua vida nos últimos seis anos foi na comunicação no âmbito profissional; ele continua trabalhando no segundo escritório e lidera agora uma equipe de dez pessoas.

Antes eu tinha que gerenciar duas pessoas, agora eu tenho que gerenciar dez, então o que ocorre: muitas vezes, mesmo que eu chame dez pessoas para conversar, já que eu tenho que liderar dez pessoas, eu tenho que me tornar, às vezes, o centro da atenção, e aí para eu lidar com esse tipo de situação eu tenho que colocar uma coisa meio que mecânica, porque para mim ainda continua sendo muito mais fácil eu expressar tudo que eu tenho para expressar quando eu lido com uma pessoa só, ou duas, do que quando eu tenho que falar com dez de uma vez só. Então eu acho que essa é a principal coisa que mudou, essa parte da mecanização, porque é como se fosse a evolução de um trabalho, eu preciso... (...) então é uma coisa mais mecânica, não é uma coisa pessoal, é uma coisa de trabalho, não tem nada a ver sobre a minha pessoa em si.

A mecanização desenvolvida é vista como uma evolução para ele; foi uma maneira que ele encontrou para a timidez não se manifestar diante de um número considerável de pessoas, e explica:

Desenvolvi uma estratégia, porque às vezes dá aquela impressão de que é uma máscara, não é? Você não está sendo você mesmo, mas você tem que lidar com aquilo e você tem que resolver.

Ele tem consciência que essa mecanização é um tipo de máscara que usa para conseguir passar por momentos em que se faz necessário ser o centro das atenções; segundo Ciampa<sup>11</sup> (1987/2007), o sujeito possui múltiplas personagens que ora se transformam, ora se conservam, ora se sucedem, mas cada deles

---

<sup>11</sup> Compreende-se que, por terem como fundamento o materialismo histórico e dialético, é possível estabelecer um diálogo entre a teoria do desenvolvimento de Henri Wallon e a teoria da Identidade de Antonio da Costa Ciampa.

constitui e faz parte do processo identitário do sujeito. No entanto, quando há a fetichização de um personagem, se oculta “a verdadeira natureza da identidade como metamorfose”, impossibilitando o sujeito de atingir uma condição de ser-parasita (CIAMPA, 1987/2007, p. 140).

Sob uma perspectiva teórica diferente, a da psicologia analítica, entende-se que a mecanização de Vinícius refere-se ao conceito de persona, máscara que o sujeito usa para se apresentar ao mundo e se adaptar ao ambiente em que vive; cria-se um personagem ou assume-se um papel que será aceito socialmente e que tem a função de defesa e de proteção.

É melhor assim, porque senão... aliás, tem que ser feito dessa forma, porque senão... é que nem o trabalho da faculdade, se eu não seguir um roteiro, nessa parte da mecanização, se eu me perder por alguns instantes, vou deixar passar dois itens, ou três.

(...) porque é como se eu sáísse de mim e colocasse um comando de Excel... pode ser: "Ah, você vai dizer isso quando o cliente me disser isso.", como é um trabalho rotineiro, muitas coisas acontecem várias vezes, mais de uma vez, então, o negócio já está lá. Já tem uma resposta para o problema, a resposta já está lá, então é um negócio meio mecânico, né? (...) então virou um negócio mais mecânico, embora, mesmo assim, eu tenha uma resposta melhor quando eu tenho que falar com uma pessoa de cada vez. Agora, se eu tiver que falar com dez pessoas de cada vez, dá aquela engasgada, porque é aquele olhar intimidador, todo mundo olhando para você, que dá aquela aceleração. Aí você tenta não olhar para o rosto de todo mundo, tem que olhar para um ponto fixo e se concentrar porque não deixa de ser mais uma coisa mecânica, vai continuar sendo uma coisa mecânica, porque ninguém está ali, mesmo que seja numa reunião, não estão os dez olhando para mim querendo saber da minha vida pessoal, é um problema de trabalho.

A timidez é vista por Vinícius como um sinal de fraqueza e o olhar do outro é considerado como algo intimidador que faz com que ele tenha reações fisiológicas como a aceleração dos batimentos cardíacos e engasgamento que, segundo Wallon (1934/1971), podem ser caracterizadas como reações de sensibilidade à presença do outro. Dessa maneira, entende-se que a mecanização, além de ser uma estratégia para Vinícius se comunicar, é um sistema de defesa; é uma barreira que ele criou para que não haja uma aproximação do outro.

Há mais ou menos três anos atrás... eu tenho uma colega de trabalho que se tornou muito próxima, tornou-se uma amiga do meu dia a dia, porque antes, quando ela entrou na empresa, por eu criar esse personagem, vamos dizer assim, ela me achava uma pessoa fria, porque ela não conhecia o meu lado pessoal; eu não demonstrava o meu lado pessoal. Então... ou

seja, olhando pelo outro lado as pessoas viam uma pessoa que só falava de trabalho e blá blá blá, ela imaginava que eu era uma pessoa fria, que eu era uma pessoa... insensível talvez, porque só falava de trabalho e tal. Quando a gente se aproximou, ela entendeu que não era assim que funcionava. Eu tinha uma personalidade própria, eu tenho problemas como qualquer outra pessoa, só que eu tinha uma dificuldade de falar sobre mim, eu não conseguia falar sobre mim.

A barreira imposta por Vinícius cria a imagem de uma pessoa fria e insensível, que só pensa em trabalho; nota-se que, por ter uma atitude introvertida, por um lado, as pessoas não percebiam que ele tem dificuldade de se expor e de falar sobre si mesmo, no entanto, por outro, o medo de ser rejeitado faz com que ele não dê abertura para que se aproximem dele. Nos momentos em que permite que se conheça um pouco de sua vida pessoal, a imagem do homem frio e que se compara ao programa de excel é substituída pela de um homem sensível, empático e que também tem a necessidade de ser compreendido e aceito.

Outro aspecto a ser considerado na atuação profissional de Vinícius é a maneira como ele lidera a equipe pela qual é responsável; segundo o seu relato, ele é reconhecido e admirado pelo conhecimento que ele tem sobre o trabalho em contabilidade o que faz com que as pessoas respeitem suas colocações sobre o assunto.

(...) as pessoas onde eu trabalho às vezes não me respeitam por eu não ser o líder, mas pelo conhecimento; elas têm ciência disso, porque às vezes... por exemplo, e isso é até uma coisa interessante porque... como dizer isso... às vezes acontece em muitas empresas do cara ser o líder e saber menos que as outras pessoas, entendeu?

(...) eu não desenvolvi o meu lado profissional para ser um líder que possa comandar melhor, mas eu desenvolvi de um líder que tenha mais conhecimento que eles. Então se eu não consigo liderar pelo fato de tomar à frente, ser uma pessoa mais ativa, uma pessoa de voz mais firme, para cobrar, pelo conhecimento eu consigo, ou seja, eu peguei um outro rumo.

Então talvez seja um outro tipo de máscara. Eu não estou impondo nada, embora eu tenha a condição de impor, porque me deram esse cargo. Mas eu estou mais para um professor do que para um líder de verdade. Essa é a minha condição.

A liderança de Vinícius se dá pelo conhecimento e por ensinar as pessoas que trabalham com ele; exercer o papel de alguém que precisa mandar o incomoda, mesmo tendo autoridade para isso. Em situações em que precisa se impor e em que há o enfrentamento com o outro, a timidez novamente aparece e faz com que sua reação seja de fuga: fica com vergonha, cala-se e sai de perto até a pessoa se

esquecer ou recorre ao dono do escritório para que o serviço seja feito conforme suas orientações.

Porque por mais que eu seja o líder deles, eu nunca me trato como tal, eu sempre me coloco igual a eles. Eu não consigo, e isso pode até ser um defeito. Porque isso dá uma brecha de uma pessoa ser mal-educada comigo.

Num primeiro momento eu fiquei calado, eu fiquei meio... com vergonha, mas muitas vezes eu saí da frente da pessoa, fui para outro lugar fazer outra coisa e depois a pessoa esquecer isso e tudo o mais.

É, aí eu fiquei meio desorientado, meio perdido. Aí, nesse caso eu teria que colocar o meu superior nisso, que é o dono do escritório. "Ah, você quer que seja feito dessa forma? O pessoal não quer fazer", então ele fala: "Eu quero que seja feito dessa forma.", então para mim é mais fácil chegar, porque toda vez que eu tenho que impor uma situação: "Olha, o dono do escritório quer que faça dessa forma.", ponto final. Então quando foge da minha capacitação, eu coloco o meu superior, porque até então eu não sou dono da empresa, existe alguém acima de mim.

Segundo a teoria walloniana (ALMEIDA e MAHONEY, 2005), ao atingir a idade adulta, há o equilíbrio entre afetividade e cognição; percebe-se que, no âmbito da vida profissional, Vinícius considera que para conseguir se expressar em público a maneira encontrada por ele foi criar um sistema de mecanização, em que é preciso seguir um roteiro para não se esquecer de nenhum item quando precisa falar. Entretanto, esse sistema é frágil, pois quando alguém faz uma pergunta que ele não está preparado para responder, ele se desconcerta e a emoção timidez sobrepõe-se ao cognitivo e ele acaba ficando sem ação por alguns instantes. Diante dessas considerações, entende-se que a mecanização de Vinícius não gera equilíbrio entre os dois conjuntos funcionais; é uma falsa solução que encontrou para se comunicar com mais pessoas ao mesmo tempo.

### **Eixo temático 3**

#### **Aspectos da timidez (não) superados: “eu mato o bicho dentro de mim”.**

*Ao se referir aos aspectos de sua vida social, Vinícius relata que uma de suas maiores dificuldades é a de interagir com pessoas desconhecidas; estar diante de pessoas que não fazem parte do seu círculo de amigos causa desconforto e a timidez se manifesta novamente, fazendo com que ele se retraia e interaja pouco. Esse fato é atribuído por ele como a incapacidade de fazer novas amizades, pois ele*

*não sabe como se aproximar ou considera que se aproxima de maneira inadequada. Além dessas situações, mesmo quando já tem amizade com uma pessoa, tem dificuldade de fazer um convite, tanto por telefone quanto pessoalmente. O suspense da resposta faz com que ele sinta o medo de ser rejeitado ou de ser mal interpretado por seu interlocutor; entende-se que a rejeição aparece como um forte determinante para a expressão da timidez e é causa de um grande sofrimento vivenciado por ele.*

Conforme visto nos eixos temáticos anteriores, o Vinícius de hoje é um homem mais fechado para o mundo e que pouco fala de sua vida pessoal; um dos motivos atribuídos por ele é a dificuldade que tem de falar sobre si, em especial para pessoas que acabou de conhecer.

(...) às vezes eu conheço uma pessoa a cada cinco anos, mas eu não vou falar tudo da minha vida para a pessoa porque eu tenho um certo receio, eu tenho até certa vergonha. Não que exista motivo para eu me envergonhar, mas porque a vergonha existe, entendeu?

Há o medo de se expor em uma conversa e a manifestação da timidez é entendida como uma oscilação da mecanização que ele desenvolveu.

Mesmo no trabalho, na vida pessoal, oscilar é muito fácil. Ué, porque quando as pessoas às vezes falam da sua vida pessoal, que você não quer falar sobre aquele assunto, e você também não pode dizer eu não quero falar sobre isso, então é mais fácil oscilar e me perder. Quando eu digo oscilar é a timidez ficar mais forte do que a minha... Do meu autocontrole, de me comunicar naquele momento, pode acontecer.

Apesar do receio de falar sobre sua vida, existem momentos que Vinícius acaba falando sobre si mesmo, pois considera que quando alguém vem desabafar com ele, é preciso que haja uma troca de sensibilidade entre ambos.

Elas [me] consideram um bom ouvinte. Por mais que às vezes eu fale algo da minha vida pessoal, sempre há um receio.

Da minha parte. É que é uma troca. Às vezes a pessoa fala de alguma coisa da vida pessoal dela, às vezes você fica meio assim... não dizer nada, porque, como eu disse antes, houve essa situação de eu ser chamado de frio porque eu não falava nada, era mais mecânico, falava mais de trabalho. É como se a pessoa só tivesse trabalho, trabalho, trabalho... não sai, não gosta de um filme, não gosta de um cinema, não gosta de um livro, não gosta de nada.

Porque eu acredito que quando uma pessoa fala da vida pessoal dela, o mínimo que eu tenho que fazer é falar um pouco da minha para ter uma troca de sensibilidade, penso eu.

No entanto, a troca de sensibilidade não é completa, ele fala apenas de acontecimentos do cotidiano e não de suas particularidades; ao atribuir como sendo algo dele, que não existe um motivo para que ele converse sobre aspectos mais íntimos de sua vida, há uma naturalização em seu relato, e pode-se dizer que ele não consegue alcançar a essência dessa questão que está relacionada à sua história de vida, com a rejeição sentida na infância, com o assédio sofrido no âmbito escolar, com as primeiras relações amorosas e com as tentativas não bem sucedidas de aproximação e de amizade.

Conforme dito anteriormente, há na narrativa de Vinícius uma forte questão com a rejeição ou o medo de ser rejeitado; percebe-se que é o eixo que permeia toda a sua história de vida e traz como consequências não somente a dificuldade de falar sobre si mesmo, mas também de agir; existe um sofrimento nas pequenas coisas do cotidiano, por exemplo, convidar alguém para sair e, se a pessoa responder com um “talvez”, a resposta é entendida como algo negativo e que, portanto, não se deve insistir.

Eu não sou aquele de insistir. Não existe um talvez, se ela falou: "Deixa para depois", para mim é mais uma desculpa para: "Ah, tá bom." Embora isso é queimar as orelhas, já deixaria muito vermelha.

É, a expressão soa negativamente, ela nunca soa como neutra, né?

Vinícius considera que um “não” ou um “talvez” tem como motivo o fato de a outra pessoa não querer estar/sair com ele e não como uma impossibilidade do momento; ao receber uma resposta negativa ele se afasta e se fecha para novos convívios.

Além desse aspecto, quando ele é o receptor de algum convite, se coloca no lugar do outro e procura agir de maneira diferente, mesmo que não seja de sua vontade, nunca recusa.

Já houve situações que eu quis dizer não, e eu não consegui dizer não e acabei indo.

Eu não sei. Talvez seja o reflexo. Talvez da mesma forma que eu tenho problemas com rejeição, porque esse eu acho que é o problema do tímido, o grande problema de origem é a rejeição, talvez por eu ter problemas com a rejeição, talvez eu não gostaria de rejeitar. É aquele velho ditado: não faça

comigo o que eu não vou fazer com você. Nunca pensei nisso também, mas pode ser que seja isso. Da mesma maneira que eu não gosto de ser rejeitado, ou tenho pavor de ser rejeitado em uma determinada situação, eu também não gosto de rejeitar. Uma coisa ligada à outra.

Percebe-se que, por parte dele, há um forte sentimento de empatia e de reciprocidade; no entanto, para ser aceito, em muitas situações reprime o que realmente gostaria de dizer ou o que considera que o outro precisa ouvir, dando a impressão de alguém que concorda com tudo, passivo, não questionador e que está tudo bem com ele, quando não está.

Eu lidei melhor em falar aquilo que as pessoas querem ouvir, não aquilo que eu quero realmente falar.

Querem ouvir naquele momento, do que o que eu realmente precisava falar, ou que eu queria falar.

Sim, incomoda. Mas, às vezes é mais fácil lidar com isso do que com a rejeição. Porque muitas das vezes aquilo que eu quero falar não vai ser aceito, certo?

Isso virou uma bola de neve dentro de mim. Uma hora vai embora. Sempre teve essa bola de neve, não tem jeito.

O medo de enfrentar o outro faz com que ele fuja e guarde tudo dentro de si; seu corpo reage com crises de ansiedade, geralmente caracterizadas por aceleração dos batimentos cardíacos, falta de controle nos movimentos, fortes dores de cabeça, entre outros (FALCONE, 1989).

Já passei mal por causa disso, já tive crise de ansiedade.  
De não dizer o que eu preciso dizer.

Sua ação é deixar que as situações geradoras de ansiedade e de desequilíbrio emocional se resolvam por si próprias; há uma inibição/repressão de sentimentos com tonalidade negativa; tal atitude pode ser comparada a um vulcão que implode ou, em suas palavras “mata o bicho dentro dele”.

Não, se superei aquele assunto, eu não vou voltar atrás. Eu não vou precisar. Ou seja, eu mato o bicho dentro de mim. A partir do momento que eu matei, eu não preciso lembrar o caso. Até porque, se eu for abrir o caso novamente para falar, aquilo que eu deveria ter falado aquele dia, eu estarei brigando comigo mesmo de novo, eu estarei lutando contra a minha timidez de novo. Vai ser uma segunda briga. Primeiro tem uma briga para ficar calado, eu tenho esse bloqueio para ficar calado, segurando aquilo lá é

ruim. A partir do momento que eu vou ter que falar com aquela pessoa de novo, lembrar aquela situação, é uma nova situação. Eu vou estar me colocando de novo na mesma situação. Para mim é mais fácil esquecer a primeira situação. Já teve a primeira situação? Foi superada? Foi concluída? Ela morreu ali. Agora se eu tiver que levantar de novo, eu vou ter que lidar com a mesma sensação de novo.

Em um primeiro momento, considera que deixar determinada situação passar é o mesmo que superar o problema, mas, ao aprofundar nessa questão, nota-se que ele evita ter contato com quem, de alguma maneira, causou o sofrimento sentido por ele ou procura não abordar o assunto.

Ou, se tiver contato, lidar com outros assuntos, não lidar com o mesmo assunto novamente.

É, nunca é a mesma coisa, é como se você não confiasse.

Algo só é superado quando se consegue lidar com a situação e não mais evitá-la; mesmo com todo o esforço em extinguir o sentimento e em tentar esquecer a situação, Vinícius é traído pela memória, pois, ao contrário do que pensa, não houve uma solução, uma finalização do problema e sua superação.

Mas também tem aquela coisa, quando você vê a pessoa, aquilo sempre vem à tona, você nunca esquece.

Por mais que ninguém lembre mais daquilo, você sempre lembra, porque para você sempre foi interminável, nunca terminou.

Fica marcado, fica mal resolvido.

Segundo Bosi (1979/2010), a memória possibilita a relação do presente com o passado, ao mesmo tempo em que interfere no processo atual das representações, ou seja, o passado mistura-se com as percepções do presente e aparece como força subjetiva, profunda e ativa; as emoções ficam reprimidas, não há o enfrentamento dos problemas.

Ah sim, claro. Só que cada situação não resolvida vira um pedaço de bola de neve não esquecida, né... sempre lembra.

Ou não. Às vezes você pode ver um nome comum, o mesmo nome, ou uma pessoa parecida. Existem gatilhos que levam a pensar nisso. Pode ser o mesmo nome da pessoa, pode ser uma palavra que a pessoa falou, às vezes uma mesma frase usada: "Opa, fulano de tal me falou isso uma vez...", aí você lembra daquela situação. São sempre gatilhos, não tem jeito.

Também, uma música, pode ser um modelo de carro, pode ser uma marca de camiseta, podem ser N coisas, embora para mim, no caso, os gatilhos são mais palavras. Eu tenho mais... o meu gatilho está ligado mais a palavras do que ao visual, digamos assim. É claro, se for a pessoa visual, não vai bater nada, mas às vezes uma palavra que uma pessoa que não tem nada a ver disse, que aquela determinada pessoa daquela situação disse, já liga ali na hora.

Sempre é mais um percentual da bola de neve.

A sensação de rejeição novamente aparece como ponto principal de suas relações; a impressão que se tem é a de que ele não se encaixa nesse mundo e o mundo não se encaixa nele e que, portanto, ele está sempre no impasse entre aparência e essência.

Sim, sempre a sensação da rejeição, e é como se sempre desse aquela sensação de você ser o errado. Nunca você consegue imaginar como você sendo o certo e a pessoa sendo a errada. Pelo menos no impacto, né... porque o que conta mais não é o que se definiu, é o impacto inicial, é sempre o impacto inicial de cada coisa.

Exatamente... É sempre o problema da iniciativa, né, sempre tem a ver com o início. É sempre a iniciativa, é sempre o início, é sempre o começo, é sempre a situação nova, é sempre tudo isso.

Até o momento, percebe-se que a timidez é a justificativa utilizada por Vinícius para o não enfrentamento e, conseqüentemente, para a não superação de seus problemas; a timidez, nesse caso, é uma máscara e, portanto, não há uma tentativa eficaz para controlar sua timidez nos âmbitos pessoal, profissional e social. Segundo Wallon (1938/1985), a timidez é uma emoção que, por sua vez, é a exteriorização da afetividade e identificada pelo seu lado orgânico. O enrubescimento, a aceleração dos batimentos cardíacos, os movimentos e os momentos de desconcerto diante do outro são motivos para que Vinícius considere algumas de suas ações como um fracasso e, portanto, a possibilidade de ser rejeitado pelo outro; dessa maneira, aciona seu sistema de defesa que, segundo seu relato, evoluiu nesses últimos seis anos para algo mecanizado. Entretanto, não é possível compreender esse fato como uma mudança com ressonâncias positivas, pois percebe-se que existe uma condição de mesmice, quando Vinícius reitera o processo de reposição dos papéis de Vinícius-filho e irmão, Vinícius-namorado e Vinícius-líder, há uma reposição e fetichização dos personagens Vinícius-que-não-Conta-problemas para a família, Vinícius-namorado-que-não-se-abre-e-se-entrega, Vinícius-chefe-mecanizado e Vinícius-que-se-sente-rejeitado-pelos-outros. Quando

ele se depara com situações em que é colocado em xeque, esses mesmos personagens causam incômodo, mas ele não consegue agir em busca de uma transformação.

Outro ponto a ser destacado é a importância do papel do outro na constituição do eu-Vinícius, segundo Gulassa (2004), a constituição do eu depende essencialmente do outro e é uma relação dinâmica, permeada por contradições em que oposição e acolhimento estão presentes ao mesmo tempo; percebe-se que na narrativa de Vinícius, os momentos de oposição são mais significativos do que os de acolhimento. Assim, compreende-se o porquê de, em boa parte de seu relato, a rejeição ser colocada por ele como peça fundamental de suas relações com o outro. Ainda que não muito bem explicitado, a rejeição vivenciada por ele é uma via de mão dupla; ele assume uma atitude introvertida diante do outro e não se mostrar por inteiro por medo/receio de ser rejeitado; no entanto, ao adotar esse comportamento ele cria uma barreira que tem como consequência, mesmo que não seja o seu objetivo, o afastamento do outro que acaba se sentindo rejeitado por ele. Além desses aspectos, nota-se que há uma auto-rejeição que é projetada no outro, ou seja, ele espelha no outro a rejeição que sente por si mesmo; segundo Zazzo (1978), a relação entre o “eu” e os “outros” é estabelecida por intermédio do “outro” que cada sujeito traz em si mesmo, o *socius* ou *outro íntimo*; parceiro permanente do “eu” na vida psíquica que, por meio de um devir e dinamismo constantes, estabelece com o “eu” um diálogo interno e é mediador entre o sujeito e o mundo externo. Na maioria das vezes, o *socius* é inaparente, mas em momentos de insegurança, de dificuldades e de tomadas de decisão ganha força, passando a dominar a vida psíquica do sujeito.

Diante dessas considerações, percebe-se em Vinícius uma passividade e uma inabilidade para resolver seus problemas, o que acaba causando um sofrimento muito grande para ele; além desses fatores, guardar dentro de si sentimentos de tonalidade negativa contribui para uma visão pessimista e para o sentimento de inadequação diante do mundo e do mundo diante de si. Conforme visto no eixo temático 1, Vinícius tem dois amigos próximos com quem se abre e não guarda nada, são pessoas que podem ser consideradas como personagens ponte, pois ajudam-no a atravessar os caminhos tortuosos de sua história de vida.

#### **Eixo temático 4:**

#### **Poesia: o sentido da escrita em sua existência: “a poesia é nada mais do que a biografia do cara”**

*Vinícius conta que a primeira vez que escreveu um verso foi na escola e foi elogiado pela professora, apesar de sentir vergonha ao se tornar centro das atenções da classe, o efeito para ele foi diferente, ele se sentiu feliz pelo elogio e pelo reconhecimento ao ser chamado de poeta; essa atitude foi fundamental para a permanência da poesia em sua vida.*

*Com o tempo, a escrita de versos e de poemas<sup>12</sup> se tornaram desabafos e um meio de expressão; na escrita buscava o autoconhecimento e revelava os seus sentimentos; era o seu diálogo interno e, por ser algo particular, não havia necessidade de mostrar para outras pessoas. Depois de escritos, Vinícius os rasgava e os jogava fora; com essa atitude, sua criação era sempre nova, um mesmo tema era abordado de maneira diferente e sem repetições, entende-se que o fato de não guardar os seus versos e poemas era um gesto simbólico de dizer que aquele conflito pelo qual estava passando fora resolvido ou, pelo menos, amenizado.*

*Poucas pessoas leram ou foram presenteadas com os seus versos e poemas; a segunda ex-namorada foi a pessoa que mais leu seus escritos e que, tirando os dois amigos de infância, foi quem mais teria conhecido sua essência; a atividade de escrita de poesia é uma das mais significativas de Vinícius e o meio pelo qual se expressa melhor, mostrando-se por completo.*

Atualmente, Vinícius diz que a atividade de escrita ficou um pouco perdida, por falta de tempo e porque começou a “pensar em versos”, não tendo mais necessidade de escrever.

Então, essa parte da escrita ficou perdida um pouco porque... Talvez eu tenha evoluído um pouco disso também, porque agora essa parte de desabafo eu não tenho feito com muita frequência, na verdade, até por

---

<sup>12</sup> A diferença técnica entre verso e poema é a de que o verso corresponde a cada linha de um poema metrificada e ritmada (com efeito sonoro), que juntas formam a estrofe; o verso pode ser classificado em: verso regular (métrica e rimas regulares); verso branco (regularidade métrica, mas marcado pela ausência de rimas externas); verso polimétrico (conjunto de versos regulares de diversos tamanhos) e verso livre (caracterizado pela liberdade rítmica, irregularidade, contraste, dissonância e imprevisibilidade). O poema, por sua vez, é uma composição em versos que pode ser classificada em: soneto, quadrinha, balada, vilancete, ode, canção, madrigal, elegia, idílio, rondó, epitalâmio, triolé, sextina, haicai, entre outros (GOLDSTEIN, 2008). Vinícius refere-se à sua produção como “versos”, num sentido lato.

causa de tempo e tudo o mais, mas eu não preciso mais escrever. A maioria das coisas que eu escrevia, há muito tempo atrás, eu escrevia e jogava fora. Já que eu vou jogar fora... eu sempre jogo fora, eu nunca guardo. Às vezes eu penso. Eu penso numa frase, eu penso numa situação, eu penso numa coisa, eu crio aquela frase mentalmente, aquele verso mentalmente e se dispersa.

Ele atribui como semelhantes o ato de escrever/jogar e o ato de criar o verso mentalmente/dispersar, no entanto, entende-se que o desabafo só é completo na primeira atividade, a escrita é uma maneira de externalizar pensamentos/ideias/sentimentos e, por mais que se jogue fora, as palavras escritas permanecem, ficam registradas.

Era mais fácil colocar no papel, mas muitas vezes eu não tenho papel por perto, porque eu estou sempre trabalhando, ou dirigindo, eu não tenho mais aquela disponibilidade, que eu ficava em casa bastante tempo para colocar no papel e escrever, e muitas vezes como eu escrevia e jogava fora como desabafo, às vezes eu já faço isso mentalmente. Às vezes eu penso numa coisa bacana: "Olha, se fosse um verso ficaria legal.", mas, da mesma maneira que eu amassava o papel e jogava fora, o verso se dispersa e você acaba esquecendo.

Entende-se que ao fazer o verso mentalmente, Vinícius não desabafa, ou seja, não há a exteriorização de sentimentos penosos e reprimidos; causando sofrimento e não alívio.

Às vezes eu escrevo, mas eu nunca guardo nada comigo, porque, eu até acho que eu já tinha escrito isso, eu não gosto de - sendo um desabafo de momento - repetir as coisas. A cada vez que eu crio alguma coisa, vai ser sempre alguma coisa diferente. Às vezes dá aquela sensação de que se eu escrever: "Ah, estou precisando de um verso para fazer um cartão de aniversário.", ou: "Estou precisando de um verso para fazer uma dedicatória para alguém.", aí dá aquela sensação de que: "Ah, eu tenho um verso especial para isso.", aí eu vou lá no fundo daquela gaveta, pego aquele verso e vou usar ele ali, não, eu não gosto de fazer isso. Eu gosto de fazer naquele momento.

Essa situação me incomoda, de eu ter que pegar um verso que eu criei e para quê? ele foi criado naquele momento, como um momento de desabafo, para aquela situação. Ele foi criado naquele momento. Eu acho até meio injusto eu usar ele dois, três meses depois para uma nova situação. Cada situação requer um verso que seja.

Cada verso que ele cria é único e depende da situação pela qual ele está passando, sua escrita é tanto relacionada a momentos felizes quanto a momentos tristes pelos quais está ele passando; quando escreve é sempre sobre algo que tem significado para ele.

É, sempre passou isso na minha cabeça que em qualquer hora eu posso escrever algo que não signifique nada para mim. Embora não tenha acontecido, mas eu tenho ciência que uma hora pode acontecer. Porque sem querer... Que nem "desejo-lhe um feliz aniversário", por exemplo, "que o vento lhe traga situações novas, que você nunca caia em tentação, nem que seja em lua nova, nem que seja...". Por exemplo, "que o vento do oeste lhe traga situações boas, insuperáveis, que você supere, que você seja..." Me fugiu agora. Mas... Me deu um pouco de vergonha, de timidez agora de falar isso. Por isso que às vezes é aquilo que eu digo para você, é mais fácil eu colocar no papel do que eu falar. Porque por mais que eu tente fazer alguma coisa, eu estou com algo na mente, mas eu tentei falar agora para você, e agora me deu aquele bloqueio, tanto que eu bloqueei em falar direto. Aí eu não consegui concluir.

Por mais que esteja perfeito na minha cabeça, mas eu não consegui pôr.

Nesse momento, percebe-se que a timidez de Vinícius se manifesta ao tentar dizer o que escreveria em um cartão de aniversário; existe a dificuldade de se expor verbalmente, enquanto pela escrita é mais fácil.

É mais fácil escrever. Se eu for mostrar para alguém eu vou ter que escrever. Se eu não vou mostrar para ninguém eu posso deixar ele aqui dentro, por cinco, dez minutos... Só um que eu me identifique muito, eu deixaria guardado.

Sua expressão máxima se dá pela escrita, no entanto, poucas pessoas têm acesso ao que ele escreve e, pode-se dizer, ao que ele é. A necessidade de mostrar para outras pessoas é sobreposta pelo medo da rejeição; considera que poucas pessoas entenderão o que ele quer dizer com determinadas palavras.

Há também uma negação do outro, ele não mostra o que escreve, pois não vê leitores possíveis.

É porque na verdade eu tenho a necessidade para mim próprio, eu não tenho a necessidade de mostrar para ninguém. Por quê? Não tem o porquê... Você vem falar " eu gostaria de lê-los. Mas por que? Não, você gostaria de lê-los, mas eu não... Aí eu teria que ter a necessidade de mostrá-los. Quantas vezes não sai nem do esboço?

Eu tive o impacto inicial, mas às vezes tem aquelas situações de rejeição também... Eu não sei se eu cheguei a falar isso no passado. Às vezes as pessoas gostam, às vezes as pessoas não gostam... O fato das pessoas não gostarem "ah esse verso é muito sombrio", ou muito meloso... "Não entendi o que isso significa". Todas essas colocações, muito sombrio, é muito meloso, todos eles são afirmações negativas, são rejeições. Então, às vezes, para as pessoas para que? Você vai escrever alguma coisa, e às vezes vai haver uma rejeição, sendo que elas não entendem nem 70% do que aquilo significa. Por quê?

A incompreensão soa como um tipo rejeição para ele; percebe-se, no entanto, que para ser compreendido é preciso mostrar-se/expressar-se/explicar-se para o outro.

É, e essa incompreensão soa como uma rejeição para mim. Incompreensão é igual a rejeição. Sempre é. Não sei se você entende assim; quando você tenta falar alguma coisa para uma pessoa, e a pessoa não entende, é um tipo de rejeição. Pior que às vezes um verso é mais complexo que uma simples palavra, porque um verso é um verso. Ele é um verso que você interpretou, que você criou de uma certa forma, ele tem uma coerência, ele tem um significado para você, mas outras pessoas não vão ter o significado. É diferente de uma coisa dita. Quando você diz reto, eu digo pra você que é isso, agora se eu digo: "Eu sou como o rio que...", vamos dizer assim, fazer um verso rápido... eu não sei se... esse é um verso que eu guardo muito na cabeça, na época que eu estava deprimido, que eu estava sozinho, eu sempre dizia que o meu espírito era como se fosse... "eu sou um rio que se apaixonou pelo céu", não sei se eu falei isso para você na outra vez.

A expressão em versos é complexa pelo fato de carregar em si elementos de ficção, ou seja, os fatos não são narrados/escritos de maneira tão clara e objetiva; conforme o exemplo de Vinícius, na metáfora do rio fica-se subentendido um momento difícil pelo qual ele passou e, apesar de considerar que cada situação requer um verso, este sempre é lembrado quanto ele está triste, pois é a imagem que ele tem de si próprio.

Eu era como um rio que se apaixonou pelo céu, e ao tentar tocar os lábios do céu, eu aprendi a evaporar para chegar até lá em cima. Não tendo força para chegar até lá em cima, eu evaporei e me tornei nuvem, virando chuva e me tornando rio novamente para morrer na beira do oceano novamente. Em épocas tristes eu gosto de me classificar assim. Eu queria ir embora. É claro que isso tem um formato certo e legal, eu só explanei a ideia do verso. Ele tinha uma característica com [na gravação não dá para entender a palavra que ele fala], como ele é uma autotranscrição de mim mesmo, de épocas que eu estou triste e tudo o mais, eu sempre deixo ele guardado comigo, mas não guardado no papel, ele está aqui dentro [coloca a mão na cabeça]. Então ele é um tipo de desabafo que eu nunca esqueço, entendeu?

(...) é como ele fosse eu.

Compreende-se que esse momento é o de exposição máxima de Vinícius, ao escrever os versos que o definem ele se mostra por inteiro;

Sim, exato. [Pega a caneta que estava na mesa e começa a escrever] Seria mais ou menos assim, o que eu queria dizer... "Eu sou como o rio que

veio... ao céu... se apaixonar...", por exemplo. "e aprendeu...", mais ou menos seria assim. "A evaporar... para seus lábios... o céu tocar..." "Não tendo forças... para subir às alturas, caiu em lágrimas em forma de chuva, voltando a ser rio... Para morrer na beira do oceano<sup>13</sup>." Seria mais ou menos assim, ou seja, quando eu escrevo ele soa melhor, até ficava melhor. Seria mais ou menos isso. [silêncio] Claro, eu poderia mexer aqui em algumas coisas, fazer uma rima aqui... Não significa que eu vou precisar rimar essa de cima com essa aqui debaixo, para mim o que vale é o conteúdo só.

Nos parágrafos anteriores, Vinícius considera que a incompreensão de um verso/poema que escreveu é um tipo de rejeição; no entanto, se contradiz quando diz que, apesar de cada poema ter um significado único, ele pode ser interpretado de diversas maneiras e cada interpretação depende de como o poema/verso atingiu cada pessoa.

Claro, eu penso que, na verdade, a poesia é nada mais do que a biografia do cara, situações da vida dele onde ele simplesmente expôs em uma outra linguagem. Inglês, espanhol... ele só colocou em forma de verso, e tem um significado único para ele, que é importante para ele, mas que de alguma forma as pessoas querem ler e cada um interpreta da forma que vem a entender, ou o que o coração atingir, eu não sei.

O trabalho com a forma da escrita, após o esboçar das primeiras ideias, perpassa pelo campo da cognição; a linguagem, ao ser burilada, suprime as reações orgânicas da emoção, presentes no primeiro momento da criação dos versos.

Porque aqui eu fiz um esboço, esse que eu escrevi. Depois eu conseguiria reescrever, ou colocar ele de uma forma, onde ele rimasse, a primeira e a segunda linha, se ele rimasse entre a primeira e a terceira, a segunda e a quarta, fizesse duas, três, quatro estrofes, não sei... Depende... Porque ele foi só esboçado. Existe aquele trabalho do esboço. Você tem uma ideia, aí depois você vai lá e trabalha nele, de uma forma que ele se apresente da maneira que você quer.

Embora que nem aquele da timidez, eu faço um esboço e depois eu fui mudando ele, do jeito que eu queria que ele se apresentasse.

Para mostrar um verso/poema escrito para alguém, Vinícius precisa modificá-lo, se aproximando da ficção contida em literatura; em algumas situações, pouco se encontra do pensamento original do poeta.

---

<sup>13</sup> "Eu sou como o rio que veio ao céu se apaixonar  
E aprendeu a evaporar para seus lábios o céu tocar  
não tendo forças para subir às alturas,  
Caiu em lágrimas em forma de chuva  
Voltando a ser rio para morrer na beira do oceano."

Queria que se apresentasse. Na verdade, essa modificação do que eu queria que apresentasse, era se ele fosse mostrado a alguém. Você concorda comigo que o esboço é o pensamento original? Então, o esboço para mim já é um desabafo, ele não é o conteúdo [trabalhado].

É. Às vezes, a gente para para pensar que o verdadeiro é sempre o esboço. O esboço é o impacto inicial. Quando você acaba trabalhando ele, às vezes ele foge do que ele realmente é.

O poeta relata aquilo que poderia ter ocorrido, dentro dos parâmetros do verossímil; a poesia (literatura) é uma forma de conhecimento da realidade e não é apenas uma encenação do que se é vivido, é a própria vivência; tem-se a necessidade de sentir, experimentar para conhecer; por isso, a poesia é uma definição explícita de afeto, aqui entendido como toda qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam, sejam elas com tonalidades positivas ou com tonalidades negativas.

Por fim, compreende-se que é por meio da escrita de versos/poemas que Vinícius busca encontrar o equilíbrio entre cognição e afetividade; a expressão escrita possibilita que haja a transformação da emoção em atividade mental, pois, as reações orgânicas da emoção são suprimidas. (WALLON, 1934/1971).

### **Eixo Temático 05:**

#### **Vinícius por ele mesmo: “não adianta eu lutar contra a incompreensão”**

*A definição que Vinícius tem de si mesmo é a de ser uma pessoa incompreendida pelos outros, pois suas ações não são entendidas e percebe-se que há uma dificuldade de ser aceito.*

Seis anos depois dessa afirmação, a mesma resposta é dada por ele, mas nos dias atuais, há uma conformidade diante da incompreensão.

Sim. Só que tem um porém. Há seis anos atrás eu era aquela pessoa incompreendida e talvez inconformada. Hoje eu sou uma pessoa conformada.

Quando fala de si, há uma naturalização em sua fala, no sentido de acreditar que as coisas permanecerão as mesmas. Além disso, atribui ao “outro” a

determinação de seus problemas, pois, ao ser “incompreendido”, revela que é o “outro” que não o compreende.

É, porque eu sou incompreendido, mas não adianta eu lutar contra a incompreensão, vai ser assim, eu vou morrer assim. Para mim, agora, não é importante eu ser compreendido. Por quê?

Não sei, eu não tenho porquê.

Para ele, a identidade é estática, sem movimento e, portanto, segundo Ciampa (1987/2007), uma não-identidade; como dito anteriormente, ele se encontra em uma condição de mesmice em que não vê possibilidades e perspectivas de transformação e, dessa maneira, há uma constante reposição de personagens.

É, talvez lutava para tentar... Talvez era aquele pensamento de adolescente, talvez na fase depois da adolescência, mas depois de um tempo, você se torna mais maduro e aí não existe motivo, você é do jeito que você é e ponto final. É sua identidade. Às vezes, ao mesmo tempo, é complicado e ao mesmo tempo é muito simples. Você é isso e ponto final. Você é se você é. Não há nada que você faça que vai mudar. Não há nada que você fale que muitas vezes as pessoas vão te entender ou deixar de te entender. Às vezes é um momento de desabafo, as pessoas acham que te entendem, dois, três meses depois volta tudo a mesma coisa. Não faz diferença. Se há algo que faz diferença para você, aí é com você.

Considera que a mudança significativa desses últimos seis anos foi a questão da comunicação, no entanto, entende-se que, por ser algo decorado, é uma ilusão da parte dele, pois a qualquer momento alguém pode desconcertá-lo.

(...) o que mudou nisso tudo aqui é a parte da comunicação. Como o tempo passou, já se passaram mais de seis anos, agora eu... Principalmente na parte de trabalho, na vida pessoal não mudou muita coisa, mas, na parte de trabalho (...).

Sim... é, então... [muito reticente] é aquela sensação de que não aconteceu nada demais. Continua a mesma coisa, eu só dei uma evoluída na parte do trabalho. Talvez no aspecto pessoal eu tenha amadurecido um pouco, até porque já se passaram seis anos.

Ah, para lidar com algumas coisas.

No trabalho, com a namorada, desse tipo de coisa. Acho que, vamos dizer assim, acho que essa parte da mecanização que eu criei, ela ficou mais fácil de colocar em ação do que antes. É como se... eu me tornei melhor em colocar em ação o sistema de defesa.

Em todos os aspectos de sua vida, Vinícius acionou um sistema de defesa composto por barreiras impenetráveis em que tanto se afasta das pessoas quanto evita possibilidades de mudança e, em sua visão, as coisas continuam e permanecerão as mesmas.

Sim... Algumas coisas continuam a mesma coisa, não muda. Parece que... às vezes a gente para e pensa: "Nossa, não é mais assim.", mas é, continua sendo.

Em resumo: Compreende-se que as tentativas frustradas de Vinícius para chamar a atenção de seus pais, a reprovação dada pelo pai quando ele convidou um amigo para participar de um churrasco em sua casa e as situações de exclusão sofridas no âmbito escolar por meio de práticas de violência como o bullying foram determinantes para a constituição da identidade de Vinícius e para a maneira como ele estabelece relações com o outro; esses fatos vivenciados na infância e na adolescência são carregados de sentimentos com tonalidade negativa, sendo que o principal é a rejeição. Não houve superação, ou em outras palavras, não houve metamorfose. Esses fatos são carregados por ele e justificam sua permanência como Vinícius incompreendido e rejeitado. Não houve movimento, transformação, metamorfose; enfim, não houve emancipação.

Se, por um lado, o medo de ser rejeitado faz com que Vinícius tenha uma postura defensiva e mecânica, por outro, ao evitar que as pessoas se aproximem dele é ele quem rejeita, pois nega a possibilidade de interação, de comunicação e relacionar-se com as pessoas. No entanto, entende-se que também existe uma autorrejeição de Vinícius que é projetada no outro, ele atribui ao outro a imagem que tem de si próprio e usa a timidez como justificativa para uma autocomiseração e para o não enfrentamento da vida.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que há uma fetichização do personagem Vinícius-tímido, ainda que com algumas diferenças, é esse personagem que aparece nas esferas pessoal, profissional e social de Vinícius, levando-o a uma condição de mesmice.

Com base na perspectiva junguiana, a timidez é uma máscara utilizada por ele como uma forma de não assumir a própria vida; é uma desculpa para não enfrentar os problemas, é um mecanismo de defesa, é persona e sombra.

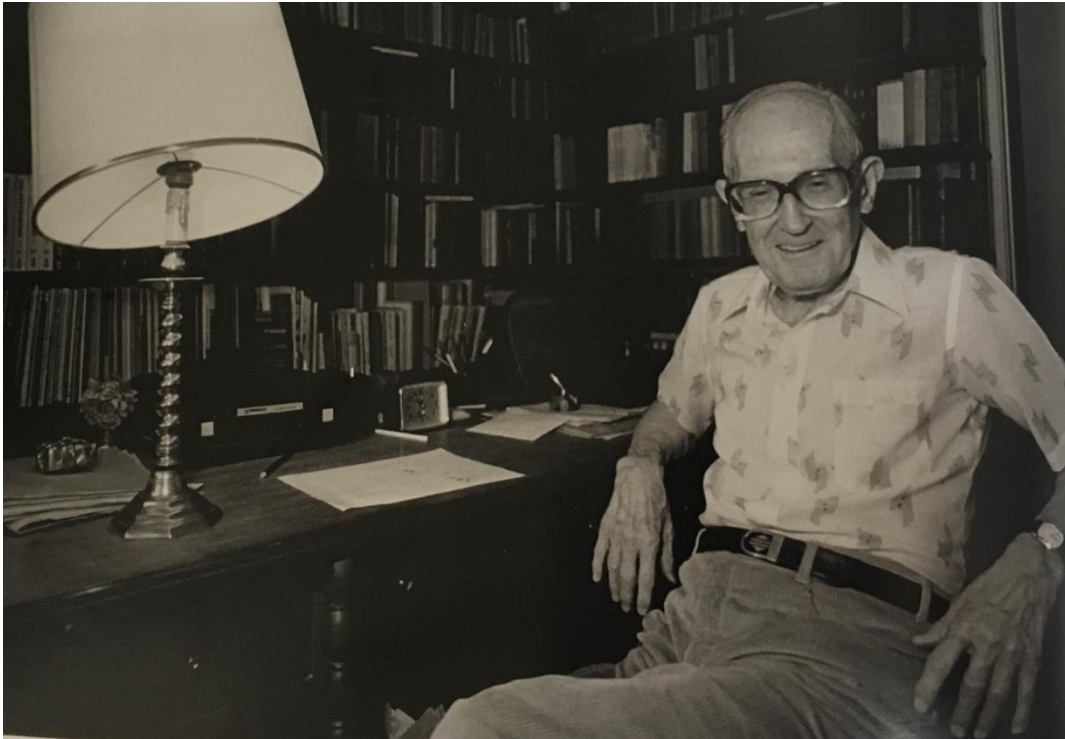
O problema de Vinícius é existencial, pode-se afirmar que existe um sentimento de inadequação diante do mundo que quase o leva a recusar-se a viver, suas emoções e sentimentos são reprimidos e silenciados, não há enfrentamento, logo, não há superação e nem a possibilidade de sair dessa condição.

Por fim, outra consideração importante a se fazer é em comparação entre o estudo do mestrado e esta pesquisa; há seis anos, percebia-se que ele se encontrava em um direcionamento à metamorfose, hoje, entretanto, Vinícius encontra-se em um estado de permanência e, até mesmo, de involução; até a atividade de escrita de poemas, que antes era significativa e feita com frequência, hoje é quase que abandonada por ele, o que remete à ideia de “apagamento” diante da vida ou, em outras palavras:

Tudo ia escurecendo... escurecendo... Mas eu andava, eu continuava, eu não queria acreditar...

Risquei um fósforo, já sob a escuridão absoluta, e na lâmpada que minhas mãos em concha formavam, percebi que tinha feito 30 anos. Então morri. Dou minha palavra de honra que morri, estou morto, bem morto. (ANDRADE, 1944/2011, p. 173).

### 4.3 Dados biográficos de Carlos Drummond de Andrade



(Créditos: Rogério Reis/Tyba)

*Se de tudo fica um pouco,  
mas por que não ficaria  
um pouco de mim? no trem  
que leva ao norte, no barco,  
nos anúncios de jornal,  
um pouco de mim em Londres,  
um pouco de mim algures?  
na consoante?  
no poço?  
(...)  
E de tudo fica um pouco.  
Oh abre os vidros de loção  
e abafa  
o insuportável mau cheiro da memória.  
(Carlos Drummond de Andrade)*

Segundo Freitas Filho (2012, p. 10), escrever a biografia de Carlos Drummond de Andrade é deparar-se com uma gama de obstáculos e de contradições; o principal deles reside no fato de a existência do homem “Carlos ter sido miúda, funcionária e vivida na sombra, em contraste com a de Drummond, poeta tremendo, monstruoso, de alto coturno”.

Sinto-me um pouco sem assunto todas as vezes que alguém me pede para contar minha vida. Por dois motivos: primeiro, porque minha vida é realmente pobre de acontecimentos, do ponto de vista da história de quadrinhos, da biografia política ou pitoresca; segundo, porque o que há nela de assunto já está contado tão claramente em meus livros, que não sobra nada para a conversa. Se sobrasse, não deixaria de aproveitá-lo para mais alguns versinhos... Minha poesia é autobiográfica. Até nem sei como costuma fazer tanto barulho em certos círculos. Podem não gostar dela por ser má, porém incompreensível, é exagero. É uma confissão, talvez a primeira forma de uma obra literária, obra ainda em bruto, insuficientemente transformada em criação artística.

Assim sendo, quem se interessar pelos miúdos acontecimentos da vida do autor, basta passar os olhos por esses nove volumes que, sob pequenos disfarces, dão a sua ficha civil, intelectual, sentimental, moral e até comercial... (Entrevista concedida ao *Jornal de Letras* em 1955)

No entanto, por ser uma obra literária, portanto, possui elementos da ficção, a vida narrada não é a vida vivida, mas a vida contada a partir da subjetividade e das circunstâncias do poeta; a lembrança tem como função conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele e, aquilo que é indiferente é descartado, o desagradável é alterado, o confuso é simplificado e o trivial se torna insólito; o passado, portanto, pode ocupar todo o espaço mental do sujeito ou ser esquecido, desdenhado. Assim, memória é trabalho e, por meio desta, o passado é continuamente reconstruído (BOSI, 1979/2010).

Diante dessas considerações, esta parte do capítulo em que os dados do estudo são apresentados é destinada à vida Carlos Drummond de Andrade que, diferente do participante Vinícius, teve sua história de vida contada em livros, em documentários e em poemas, crônicas e contos escritos pelo poeta; optou-se por narrar sua história, desde o seu nascimento até a sua morte, tendo como eixo a biografia “Os sapatos de Orfeu” (CANÇADO, 2012), intercalando-a com correspondências e poemas do autor como exemplo do fato narrado.

Em 31 de outubro de 1902 nasce em Itabira-MG Carlos Drummond de Andrade, nono filho do fazendeiro Carlos de Paula de Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade.

### Confidência do Itabirano<sup>14</sup>

Alguns anos vivi em Itabira.  
 Principalmente nasci em Itabira.  
 Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
 Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
 Oitenta por cento de ferro nas almas.  
 E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
 vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
 é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
 este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
 esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
 este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
 este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
 Hoje sou funcionário público.  
 Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
 Mas como dói!

(Sentimento do Mundo, 1940, p. 207)

Segundo Cançado (2012), desde a infância Drummond carrega consigo a experiência da estranheza, do isolamento e da incomunicabilidade entre ele e seus irmãos, o que causa o sentimento de não pertencimento àquele grupo, é um *outsider* no próprio âmbito familiar; a relação com sua família é permeada por contradições representadas, de um lado, pela figura materna em que há uma proximidade maior e, de outro lado, pela figura paterna em que há um afastamento; o pai exercia “para o filho Carlos o papel de força a ser vencida, de princípio a ser contestado, e, depois, de permanente figura do inconsciente do poeta” (CANÇADO, 2012, p. 30).

### Infância

#### A Abgar Renault

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
 Minha mãe ficava sentada cosendo.  
 Meu irmão pequeno dormia.  
 Eu sozinho menino entre mangueiras  
 lia a história de Robinson Crusoe,

<sup>14</sup> Os poemas escritos e publicados entre 1930-1962 foram retirados do livro: ANDRADE, C. D de. Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
- Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

(Alguma Poesia, 1930, p. 55-56)

Além do isolamento, outra característica constituinte da identidade do menino Carlos é a timidez que fica bem marcada em dois episódios: o primeiro deles refere-se ao desconcerto do menino diante das provocações de Arabela, que nas noites de coroação de Maria em que Carlos se vestia de anjo, ao vê-lo indo para a igreja dizia: “Ai, Carlito, já vai de anjo de novo?” e o menino, vermelho de embaraço e de raiva, voltava para casa e enfiava-se em seu quarto; raras vezes ele conseguiu chegar ao seu destino. O segundo episódio refere-se à dificuldade paralisante de executar os movimentos da coreografia que acompanhava o hino municipal: “Carlito, teso e tímido, desde então com uma dificuldade paralisante de mover um braço, ‘quanto mais os dois’, não chegava a fazer tão desembaraçadamente os movimentos” (CANÇADO, 2012, p. 47), motivo de desconforto e inquietação nos outros e nele próprio.

### **Solilóquio do Caladinho**

Eu não sei o que diga  
se me falam na rua.  
Não estou preparado  
para conversa no ar.

Não sei fazer visita  
e dizer as amenas  
frases que toda gente  
traz no bolso da calça.

A mentira é difícil  
e não por ser mentira:  
porque exige da gente  
a arte de inventar.

A alegria é difícil  
de se manifestar,  
não por ser alegria.  
Porque é forte demais.

O sofrimento é fácil  
de se exigir na face.  
Tudo dói, tudo queima  
sem fósforo aparente.

Os parentes me falam  
uma língua só deles.  
Eu entendo a linguagem  
das pedras sem família.

Tudo é mais complicado  
se se tenta explicar.  
Um gato me fitou,  
percebi tudo: nada.

(Boitempo II, 1973 in: Poesia Completa, 2002, p. 972)

Outro momento importante da infância do poeta refere-se à primeira redação escrita por Carlito, a história contada por ele era sobre uma viagem ao polo Norte e descreve um naufrágio e a visita a um vulcão; o texto escrito deixou-lhe com o rosto em chamas e teve aprovação da professora, assim como no conto de sua autoria “O escritor nasce e morre”, pode-se dizer que o nascimento de Drummond (o escritor) se deu naquele momento de aprovação.

Em 1916 é matriculado no colégio Arnaldo, um colégio interno, da Congregação do Verbo Divino, em Belo Horizonte; no entanto, não dá prosseguimento aos seus estudos por motivos de doença e retorna a Itabira; dois anos mais tarde, é matriculado no colégio interno Anchieta, da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro; é o primeiro aluno da classe, sempre com aproveitamento ótimo ou bom em todas as disciplinas, mas faltando apenas alguns meses para a conclusão dessa etapa escolar e para o seu regresso à cidade natal, Drummond desentendendo-se com o professor de língua portuguesa, é expulso da sala de aula e, após da leitura das notas em público, quando recebeu uma nota quatro em comportamento por comiseração, escreve uma carta em que dizia que as notas

não deveriam ser dadas por comiseração, o que culminou em sua expulsão do colégio sob a acusação de “insubordinação mental”.

### **Certificados Escolares**

I

Do certame literário  
 neste grande educandário,  
 o nosso aluno mineiro,  
 pacato, aplicado, ordeiro,  
 sai louvado com justiça,  
 por ter galgado na liça  
 este sonhado ouropel:  
 o posto de coronel  
 em francês, inglês, latim.  
 Que Deus o conserve assim.

II

Em literário certame  
 após rigoroso exame  
 escrito, oral e o que mais,  
 de resultados cabais,  
 o nosso caro estudante  
 discreto, pouco falante,  
 conquistou em Português,  
 sem mas, porém ou talvez,  
 o ápice colegial  
 dos galões de general.

III

Por seu bom comportamento  
 em cada hora e momento,  
 seja em aula ou no recreio,  
 na capela ou no passeio,  
 acordado e até no sono  
 (do que todos dão abono),  
 receberá hoje ufano,  
 o prêmio maior do ano,  
 e que em silêncio não passe:  
 medalha de prima classe.

IV

Que resta fazer agora  
 no adiantado da hora  
 de nossa faina escolar  
 em forma complementar  
 com relação a este aluno  
 e que se torne oportuno  
 para melhor prepará-lo  
 qual adestrado cavalo,  
 da vida no páreo duro?  
 Que seja expulso – escuro.

(Boitempo III, 1979 in: Poesia Completa, 2002, pp. 1123-1124)

Segundo Cançado (2012, p. 71), a saída brusca de Carlos do colégio Anchieta teve grande influência em seus estudos e em sua vida; “o abalo jogou-o para sempre fora do prumo em que a sua vida estivera até então”.

O início da década de 1920 foi marcado pela mudança da família de Carlos para Belo Horizonte-MG que, após um ano vivendo no Hotel Internacional da capital mineira, instalou-se em definitivo na Rua Silva Jardim, nº 107; nesse mesmo ano conheceu Dolores, com quem, mesmo com a oposição dos pais de Drummond devido às diferenças de classe, iniciou um namoro:

Difícil saber como começou e de que se nutria o namoro de Carlos e Dolores. Ao longo de sessenta anos, quase nada escapou dessa relação e desse casamento entre um sujeito reservadíssimo com relação à sua vida doméstica e conjugal (embora não ocorresse com relação à sua vida erótica e amorosa de um modo geral) e essa mulher que sempre esteve dedicada a segurar a infra do poeta (CANÇADO, 2012, p. 93).

Aos vinte anos, começou a ter uma vida social mais ativa formando, com Pedro Nava, Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Rodrigo Mello Franco de Andrade, o Grupo do Estrela, frequentadores assíduos do cine Odeon, da Livraria Alves e do Café Estrela.

Com tantos grupos ao longo de todas as épocas, era em busca desse confronto com os outros e consigo mesmos que aqueles rapazes se encontravam. No fundo eles queriam fazer de cada encontro uma, duas, três, mil catarses. Para isso, eles tiveram desde o início, como no palco grego, a condição essencial “da unidade de tempo, lugar e ação”: a deles era a rua da Bahia, de onde nunca saíam, e que era o lugar onde tudo lhes caía sobre a cabeça. (CANÇADO, 2012, p. 89)

O interesse pelo movimento literário modernista faz com que Carlos e os amigos visitassem o grupo de paulistas composto por Olívia Guedes Penteadó, Gofredo Teles, Tarsila do Amaral, o poeta francês Blaise Cendrars, os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade e o menino Oswald de Andrade Filho (Noné – futuro artista plástico) no Grande Hotel de Belo Horizonte; nessa ocasião Carlos e Mário se conhecem e, por iniciativa do primeiro, começam a trocar uma série de correspondências até o ano de 1945, data da morte do autor de Macunaíma.

Estabeleceu-se imediatamente um vínculo afetivo que marcaria em profundidade a minha vida intelectual e moral, constituindo o mais constante, generoso e fecundo estímulo à atividade literária, por mim

recebido em toda a existência. Isto sem falar no que esta amizade me deu em lições de comportamento humano, desvelos de assistência ao homem tímido e desarvorado, participação carinhosa nos cuidados de família, expressa em requintes que a memória e a saudade tornaram indelévels (ANDRADE, C. D. de, 1982/2015, p. 10)

Mário exerce o papel de mestre para Carlos, mas, mais do que conversas e posicionamentos sobre literatura e o fazer literário, há troca de confidências entre os dois:

Cada carta tem duas direções: Mário suga Carlos, onde este se abre a ele; Carlos suga Mário, onde este se lhe abre. Se cada carta, isoladamente, tem duas direções, a correspondência trocada tem pelo menos quatro. Carlos não conhece a si apenas pela janela que oferece a Mário; vai também conhecer a si pela janela que Mário lhe abre sobre si mesmo. Do mesmo modo, Mario não conhece a si apenas pela janela que abre para Carlos, vai também conhecer a si pela janela que Carlos lhe abre sobre si mesmo. Assim como o discípulo Carlos se deixou contaminar pelo mestre Mário, também este acabará sendo contaminado pelo responsivo e responsável discípulo (SANTIAGO, 2002, p. 20).

Em 1925 há dois acontecimentos importantes na vida de Carlos, o primeiro refere-se ao casamento com Dolores que foi recebido com surpresa por muitas pessoas de convívio de Drummond, tanto pelo fato de ele falar pouco da moça quanto pelo fato de que ela não participava do seu grupo; Mário de Andrade foi um dos que receberam o convite do casamento com surpresa e preocupação de que fosse um ato impulsivo do amigo e chegou a aconselhá-lo que, se fosse esse o caso, rompesse o compromisso.

Mário, meu muito querido amigo

Deus te pague o bom presente que foi a tua carta, chegada aqui justamente um dia depois do meu casamento. Quanta coisa justa, interessante, inteligente e útil puseste lá dentro! Vejo que te interessaste de veras pela minha situação moral em face dessa delicada questão, e procuraste sentir o meu caso. E conseguiste. Sem desejo de adular, afirmo que conseguiste. O que aliás não julgo ser devido à tua finura psicológica, mas ao teu largo e generoso coração. Nenhuma palavra me comoveu tanto ao longo da minha aventura (porque foi uma aventura, e complicadíssima) como aquela de sua carta: "Antes de ser artista, seja homem." Corrigi um pouco o meu modo de ser (por onde eu vi que o modo de ser é coisa adquirida, produto de educação e vontade), mandei ao diabo as atitudes literárias, hoje... estou casado e feliz. Quando digo feliz quero dizer que vivo em paz comigo mesmo e com minha mulher, tirante uma ou outra contrariedade que muitas vezes não é culpa da gente, pois vem de fora, causada pelo atrito de nossa personalidade com o mundo exterior. Não sou dado de natureza aos grandes entusiasmos, por isso não esperava nem espero ainda tirar do casamento uma bruta felicidade. Mas confesso que ainda neste particular tua carta me serviu muito, por isso que sem me tirar de todo alguma

possível ilusão, me deu a imagem exata da vida de casado, em que as concessões ocupam um lugar importantíssimo, e que é preciso ser vivida com indulgência e doçura (Carta 14<sup>15</sup>, de 19 de julho de 1925, pp. 131-132)

O segundo acontecimento refere-se à conclusão do curso de farmácia iniciado em 1923; essa profissão nunca foi exercida por Drummond, mas o momento de formatura foi transformado em poema:

### **Final de História**

O quadro de formatura  
foi pintado por Borsetti.  
[...] Meu Deus, formei-me deveras?  
Sou eu de beca alugada,  
uma beca só de frente,  
para uso fotográfico,  
sou eu, ao lado de mestres  
Ladeira, Laje, Roberto,  
e do ínclito diretor  
Doutor Washington Pires?  
Eu e meus nove colegas  
mais essas três coleguinhas,  
é tudo verdade? Vou  
Manipular as poções  
que cortam a dor do próximo  
e salvam os brasileiros  
do canguari e do gálico?  
Não posso crer. Interrogo  
O medalhão do Amorim:  
Companheiro, tu me salvas  
Do embrulho em que me meti?  
Dou-te plenários poderes:  
em tuas farmácias Luz  
ou Santa Cecília ou Cláudia,  
faze tudo que eu devia  
fazer e que não farei  
por sabida incompetência:  
purgas, cápsulas, xaropes,  
linimentos e pomadas,  
aplica, meu caro, aplica  
trezentas mil injeções,  
atende, ajuda, consola  
sê enfermeiro, sê médico,  
sê padre na hora trevosa  
da morte do pobre (a roça  
exige de ti bem mais  
que o nosso curso te ensina).  
Vai, Amorim, sê por mim  
O que jurei e não cumpro.  
Fico apenas na moldura  
do quadro de formatura.

---

<sup>15</sup> As cartas foram extraídas da obra: ANDRADE, C. D. de.; ANDRADE, M. de. Carlos e Mário: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

(Boitempo III, 1979, in: Poesia Completa 2002, pp. 1176-1178)

Nesse período, a vida profissional de Drummond ainda estava indefinida; apesar de escrever desde 1921 para o Jornal “Diário de Minas” e colaborar com outros jornais e revistas, recebia pouco pelo trabalho e dependia de seus pais para prover o seu sustento e o de Dolores; dessa forma, em 1926, mudou-se com a esposa para a fazenda em Itabira, herdada por ele e por um de seus irmãos, em uma tentativa de ser um homem do campo.

No entanto, por causa da gravidez de risco de Dolores, em sua breve estada em Itabira, sua saúde de sua esposa se agravou e ela esposa precisou voltar às pressas para Belo Horizonte; Carlos ainda ficou por um breve período na cidade natal, após um período como professor de português e geografia no Ginásio Sul-Americano, Drummond vende sua parte da fazenda para o irmão e antes do final do ano volta para Belo Horizonte e, por intermédio de Alberto Campos, conseguiu uma vaga como redator chefe no Diário de Minas.

Em 21 de março de 1927, após um penoso trabalho de parto, nasceu Carlos Flávio, primeiro filho do casal, mas que viveu apenas por meia hora; segundo Cançado (2012), pouco se conhece das reações de Drummond com relação à morte do filho, sabe-se que o poeta escreveu carta para um de seus irmãos e para seus amigos, entre eles Mário de Andrade:

Mário querido

Meu filhinho viveu apenas meia hora. Nasceu às 4 e 15 da tarde e morreu às 4 e 45. O médico disse que era hepatite luética congênita. Mas parece que ele morreu de asfixia. Fiquei tão alegre vendo-o nascer e sabendo que era homem que nem reparei no que se estava passando e foi o seguinte: o menino nasceu roxo, ansiado, e sem chorar, gemendo apenas. Logo o puseram numa bacia de banho e ali a parteira o batizou, na minha frente, sem que eu visse. Depois de vestido, fechou os olhos, eu pensei que estivesse dormindo, Dolores disse que estava com um pressentimento que ele tinha morrido. Levaram o menino para outro quarto e ali o médico começou a fazer massagens no corpinho dele, fez todos os esforços; mas já era tarde.

Era uma criança linda, digo isto não porque fosse meu filho, mas porque todo mundo reconheceu. Pesava 5 quilos e media 54 centímetros de altura: uma coisa raríssima, e mais admirável ainda sendo os seus pais fracos.

Dolores graças a Deus vai bem chorando a miúdo, como é natural, mas sem ter experimentado nenhuma complicação no seu estado.

Escreva para este seu *pobre Carlos*. (Carta 58, de 24 de março 1927, p. 282)

O luto pela morte prematura do filho termina com o nascimento de sua filha Maria Julieta, grande companheira ao longo da vida do poeta e com quem criou uma relação de cumplicidade e de amizade.

### A mesa

[...]  
 Repara um pouquinho nesta,  
 no queixo, no olhar, no gesto,  
 e na consciência profunda  
 e na graça menineira,  
 e diz, depois de tudo,  
 se não é, entre meus erros,  
 uma imprevista verdade.  
 Esta é minha explicação,  
 meu verso melhor ou único,  
 meu tudo enchendo meu nada.  
 [...]

(Claro Enigma, 1951, p.673)

Com o nascimento da filha, as responsabilidades aumentaram e Drummond passa novamente por um período de dificuldade financeira. É convidado por Assis Chateaubriand para dirigir em São Paulo o *Diário da Noite*, mas recusa o convite. Segundo Cançado (2012), na mesma época da recusa, o amigo Rodrigo Mello Franco de Andrade arranhou-lhe um emprego na Secretaria da Educação e Carlos começou a trabalhar como diretor da *Revista Ensino*.

Em 1930, após os empregos nas redações de Jornais e Revistas, Drummond tornou-se auxiliar de gabinete do secretário de Interior de Minas Gerais, Cristiano Machado; nesse mesmo ano publicou-se *Alguma Poesia*, livro de estreia de Carlos Drummond de Andrade e considerado um dos marcos da moderna poesia brasileira.

A análise de *Alguma Poesia* dá bem a medida psicológica do poeta. Desejaria não conhecer intimamente Carlos Drummond de Andrade para melhor achar pelo livro o tímido que ele é. Para ele se acomodar, carecia que não tivesse nem a sensibilidade nem a inteligência que possui. Então dava um desses tímidos só tímidos, tão comuns na vida, vencidos sem saber que o são, cuja mediocridade absoluta acaba fazendo-os felizes! Mas Carlos Drummond de Andrade, tímido, é ao mesmo tempo inteligentíssimo e sensibilíssimo. Coisas que se contrariam com ferocidade. E desse combate toda a poesia dele é feita. Poesia sem água corrente, sem desfiar e concatenar de ideias e estados de sensibilidade, apesar de toda construída sob a gestão da inteligência. Poesia feita de explosões

sucessivas. Dentro de cada poema as estrofes, às vezes os versos, são explosões isoladas. A sensibilidade, o golpe de inteligência, as quedas de timidez se interseccionam aos pinchos (ANDRADE, M. de 1931/1960).

Após o lançamento do livro, os amigos do poeta organizam um banquete com o objetivo de festejar *Alguma Poesia*; no dia da comemoração, Drummond surpreendeu a todos com um longo discurso feito de improviso em que se notava um diálogo imaginário entre um anjo gaiato e terno e ele mesmo; “talvez nunca aquele sujeito tivesse se mostrado tanto” (CANÇADO, 2012, p. 135).

Ainda nesse ano, Drummond participa da Revolução de 1930 e, segundo Cançado (2012), tinha como função redigir telegramas e esboçar comunicados que depois eram assinados pelos líderes revoltosos. Após a vitória do grupo liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com um golpe de estado e com Getúlio Vargas como presidente de um governo provisório, Drummond tornou-se chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais; apesar do cargo de funcionário público, Drummond não deixou de colaborar com artigos, crônicas, contos e poemas nos Jornais e Revistas mineiros.

Em 1934, a convite de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde, Drummond mudou-se para o Rio de Janeiro com Dolores e Maria Julieta; no início, a mudança para a capital do país é vivenciada com sofrimento, em especial pelo fato de Maria Julieta não ser aceita de imediato no grupo de crianças da vila onde moravam.

Primeiro, diziam os moradores antigos, era preciso saber que família afinal era aquela e de onde vinha. Era uma situação inédita na vida de Drummond. Era como se a nova família de moradores, cujos antepassados imediatos tinham sido proprietários de incontrastáveis extensões de terra, estivesse sendo submetida agora a uma discreta mas embaraçosa experiência de quarentena social no apertado pátio da vila.

(...)

Mas não deixava de haver algo de desaprisionante e libertador nessa identidade social que Drummond ia ganhando na vila. Há um tipo de cidadania que se adquire não com a conquista de novos direitos, mas com a perda de prerrogativas. Era nesse tipo de cidadania que o chefe de gabinete Carlos Drummond de Andrade ia mergulhando cada vez mais na capital do país (CANÇADO, 2012, p. 152).

Drummond publica em 1940, em uma edição clandestina, o livro *Sentimento do Mundo*; o olhar do poeta é voltado para os acontecimentos do mundo e do Brasil: ascensão do nazi-fascismo, a Segunda Guerra Mundial, a imposição do Estado

Novo por Getúlio Vargas, em 1937, e a perseguição aos comunistas são motivos para uma poesia contestadora e que expressam “o sentimento de um mundo sufocantemente coisificado, transformado no reino da completa reificação” (CANÇADO, 2012, p. 160).

### **Elegia 1938**

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis encham os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a concepção.  
À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de morrer.  
Mas o terrível despertar prova a existência da Grande Máquina  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

(Sentimento do Mundo, 1940, pp. 253-254)

Dessa maneira, Drummond tornou-se uma voz forte na luta antifascista e democrática, concretizada em entrevistas, artigos, crônicas, contos e poemas; no entanto, o ano de 1945 é um dos mais marcantes na vida do poeta; entre os principais acontecimentos está a morte de Mário de Andrade: além da referência, perdia-se o amigo:

### **Mário de Andrade desce aos infernos**

[...]

III

O meu amigo era tão  
de tal modo extraordinário,  
cabia numa só carta,  
esperava-me na esquina,  
e já um poste depois

ia descendo o Amazonas,  
 tinha coletes de música,  
 entre cantares de amigo  
 pairava na renda fina  
 dos Sete Saltos,  
 na serrania mineira,  
 no mangue, no seringal,  
 nos mais diversos brasis,  
 e para além dos brasis,  
 nas regiões inventadas,  
 países a que aspiramos,  
 fantásticos,  
 mas certos, inelutáveis,  
 terra de João invencível,  
 a rosa do povo aberta...  
 [...]

(A Rosa do Povo, 1945, pp. 508-509)

O segundo acontecimento refere-se ao pedido de demissão da chefia de gabinete do ministro Gustavo Capanema, seguido do convite de Luís Carlos Prestes para o cargo de editor da *Tribuna Popular*, jornal do Partido Comunista Brasileiro; no entanto, abandona a edição desse jornal depois de alguns meses por discordar de suas orientações e acaba sofrendo hostilizações dos membros do partido, culminando em seu retorno para o serviço público para trabalhar na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico. Por fim, a publicação de *A rosa do povo*, no qual se percebe um engajamento político mais explícito e na referida obra estão alguns dos poemas mais importantes de Drummond e de toda a poesia brasileira (CANÇADO, 2012).

No final de dezembro de 1948, morre Julieta Augusta, mãe do poeta; segundo Cançado (2012), o amor de Carlos pela mãe era profundo e sem sofrimentos, em seus poemas e outros escritos lembrará dela com muito afeto positivo.

### **Memória**

Amar o perdido  
 Deixa confundido  
 Este coração.

Nada pode o olvido  
 Contra o sem sentido  
 Apelo do Não.

As coisas tangíveis  
 Tornam-se insensíveis  
 À palma da mão.

Mas as coisas findas,

Muito mais que lindas,  
Essas ficarão.

(Claro Enigma, 1951, p. 570)

Desde o início do namoro com Dolores, o relacionamento de ambos não era nem um pouco convencional; a vida amorosa de Drummond era permeada por alguns casos extraconjugais; o mais duradouro deles foi com Lygia Fernandes, uma bibliotecária do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural que, em meados da década de 1950, tinha 24 anos e, mesmo com Lygia, Drummond ainda teve outros arrebatamentos amorosos. Entende-se que os relacionamentos fora do casamento foram uma de suas mais notáveis contradições em relação ao homem tímido, que se escondia debaixo na mesa para não receber visitas em sua casa e que evitava se encontrar com pessoas desconhecidas e, muitas vezes, faltava em seus compromissos sociais; no entanto, era desembaraçadíssimo ao se aproximar de alguma mulher de seu interesse e, na época do início namoro com Lygia, Drummond já tinha uma popularidade notável e não faltavam moças no prédio onde trabalhava que faziam visitas ao poeta, a fim de conhecê-lo e lhe mostrar alguns escritos para que ele desse alguma opinião (CANÇADO, 2012).

“O Carlos amava da mesma forma que escrevia, dramaticamente”, diria depois uma de suas amigas. O sexo estava longe de ser para ele uma espécie de moeda banalizada de troca entre ele e o outro, entre ele e ele mesmo, mas era antes uma forma de estarrecimento e iluminação. Mais de uma amiga ouviu dele a advertência e o consolo: “Está mais do que provado que essa realização do amor nunca é desacompanhada de grandes tremores de terra, de grandes convulsões”, dizia-lhes. (CANÇADO, 2012, p. 250)

No que se refere a sua vida poético-literária, ainda nos anos 1950, Drummond publica *Claro Enigma* (1951) e *Fazendeiro do Ar* (1954); o primeiro é considerado um marco da obra poética do poeta, abandona-se a poesia social e política de *A Rosa do Povo* e volta-se para a reflexão da condição humana; pelo tom pessimista, é um livro recebido de maneira negativa pela crítica da época. Por sua vez, a segunda obra continua com a reflexividade sobre a vida, mas abre espaço para a celebração do erotismo (em “A escada”) e da vida (em “Luís Maurício, infante”, poema dedicado ao nascimento do segundo neto); nesse mesmo período, Drummond torna-se cronista do *Jornal Correio da Manhã*, no qual permanecerá até 1969.

### A Escada

Na curva desta escada nos amamos,  
nesta curva barroca nos perdemos.

O caprichoso esquema  
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te, carne? Um arrepio telepático  
vibrou nos bens municipais, e dando volta  
ao melhor de nós mesmos,  
deixou-nos sós, a esmo,  
espetacularmente sós e desarmados,  
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos  
de toda comunhão no século (esta espira  
é testemunha, e conta), que restava  
das línguas infinitas  
que falávamos ou surdas se lambiam  
no céu da boca sempre azul e oco?

[...]

E se este lugar de exílio hoje passeia  
faminta imaginação atada aos corvos  
de sua própria ceva,  
escada, ó assunção,  
ao céu alças em vão o alvo pescoço,  
que outros peitos em ti se beijariam  
sem sombra, e fugitivos,  
mas nosso beijo e baba se incorporam  
de há muito ao teu cimento, num lamento.

(Fazendeiro do Ar, 1954, p. 714)

Apesar da recepção negativa de ambos os livros, percebe-se que a poesia de Drummond acompanha os acontecimentos do tempo em que vive, é um reiventor de si mesmo. Nos primeiros livros existe uma forte influência estética do modernismo que, aos poucos cede lugar para uma poesia voltada para questões sociais que, por sua vez, abre espaço para questões existenciais em que se abordam o sentido da vida, perpassando em 1962 com a publicação de *Lição de Coisas*, pelo concretismo, para culminar na série memorialística *Boitempo* (1968, 1973, 1979). Percebe-se um movimento que começa no macro (mundo) para se chegar ao micro (ele próprio).

Ao voltar-se para os fatos da vida do homem Carlos, nota-se que os acontecimentos das últimas três décadas foram marcados pela sua aposentadoria do funcionalismo público em 1962; pela contínua colaboração como cronista e poeta em diferentes jornais e revistas; pela indicação de prêmios por sua obra literária,

mas a maioria foi recusado pelo poeta acreditar que não tinha feito nada de significativo durante aquele período; por entrevistas para a televisão, mesmo com certa contrariedade; pela homenagem feita a ele no carnaval de 1987 pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira; por perdas/falecimentos de amigos e familiares, sendo o mais significativo deles o de sua filha Maria Julieta, por quem sentia um profundo e incondicional amor.

Dizem que o rosto estava lindo, puro, sem rugas, juvenil. Compareceram muitos amigos e às quatro horas saímos para a longa caminhada até a sepultura, colocada em lugar elevado. Dolores não aguentou ir até o fim, apesar de insistir em caminhar. Eu fui mais além, mas também não ousei subir a escadinha final, que subia até a cova. Ziraldo arranhou um táxi que entrou num portão do cemitério, na rua General Polidoro, e que nos conduziu até em casa. Assim termina a vida da pessoa que mais amei neste mundo.

(ANDRADE, C. D. de, 1987, apud CANÇADO, 2012, p. 354)

Após doze dias da morte da filha, Carlos, por insuficiência respiratória causada por um infarto dias antes, vem a falecer e deixa como legado para o mundo a obra mais rica da literatura brasileira; tendo como último poema “Elegia a um tucano morto”, escrito para seu neto Pedro Augusto:

### **Elegia a um tucano morto**

Ao Pedro

O sacrifício da asa corta o voo  
no verdor da floresta. Cidadino  
serás e mutilado,  
caricatura de tucano  
para a curiosidade de crianças  
e a indiferença de adultos.  
Sofrerás a agressão de aves vulgares  
e morto quedarás  
no chão de formigas e de trapos.

Eu te celebro em vão  
como à festa colorida mas truncada  
projeto da natureza interrompido  
ao azar de peripécias e viagens  
do Amazonas ao asfalto  
da feira de animais.  
Eu te registro, simplesmente,  
no caderno de frustrações deste mundo  
pois para isto vieste:  
para a inutilidade de nascer.

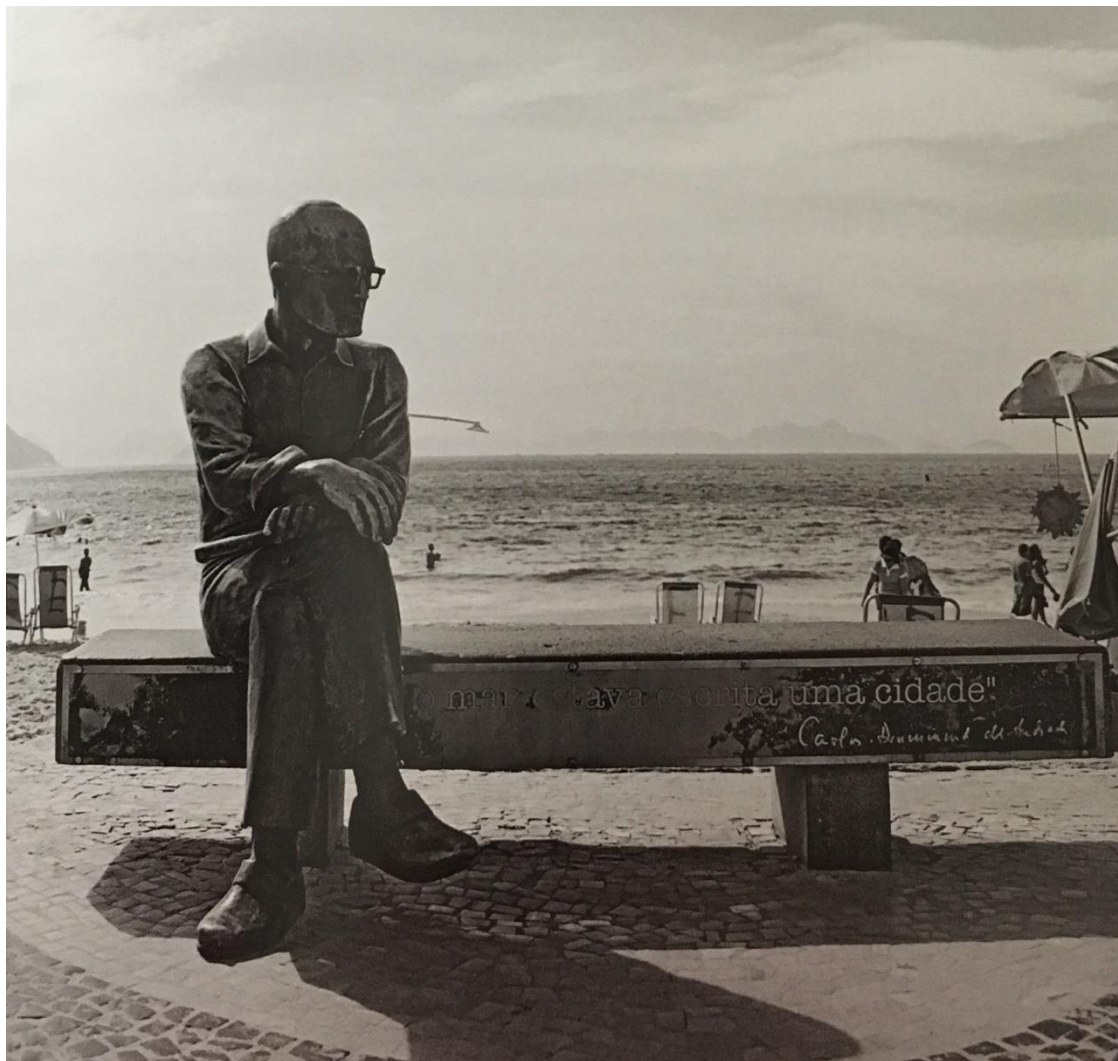
(Farewell (obra póstuma), 1996, in: Poesia Completa, 2002, p. 1413).

Os dados biográficos de Carlos Drummond de Andrade não estão completos, a partir da leitura de *Sapatos de Orfeu* optou-se para esta parte da apresentação dos dados da pesquisa fazer um apanhado geral, sobre os principais acontecimentos da vida do poeta, que, tem como objetivo principal, apresentar ao leitor quem foi Carlos Drummond de Andrade; o aprofundamento e a inclusão de outros fatos se dará na composição da segunda parte deste capítulo, na criação de uma narrativa de semificção em que a vida do participante Vinícius e a do poeta se entrecruzarão.

No entanto, ainda é preciso fazer algumas considerações: o poeta ficava todo recolhido e apresentava grande dificuldade para falar em público e, até mesmo para estabelecer um diálogo com pessoas que pouco conhecia, suas palavras saíam sempre atropeladas, era avesso a encontros e somente em seus últimos anos de vida concedeu entrevistas à imprensa. Mas, era um exímio contador de piadas, tinha como diversão passar trotes pelo telefone para seus amigos e sempre respondia às cartas destinadas a ele (CANÇADO, 2012; MORAES NETO, 2007). Assim, entende-se que a timidez foi uma característica constitutiva da identidade de Drummond, ela geralmente se manifestava em situações em que havia um considerável número de pessoas, ou seja, quando ele se tornava o centro das atenções; no entanto, não foi um impeditivo para que o poeta tivesse vida social, amigos e, até mesmo, namoradas fora do casamento.

#### 4.4 Cruzando vidas: Vinícius e Carlos Drummond de Andrade

À Lígia A. Amaral (in memoriam)



(Créditos: Instituto Moreira Sales)

*“Surpreendi-me a interrogá-la (e Deus sabe como me é difícil dirigir a palavra a um desconhecido, de qualquer idade, em qualquer situação):*

*-Me diga uma coisa, como é que você se chama?*

*(...)*

*Evidentemente, eu não saberia interessá-la. Ondulou sobre nós, por instantes, um leve constrangimento. Quando encontrarás, Carlos, a chave de outra criatura?”*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

*Em uma tarde de verão caminho pela praia de Copacabana e, a poucos metros, avisto a estátua de Drummond; algumas pessoas passam direto por ela e outras param apenas por alguns segundos com o objetivo de fotografar-se ao lado dela. Conforme me aproximo, meu pensamento se perde para a vida do poeta e para sua escrita que tanto mexeram comigo nesses últimos tempos.*

*De repente, minhas divagações são cortadas por uma cena inusitada: vejo Vinícius sentar-se ao lado da estátua e ela começa a se mexer; nesse momento o tempo começa a passar lentamente e eu escuto Vinícius, como se fosse algo corriqueiro, dirigindo a palavra a Drummond<sup>16</sup>:*

- Eu li o conto que me indicou e, assim como seu personagem, me pergunto quando encontrarei a chave de outra criatura<sup>17</sup>.

*Eis que o poeta responde:*

- Eu sabia que esse conto mexeria com você e faria você pensar exatamente nessa questão, nossa conversa de ontem me mostrou que você é uma pessoa muito fechada e penso que a resposta é permitir que os outros se aproximem, é dessa maneira que você pode sair desse estado de isolamento que você mesmo se impôs... É preciso dar o primeiro passo, insistir e não esperar que venham até você.

*Entendo que há algum tempo eles conversam, pois Vinícius aborda um assunto que já era do conhecimento de Drummond, ao dizer:*

- Mas, como você sabe, eu sou tímido e minha timidez faz com que eu tenha dificuldade para me abrir para as pessoas e elas acabam se afastando ou se desinteressando... Muitas vezes eu acabo sendo rejeitado quando tento alguma aproximação.

*Nesse momento, o poeta olha para baixo como se tivesse pensando nas palavras certas àquele jovem e diz:*

- Como eu disse para você, eu também sou tímido, principalmente com pessoas desconhecidas e em situações sociais; eu não gosto de fazer discursos e de ser o centro das atenções das pessoas, por isso, sempre adotei uma postura muito discreta em relação à minha vida pessoal, mas nunca deixei de estabelecer

---

<sup>16</sup> Como forma de diferenciação optou-se por utilizar a marcação em itálico quando o texto é narrado.

<sup>17</sup> Referência ao conto "Conversa de Velho com Criança" (in: Confissões de Minas, 1944/2011, pp. 147-15) que está reproduzido integralmente em anexo 2.

contato com as pessoas que me interessavam; minha amizade com Mário de Andrade, por exemplo, foi iniciativa minha, enviei uma carta para ele e ele me respondeu e assim ganhei um amigo muito querido com quem me correspondi durante 21 anos, só paramos por conta do falecimento dele...

*Vinícius olha para o poeta e depois para horizonte, em sua memória perpassam vários momentos em que se sentiu rejeitado: o episódio do churrasco em que teve a reprovação do pai, o assédio sofrido na escola... Essas e outras situações passam por sua cabeça, mas apenas diz:*

- Eu não insisto com as pessoas, para mim não existe a palavra talvez, somente sim ou não; quando alguém diz talvez ou que vai pensar eu encaro como uma rejeição a minha pessoa e o medo de ser rejeitado me paralisa diante...

*Drummond, em uma fala apressada, interrompe Vinícius e diz:*

- Paralisa e provoca uma fuga, fazendo com que você se feche cada vez mais para as pessoas... Agora, em relação ao medo, escrevi os seguintes versos:

E fomos educados para o medo.  
Cheiramos flores de medo.  
Vestimos panos de medo.  
De medo, vermelhos rios  
vadeamos.<sup>18</sup>

*O poeta continua:*

- Nós vivemos com medo, Vinícius, mas é preciso enfrentá-lo, caso contrário, não saímos do lugar e a melhor forma de você superar o sentimento do medo de ser rejeitado, eu insisto, é abrir espaço para que exista uma aproximação; talvez a amizade não seja imediata e isso não deve ser motivo para desistir...

*Próxima a eles, mas em um lugar que não podem me ver, concordo com o que Drummond diz para Vinícius, lembro-me que em uma de nossas entrevistas digo para ele que em muitos casos existe a impossibilidade da pessoa em aceitar um convite, por exemplo, mas mesmo assim, ele sempre encarou como uma rejeição e fico pensando que a maior rejeição vem dele próprio em relação a ele mesmo e em relação aos outros...*

---

<sup>18</sup> A Rosa do Povo, 1945, p. 320.

*Não sei se foi por muito tempo que me perdi em minhas reflexões, mas quando voltei a prestar atenção na conversa entre ambos percebo que o assunto mudou, estavam falando um pouco de suas histórias de vida. Drummond diz a Vinícius:*

- Sempre que penso em minha infância, minhas memórias me levam a Itabira, cidade onde nasci e cresci, venho de uma família de latifundiários e que tinha grande influência na cidade; meu pai, além de fazendeiro, foi vereador, e minha mãe, dona de casa. Lembro-me do casarão azul, hoje ele já não existe mais, mas foi nele que cresci e tive os meus primeiros contatos com o mundo. Ontem você me disse que mora em São Paulo, é isso mesmo?

*Após um momento de resistência, Vinícius começa a falar de sua infância:*

- Sim, eu nasci e cresci em São Paulo, mas meus pais são nordestinos; eles foram para lá um ano antes de eu nascer, meu pai trabalhava dirigindo caminhão e minha mãe sempre foi dona de casa; tenho duas irmãs mais novas do que eu, sou o filho mais velho. O que eu lembro mesmo de minha infância é que houve um período que eu tentava chamar a atenção de meus pais, mas minhas tentativas sempre foram frustradas, levei muita bronca e muitos castigos por conta de algumas travessuras e de mentiras. Com isso, fui me fechando e me tornei uma pessoa tímida, comecei a ter dificuldades para fazer amizades principalmente na escola e na rua onde eu morava... Lembro-me que eu sentia muita vergonha de falar para muitas pessoas; se eu tivesse em um círculo de quatro ou três pessoas eu ficava envergonhado, não conseguia falar abertamente. Apresentar um trabalho na escola era muito difícil para mim, eu não conseguia falar lá na frente, pois eu ficava muito nervoso...

*Percebo que Drummond se solidariza com Vinícius e compartilha um pouco de suas experiências:*

-Você me falando de suas dificuldades, me faz lembrar das minhas... Como você sabe, eu também fui uma criança tímida; dentro de minha família eu sempre fiquei mais isolado, não me sentia pertencente àquele grupo de casa... Mas, quem me desconcertava mesmo era a menina Arabela; ela morava em frente de casa e, nas noites de coroação de Maria, quando eu me vestia de anjo para ir à igreja participar da celebração, no meio do caminho ouvia a voz de Arabela: "Ai, Carlito, já

vai de anjo de novo?”. Essas palavras me atravessavam tão fundo que eu acabava voltando para trás, vermelho de embaraço e de raiva. Eu me trancava no quarto; foram poucas vezes que consegui chegar à igreja... Já na escola, uma das principais situações de vergonha que eu passei era quando tínhamos que cantar o hino municipal acompanhado de uma coreografia; meus movimentos não eram tão desembaraçados como os de meus colegas, eram contidos e duros, o que causava uma espécie de desconforto em mim e nas pessoas ao meu redor.

*Enquanto eles relatam um para o outro os momentos de timidez que vivenciaram, vou rememorando os meus: o enrubescimento instantâneo diante de muitas pessoas, os movimentos enrijecidos ou descoordenados quando minhas ações eram observadas nas aulas de educação física, o tom de voz baixo na apresentação de algum trabalho, acompanhado pela dificuldade de expor o conteúdo e, ao mesmo tempo, mostrar o meu rosto...*

*Nesses momentos minha vontade era a de me esconder atrás de um papel, mas, mesmo com essas dificuldades, conseguia concluir, algumas vezes bem outras vezes nem tanto, minha exposição. Penso que a minha insistência ajudou-me um pouco nessas ocasiões e, assim como Drummond, quando era de meu interesse, fazia de tudo para que se concretizasse; talvez o que falta em Vinícius é encontrar o que o motiva para poder ir em frente...*

*Ainda com esses pensamentos, ouço Drummond falar do momento que começou a escrever:*

- Um acontecimento que considero importante em minha trajetória foi quando escrevi minha primeira redação, era sobre uma viagem com muitas aventuras ao polo Norte, senti meu rosto ardendo, como que em chamas. Até hoje me sinto assim ao escrever; lembro-me que tive a aprovação da professora, o que fez com que eu “nascesse” como escritor naquele momento...

Anos mais tarde escrevi um conto, “Um escritor nasce e morre”; em que narro a história do dia em que um menino nasce como escritor até o momento em que ele para de escrever.

*Drummond para de falar e espera que Vinícius faça algum comentário de reconhecimento sobre esse conto; no entanto, ele diz:*

- Embora há muito tempo eu não leia, eu gosto de romance e de aventura; não conheço esse conto, mas me lembrei que o primeiro verso que escrevi foi na escola, acho que foi na quarta série, e quando a professora disse “temos um poeta na sala”, eu me interessei pela escrita. Mesmo tendo ficado muito envergonhado por todo mundo ter olhado para mim, eu me senti feliz, porque alguém reconheceu uma coisa que eu tinha feito.

*Drummond compreende que a escrita pode ser o melhor caminho para continuar a conversa com Vinícius; fazia quase uma semana que o rapaz se sentava ao seu lado e compartilhavam alguns aspectos de suas vidas. Mas, o diálogo não evoluía, era sempre sobre a questão da rejeição que Vinícius sentia ou sobre o trabalho em escritório e o sistema de mecanização que ele desenvolveu para se comunicar com os colegas de trabalho e, até mesmo, com pessoas próximas a ele.*

*O poeta, com toda a paciência, escutava o que o rapaz tinha a dizer, mas já estava se entediando com o conteúdo daquela conversa; mas, falar da produção escrita e, em especial, de poemas, era algo que muito lhe interessava e pensou que seria uma maneira de mostrar a Vinícius que ela poderia ser um meio de expressão daquilo que ele não conseguia mostrar diretamente ao outro e, por que não dizer, uma forma de comunicação?*

- Interessante que o nosso início como escritores se deu de maneira parecida, penso que o elogio de nossas professoras foi importante para que continuássemos a escrever e, mesmo que atualmente, você não leia tanto, acredito que viveu, assim como eu, durante muito tempo em companhia dos livros. Minha memória vai para o tempo em que eu, com vinte e poucos anos, passava tardes na “Livraria Alves”, em Belo Horizonte, com meu grupo de amigos; chegávamos a ler livros inteiros que discutíamos no “Café Estrela”. Posso dizer que, junto com as leituras de minha infância, essa foi a minha formação literária. A minha escrita, ao contrário do que muitas pessoas pensam, iniciou-se com artigos sobre cinema para Jornais e Revistas de Belo Horizonte e, posteriormente, escrevi algumas crônicas. A poesia surgiu depois que conheci Mário de Andrade; ele foi um dos meus primeiros amigos a ler os meus primeiros poemas e também deu algumas sugestões quanto à forma e escrita deles.

*Com nostalgia, Drummond continua:*

- Dentre o conjunto de poemas apresentado para ele, o que se destacou foi “No meio do caminho”, ele foi publicado na revista “Antropofagia” e depois no meu livro de estreia, “Alguma Poesia”; esse livro é marcado pela forte influência da estética modernista e pelas minhas correspondências com Mário.

*Percebo que a lembrança do amigo é algo que comove Drummond e, por alguns instantes, instala-se um silêncio entre eles, que é interrompido pelo poeta:*

- São muitas lembranças... Mas, hoje não cabe falar delas... Voltemos a você e para a sua escrita, que sentido você dá a ela?

*Vinícius se anima um pouco com a conversa e responde:*

- Eu acho que escrever é uma válvula de escape para mim, é uma forma de eu me desligar do mundo e de me distrair. Mas, eu não mostro para as pessoas, só algumas sabem que eu escrevo e leram alguns dos meus versos. Outra coisa que também faço, é jogar fora, eu não guardo nada do que eu escrevo, pois são meus desabafos, entendeu?

- Entendi... Eu me identifico com suas palavras, pois “não tive pretensão de fazer carreira literária. Tive apenas o desejo de exprimir as minhas emoções. Eu sentia necessidade de que elas se soltassem; era um problema mais de ordem psicológica que de outra natureza. Consegui manifestar os meus sentimentos e as minhas emoções em determinadas ocasiões e me senti, por assim dizer, recompensado.”<sup>19</sup>

*O poeta, como se tivesse puxando um fio da memória, começa a recitar as três primeiras estrofes do poema “Explicação”, de sua autoria:*

Meu verso é minha consolação.  
Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.  
Para beber, copo de cristal, canequinha de folha de flandres,  
folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,  
queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos  
é que faço meu verso. E meu verso me agrada.

Meu verso me agrada sempre...  
Ele às vezes tem o ar sem vergonha de quem vai dar uma cambalhota,  
mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.  
Eu bem me entendo.

---

<sup>19</sup> Trecho retirado da entrevista concedida por Carlos Drummond de Andrade em 1987 e que deu origem ao livro Dossiê Drummond (MORAES NETO, 2007, p. 43)

Não sou alegre. Sou até muito triste.  
A culpa é da sombra das bananeiras de meu país, esta sombra mole, preguiçosa.<sup>20</sup>

*Vinícius se identifica com os versos recitados por Drummond, pois é dessa maneira que ele compreende a atividade de escrita e diz:*

- Quando eu estou feliz eu posso falar de estrelas, eu posso falar de rosas, de jardim, não sei. Agora se eu estou triste eu posso falar de chuva, de raios, de água. Geralmente quando eu falo muito de água é porque eu estou mais triste. Eu adoro chuva. Por que eu adoro chuva? Porque eu gosto quando o céu chora, só por isso. Para mim é o céu que está chorando, não a chuva. Simples assim...

*Drummond permanece em silêncio, mas com um gesto de mãos incentiva Vinícius a falar; o jovem continua:*

- Eu não escrevo coisas boas quando eu não estou bem, eu não escrevo coisas ruins quando estou feliz... É como se fosse um diário íntimo, um reflexo daquilo que eu estou sentindo naquele momento, é meu desabafo... Mas, como eu disse, não é uma coisa que eu faço para as pessoas lerem, é para mim... É para mostrar para mim mesmo que eu existo de alguma forma, mas não para o mundo me ver.

*O poeta recita para Vinícius alguns versos de “Mundo Grande” como resposta para aquilo que o jovem lhe falou:*

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
É muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Por isso gosto tanto de me contar.  
Por isso me dispo.  
Por isso me grito.  
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:  
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.  
Só agora vejo que nele não cabem os homens.  
Os homens estão cá fora, estão na rua.  
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.  
Mas também a rua não cabe todos os homens.  
A rua é menor que o mundo.  
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.  
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.  
Viste as diferentes cores dos homens,

---

<sup>20</sup> Alguma Poesia, 1930, p. 143

as diferentes dores dos homens,  
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso  
num só peito de homem... sem que ele estale.<sup>21</sup>

*Quando termina, despertado pela curiosidade, faz uma pergunta, pois entende que, por mais que a poesia seja um meio de expressão das emoções de uma pessoa, uma das condições para que ela se torne Arte é expô-la aos olhos do outro:*

- Você disse que poucas pessoas leram o que você escreveu. O que elas acharam?

*Vinícius responde:*

- Sim, houve algumas situações que eu mostrei para outras pessoas; a impressão que tive foi a de que elas achavam que eu poderia colocar outra palavra ou transformar um verso de tristeza em um verso de felicidade...

*Percebendo que o poeta não diz nada Vinícius continua:*

- Essa reação me incomodava, pois as pessoas não entendem que eu escrevi porque estava me sentindo daquele jeito; essa incompreensão soa como rejeição para mim, por isso não tenho necessidade de mostrar para as pessoas o que eu escrevo, elas não entenderão o que eu quis dizer ao compor um verso, elas nunca vão atingir o significado que tem para mim...

*Drummond tenta ensinar algo sobre a crítica a Vinícius:*

- Escute bem o que vou lhe falar: quando um poema sai da esfera do particular receberá várias interpretações, pois depende da leitura de mundo de cada pessoa; por esse e outros motivos “dou uma importância relativa à opinião geral. Sempre procurei dizer aquilo que me pareceu mais indicado e mais conforme com o meu pensamento e a minha sensibilidade. Recebi várias críticas e vários livros a meu respeito altamente honrosos. Há também um ou dois ataques cerrados e violentos. Sempre achei que a crítica tem todos os direitos. Uma vez que você publica um livro, é como soltar um leão no picadeiro, um boi ou um touro. É para ser atacado e xingado!”<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Sentimento do Mundo, 1941, p. 255

<sup>22</sup> Dossiê Drummond (MORAES NETO, 2007, p 89)

*Vinícius fica sem saber o que dizer para Drummond. Percebo que, por mais que tente fazer sua expressão manter-se neutra, aparecem nuances de discordância e recordo-me que, para ele, a crítica não é algo visto com bons olhos e não mostrar para as pessoas os seus escritos é novamente uma forma de se esconder do mundo.*

*Drummond defende mais um pouco a ideia que começou a explicar:*

- Uma vez meu amigo Abgar Renault falou algo com o qual eu concordo; depois de publicado, um poema passar a ter interpretações bem diversas em relação ao sentido e à intenção que o poeta lhe dera quando escreve, pois o poema é algo vivo, está em movimento...

*O poeta se dá conta que não há meios de continuar por esse caminho, então lança outra pergunta para Vinícius:*

- Com que frequência você escreve?

*Com um pouco de receio e vergonha, percebidos pelo enrubescimento do rosto e pelo enrijecimento do corpo, Vinícius responde:*

- Então... essa parte da escrita ficou perdida um pouco porque... não tenho feito com muita frequência, antes eu tinha mais tempo, mas agora eu não preciso escrever; eu evoluí. Agora eu penso em versos, eu penso em uma frase ou em alguma situação e crio um verso mentalmente e depois ele se dispersa, é como se eu escrevesse e depois jogasse fora.

*Um novo silêncio paira entre os dois e, enquanto Drummond pensa no que dizer, me recordo do momento em que escrevi que essa ideia de Vinícius é ilusória; pois o desabafo só acontece quando ex-pressamos, seja por meio da oralidade, seja por meio da escrita. Ao pensar em um poema, há uma im-pressão, ou seja, ele fica dentro da pessoa e morre ali.*

*De repente, a voz de Drummond ganha força e identifico em suas palavras alguns versos de “Procura da poesia”:*

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.

Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
 Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
 Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
 Espera que cada um se realize e consume  
 com seu poder de palavra  
 e seu poder de silêncio.  
 Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
 Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
 Não adules o poema. Aceita-o  
 como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
 no espaço<sup>23</sup>.

*Vinícius compreende as palavras de Drummond; a estrofe recitada afeta Vinícius que, dessa vez, se desarma e deixa se conhecer um pouco:*

- Eu era como um rio que se apaixonou pelo céu, e ao tentar tocar os lábios do céu, eu aprendi a evaporar para chegar lá em cima. Não tendo força para chegar até lá em cima, eu evaporei e me tornei nuvem, virando chuva e me tornando rio novamente para morrer na beira do oceano novamente. Em épocas tristes de minha vida, em que eu queria ir embora... Eu sempre penso nesse verso que eu criei, eles são uma autotaxi, é como eu me vejo e eu nunca me esqueço deles. Mas, quando eu escrevo, ele soa melhor, até ficava melhor... Mas, eu não escrevo porque não tenho necessidade de mostrar para ninguém. Por quê? Não tem o porquê...

*Por um breve momento Drummond pensa que está indo para o caminho certo, talvez agora consiga ensinar algo para Vinícius que, até o momento, apresentou muitas resistências:*

- Se você os escrevesse, sairia um belo de um poema... O trabalho com a forma e com a questão do ritmo e das rimas fariam com que ele virasse poesia, uma Arte... Com certeza muitas pessoas poderiam se mostrar interessadas em ler algo escrito por você, outras poderiam ajudá-lo a encontrar um estilo de composição, mas é preciso mostrar para o outro...

*Observo que Drummond se anima com sua colocação; ele está disposto a ser um mestre e amigo para Vinícius. Mas este não se mostra animado e, com poucas palavras, acaba com a esperança do poeta:*

---

<sup>23</sup> A Rosa do Povo, 1945, p. 308

- Mas, eu não tenho necessidade de mostrar o que eu escrevo; muitas vezes nem sai do esboço... As pessoas gostariam de ler, mas eu não... Eu serei incompreendido, as pessoas vão me criticar, eu serei rejeitado...

*Drummond suspira profundamente, se mostra cansado de toda aquela conversa; sua impressão é a de que Vinícius não compreendeu seus ensinamentos; ele parece uma rocha. Mesmo assim, o poeta diz as derradeiras palavras para o jovem, na esperança de que ao se encontrar sozinho, ele reflita um pouco e tenha uma postura mais aberta diante da vida:*

- Você se fecha para o mundo, nega ao outro a possibilidade de conhecê-lo; neste momento voltamos para a questão que nos motivou para a conversa de hoje: “Quando encontrarás, Carlos, a chave de outra criatura?”, mas, lhe perguntarei de outra maneira:

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

*O pôr-do-sol chega e as últimas palavras de Drummond ecoam por um longo período. Drummond volta a ser estátua de bronze. Vinícius, ao se dar conta que a conversa com o poeta terminou, levanta-se e sai andando pelo calçadão da praia. Observo toda essa ação, quando percebo que o tempo volta a correr como antes, meus passos me levam em direção ao mar e mais uma vez olho para Drummond e imagino como seria uma conversa entre nós dois...*

## Considerações Finais

A timidez é definida por Wallon (1938/1985) como uma emoção que, por ser uma forma de exteriorização da afetividade, provoca reações fisiológicas impossíveis de se controlar quando o sujeito se encontra diante do outro; são elas: o enrubescimento, o encolhimento do tônus, o tremor, a desordem nos movimentos, a sudorese, entre outros. As primeiras manifestações de timidez se dão no estágio do Personalismo, no qual, por meio de atitudes contraditórias de oposição e de identificação, a criança começa a se diferenciar do outro.

Diante dessas considerações, compreende-se que, durante a infância, as manifestações de timidez em Carlos Drummond de Andrade e em Vinícius foram elementos que contribuíram para a constituição de suas identidades; a diferença do papel da timidez na vida desses dois homens refere-se à forma como se relacionam com o mundo e com o outro: Drummond, apesar de ser acompanhado por enrubescimentos constantes e por momentos de isolamento, não deixou de se expressar e de ir atrás do que era de seu interesse. Vinícius, por sua vez, adota uma postura passiva diante de situações que geram conflitos com o outro; nota-se que nele há a repressão de pensamentos, sentimentos e ações que ameaçam constantemente manifestar-se; para ele, expor sua timidez seria um modo de oscilação que o expõe para o outro, assim, suas atitudes acabam sendo mecanizadas, não dando espaço para um contato mais pessoal.

Segundo Wallon (1938/1985), os motivos da timidez são fundamentalmente psicológicos; é uma emoção e está fortemente ligada ao medo frente ao outro; em outras palavras o que provoca a timidez é a sensibilidade à presença do outro, que faz com que os gestos, o andar e a postura sejam menos seguros e faz com que a pessoa tenha um forte medo de interagir socialmente. Assim, ao se pensar a timidez como uma emoção, pode-se afirmar que toda e qualquer pessoa pode passar por uma situação social que a deixe tímida por pelo menos alguns instantes, como falar em público, na interação com pessoas desconhecidas e ao se tornar centro das atenções.

A timidez é uma emoção que se manifesta no encontro com o outro, não se é tímido o tempo todo, mas é no modo que esse encontro ocorre que essas reações emocionais podem ou não aparecer. Dessa maneira, conforme Wallon (1934/1971),

a relação com outro é vivenciada com contradições e conflitos, pois ao mesmo tempo que se precisa do olhar outro para se constituir como sujeito, esse outro provoca o desequilíbrio quando há a percepção de que se objeto desse olhar que, pode fazer com que o sujeito “cresça” ou “encolha”; esse outro pode provocar a elevação ou o aniquilamento.

Conforme dito anteriormente, a timidez de Vinícius está ligada à forma como ele estabelece relações com o outro; sua narrativa é marcada por uma constante reiteração do medo de ser rejeitado. Percebe-se que o mundo é visto como algo ameaçador e, portanto, suas experiências com o outro se tornam empobrecidas e apagadas; causado por um lado pelas vivências negativas com outras pessoas durante a infância e a adolescência nos âmbitos familiar, escolar e social e sentidas por ele como rejeição. Por outro lado, há uma rejeição a si próprio, mas projetada no outro, há o constante acionamento de um sistema de defesa, por ele chamado de mecanização, e também reações de fuga para dentro de si, negando-se à experiência de contato com o outro.

Nele, a timidez torna-se uma fachada, uma roupa que ele veste ou um personagem que é resposto constantemente para o não enfrentamento da vida e, conseqüentemente, do outro que é visto como uma ameaça, fazendo com que ele permaneça em uma condição de mesmice; há uma impropriedade e uma inadequação diante do mundo, ele não se encaixa no mundo e o mundo não se encaixa nele. Não há uma ação que o leve a um caminho emancipatório.

Por sua vez, no caso de Carlos Drummond de Andrade, que na infância viveu a experiência do isolamento em relação aos seus irmãos, a timidez não foi causa de impedimento para o contato com o outro. Drummond, era “desembaraçadíssimo para se aproximar das suas afinidades eletivas” (CANÇADO, 2012, p. 38); a timidez, elemento constitutivo de sua identidade, se manifestava em ocasiões sociais e, em geral, quando havia pessoas desconhecidas ou quando ele se tornava o centro das atenções. Diante de sua família e de seus amigos Drummond era o oposto do que se apresentava socialmente, no lugar do homem tímido e recatado, aparecia o homem falante, capaz de passar trotes nos amigos pelo telefone e um exímio contador de piadas; “Carlos Drummond de Andrade tinha essa timidez social, mas, com os amigos, era extremamente aberto – e afetuoso”, diz Otto Lara Resende (in: MORAES NETO, 2007, p. 268).

No que se refere à expressividade afetivo-emocional e sua ligação com a timidez, compreende-se que em Carlos Drummond de Andrade é permeada por contradições; segundo Fernando Sabino (in: MORAES NETO, 2007), a poesia de Drummond não combina com sua timidez, sua compostura e sua cabeça baixa, pois é uma poesia destrambelhada em que o poeta fala de seus amores, de uma visão anárquica que ele tem do mundo; a literatura era uma meio de compensação da timidez que, por meio da escrita poética, essa emoção se dissipava; o seu meio de expressão é a poesia e, por meio dela e com ela, o poeta atingia o equilíbrio entre afeto e cognição, pois representava com precisão os motivos e as causas que o levaram a exprimir-se (WALLON, 1938/1985).

Diante da inadequação que sentia diante do mundo e da necessidade de exprimir sensações e emoções que causavam perturbações e angústia, o poeta exprimia os seus sentimentos por meio de sua escrita, tanto na prosa quanto na poesia, diz Hélio Pellegrino em depoimento sobre o poeta e amigo:

A poesia de Drummond, então, foi um instrumento importantíssimo da evolução pessoal do próprio Drummond como ser humano em até, como ser psíquico. Se Drummond não tivesse o talento que teve para a literatura, é provável que sucumbisse a dificuldades pessoais importantes. É provável, até, que precisasse de um tratamento psicanalítico. Mas ele se safou e se salvou pela poesia (in: MORAES NETO, p. 179).

Além desses fatores, outro ponto que deve ser destacado é o trabalho com a forma e com a linguagem, conferindo à sua poesia o status de Arte; pois consegue reunir sentimento, pensamento, sonoridade e métrica em uma realização de beleza:

“[...] criou-se uma arte, a mais humana e, necessariamente, a mais estética, pois que tem soberania e a universalidade dos efeitos: é música para os ouvidos, é simbólica para a visão; é pensamento, movimento e ação, vibrar de afetos, vida íntima, vida a expandir-se...” (BOMFIM, 1923/2006, p. 159).

Este seria também o caso de Vinícius se houvesse a mesma preocupação com o fazer poético; em sua narrativa, ele afirma que não tem necessidade de mostrar seus escritos para outras pessoas, o que revela mais uma forma de negar o outro e, conseqüentemente, negar a si próprio, pois se entende que através do olhar do outro se conhece a si mesmo. Além dessa negação, a atividade de escrita que

antes era significativa para Vinícius é menos constante; segundo o seu relato, ele não precisa escrever e considera que fazer versos em pensamento seria uma evolução; no entanto, o ato de criar não se concretiza, não existe uma expressividade afetivo-emocional, e sim uma im-pressão, que tem como consequência a repressão de seus sentimentos e emoções e não a solução/superação de seus conflitos, contribuindo para o não enfrentamento da vida e para a reposição e para a permanência do estado de mesmice em que Vinícius se encontra, impedindo-o de vivenciar novas experiências e relações que contribuam para uma condição emancipatória (CIAMPA, 1987/2007).

Em resumo, Drummond ex-pressa pela escrita aquilo que ele tem dificuldade de dizer oralmente, produzindo, em termos psicanalíticos, catarse; enquanto Vinícius, ao elaborar mentalmente um verso e não passar para o papel im-pressa, ou seja, o que ele pensou fica dentro de si, ele torna-se um depositário daquilo que o incomoda e causa angústia, elevando o sentimento de sofrimento e, de certa maneira, a rejeição que sente por si próprio; não existe um movimento para que ele saia dessa condição, que antes era amenizada quando ele escrevia.

Diante dessas considerações, vale ressaltar que não se trata de defender que todo escritor/poeta é tímido e que todo tímido é escritor/poeta, mas o de mostrar que a atividade de escrita, além de ser um meio de criação, torna-se um meio de expressão afetivo-emocional; a escrita serve como intermédio daquilo que não se consegue verbalizar e dizer diretamente ao outro.

Por fim, inspirada na arguição de Lineu Kohatsu durante o exame de qualificação, realizado em 30 de junho de 2015, as últimas palavras desta tese são:

De costas um para o outro, a Medusa diz para o Tímido:

- Quando as pessoas olham diretamente em meus olhos, elas são transformadas em pedra; o que acontece quando olham para você?

O Tímido responde:

- Algumas me elevam e me transformam, mas outras me destroem...

## Referências Bibliográficas

ABREU, E. V.; PEREIRA, L. T. Z.; KESSLER, E. J. Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.06, ed. Especial, pp. 649-664, jul. 2008.

ALMEIDA, L. R. A contribuição de Henri Wallon para o trabalho do coordenador pedagógico. In: PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R. **O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012, pp. 81-102.

ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 20, 1º semestre de 2005, pp. 11-30.

AMARAL, L. A. **Deficiência, Vida e Arte**. Tese (Livre-docência em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AMARAL, S. A constituição da pessoa: dimensão cognitiva. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 77-93.

ANDRADE, C. D. de. **Confissões de Minas**. São Paulo: Cosac Naify, 1944/2011.

\_\_\_\_\_. Confissões. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, março de 1955.

\_\_\_\_\_. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.

\_\_\_\_\_. **Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62: de Alguma poesia a Lição de coisas**. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_. Apresentação. in: ANDRADE, M. de. **A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982/2015.

ANDRADE, M. de. **A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotadas pelo destinatário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982/2015.

ANDRADE, C. D. de.; ANDRADE, M. de. **Carlos e Mário: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

AXIA, G. **A timidez: um dote precioso do patrimônio genético humano**. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2003.

AZEVEDO, F. F dos S. **Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins**. 2. ed. 7. Reimpressão. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

BARBOSA, A. C. V.; WIEZZEL, A. C. S. Timidez na educação infantil: contribuição e intervenção por meio do lúdico. **Colloquium Humanarum**, v. 11, n. especial, jul-dez, 2014, pp. 1082-1088.

BOMFIM, M. **Pensar e dizer: estudo do símbolo no pensamento e na linguagem**. 2.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1923/2006.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia da Letras, 1979/2010.

CAMISAO, C; FIGUEIRA, T; NARDI, A. E.; MENDLOWICZ, M.; ANDRADE, Y; MARQUES, C; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. O sofrimento silencioso da timidez. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria** 6 (43): 340-343 jun. 1994.

CANÇADO, J. M. **Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. São Paulo: Globo (Biblioteca Azul), 2012.

CARDUCCI, B. J. **Timidez: um guia prático para superar os seus medos e conquistar o controle da sua vida**. Tradução de Marilena Cantizani. 1.ed. São Paulo: Alegro, 2001.

CASARES, J. **Diccionario Ideologico de la Lengua Española**. 2. ed. (12. tirada.) Barcelona: Editorial Gustavo Gilli, 1984.

CHEEK, J. M.; and Buss, A. H. Shyness and sociability. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 41, pp. 330-339, 1981.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987/2007.

COELHO, S. **Escuta, Charlie Brown! Sobre o privilégio de ser tímido**. São Paulo: Moderna, 1997.

CRAWFORD, L. e TAYLOR, L. Timidez: Esclarecendo suas dúvidas. Tradução de ZLF Assessoria Editorial. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2000.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. vol. 32, n.2, 2006, pp. 359-371

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de Psicologia**. Trad. Odilon Soares Leme. 1ªed. 4ª reimp. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 752.

ESTEVES, A. L. **A timidez na perspectiva da psicologia analítica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

FALCONE, E. de O. A eficácia do tratamento em grupo da ansiedade social. **Psicologia Clínica**; 4 (4): 75-92, 1989.

\_\_\_\_\_. Ansiedade normal e ansiedade fóbica – limites e fundamentos etológicos. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 27 (06), novembro/dezembro de 2000, pp. 301-308.

FÉLIX, T. da S. P. **Timidez na escola: um estudo histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1960.

FREITAS, FILHO. A. Prefácio – CDA versus Zé Maria. In: CANÇADO, J. M. **Os sapatos de Orfeu: biografia de Carlos Drummond de Andrade**. 2. ed. São Paulo: Globo (Biblioteca Azul), 2012.

GOLDSTEIN, N. **Versos, sons, ritmos**. 14 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2008.

GRATIA, L. E. **O acanhamento e a timidez**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.

GULASSA, M. L. C. R. A constituição da pessoa: os processos grupais. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 95-118.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1844.

INSTITUTO MOREIRA SALES. Carlos Drummond de Andrade. **Cadernos de Literatura Brasileira**, nº 27, outubro de 2012.

JOSSO, M.C. As narrações centradas sobre a formação durante a vida como desvelamento das formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade singular-plural. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, vol. 17, nº 29, jan./jun de 2008, pp. 17-30.

JUNG, C. C. **Tipos Psicológicos**. 7.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1921/2013.

KLEIN, T.; CAMARA, L.; HERZOG, R. Olhar e ser olhado: da interpretação ao testemunho. **Cadernos de Psicanálise**; 30 (33): 137-155, nov. 2014.

LAUAND, J. **Educação Medieval: Textos e Temas**. São Paulo: Editora Mandruvá, 2003, p. 14.

LIMONGELLI, A. M. de. A. A constituição da pessoa: dimensão motora. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 47- 59.

MAHONEY, A. A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 13-24.

MAHONEY, A. A. Introdução. IN: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Orgs.) **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, pp. 9-18.

MAHONEY; A. A.; ALMEIDA; L. R. A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. (Orgs.) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2009, pp. 15-24.

MORAES NETO, G. **Dossiê Drummond**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2007.

MUNDURUCA, G. de O. **Timidez na infância em interface com o desejo parental**. (Glausa de Oliveira Munduruca, 2000) Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Universidade de São Paulo, 2000.

PAZ, O. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 1956/2012.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

SACCONI, L. A. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1967.

SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: ANDRADE, C. D. de.; ANDRADE, M. de. **Carlos e Mário: Correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.

SILLAMY, N. **Dicionário de Psicologia Larrousse Art Med**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 233.

SILVA, D. da. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014, p. 452.

SILVA, J. R. da; RIBEIRO, I; J. L. A timidez numa perspectiva psicanalítica: avaliando o problema numa escola pública estadual do ensino fundamental, no município de Aguiar, Paraíba. **Revista Brasileira de Educação e Saúde** (Pombal-PB, Brasil), v. 5, n. 1, pp.34-42, jan. mar. 2015.

SOUZA, K. C. C. de. A timidez como entrave emocional patológico: levantamento quanti-qualitativo dos relatos de pacientes atendido na clínica-escola de Psicologia em uma faculdade da rede privada, **Revista Visão Acadêmica**, Universidade Estadual de Goiás, maio de 2011, pp. 171-185.

SZYMANSKI, H. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. **Revista Psicologia da Educação**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 10/11, 2000, pp. 193-215.

TORRINHA, F. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1942, p. 874.

VANDEBOS, G. R. **Dicionário de Psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 959.

VASCONCELLOS, L. R. **Estudo comparativo dos comportamentos relacionais e comunicacionais entre pessoas tímidas e não-tímidas**. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VERZTMAN, J. Embaraço, humilhação e transparência psíquica: o tímido e sua dependência do olhar. **Ágora**, vol.17, número especial, Rio de Janeiro, agosto de 2014, pp. 127-140.

VIEIRA, M. B. **Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade**. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1941/2007.

\_\_\_\_\_. **La vida mental**. Espanha: Editora Crítica, 1938/1985.

\_\_\_\_\_. **Origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1934/1971.

\_\_\_\_\_. As etapas da sociabilidade na criança. In: WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Editora Estampa, 1975.

WARREN, H. C. **Diccionario de Psicologia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1934/1993, p. 360.

ZAZZO, R. Henri Wallon: **Psicologia e Marxismo**. Belo Horizonte: Vega, 1978.

ZIMBARDO, P. G. **A timidez**. Portugal: Edições 70, 2002.

## Anexo 1

Quadro 1 – Artigos Acadêmicos Brasileiros sobre timidez

Ano	Título	Autor/es (a/as)	Periódico / área do conhecimento	Referencial Teórico declarado pelos autores	Concepção de timidez	Resumo ou Observações
1989	A eficácia do tratamento em grupo da ansiedade social.	Falcone, E. de O.	Psicologia Clínica, vol. 04, nº 04. / <b>Psicologia Clínica</b>	Terapia cognitivo-comportamental	A autora não diferencia timidez de ansiedade social e as define como manifestações de ansiedade em circunstâncias sociais ou interpessoais, onde as reações das outras pessoas são consideradas ameaçadoras; em que há uma forte preocupação com o que os outros irão pensar ou sentir; tendência à evitação de situações sociais pelo temor da exposição a uma condição humilhante, vergonhosa ou hostil; isolamento, solidão e depressão; déficit em habilidades sociais; sentimentos de menos valia.	Foi aplicado na pesquisa um Programa de Tratamento em Grupo da Ansiedade Social, denominado “Maratona da Ansiedade”, que tinha como <b>objetivos:</b> aumentar a autoconfiança dos membros do grupo por meio do desenvolvimento de habilidades sociais e do enfrentamento de situações difíceis; reduzir a ansiedade social. <b>Participantes:</b> 18 sujeitos (10 no grupo experimental e 08 no grupo controle) com a faixa etária entre 25 e 66 anos. <b>Instrumentos de coletas de dados:</b> Inventário Willoghby (para medir o nível de ansiedade social); Teste Lanna de assertividade; entrevistas estruturadas; os sujeitos também foram submetidos a

	O sofrimento silencioso da timidez	Camisão, C.; Figueira, T.; Nardi, A. E.; Mendlowicz, M.; Andrade, Y.; Marques, C.; Coscarelli, P.; Versiani, M.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol. 43, nº06. / <b>Psiquiatria</b>	Utiliza como referência autores estadunidenses: Zimbardo; Pilkonis; Cheek and Buss; Kagan.	A timidez é a tendência em evitar interações sociais e em falhar em participar apropriadamente de situações sociais. Os tímidos podem ser divididos em dois grupos: os tímidos públicos, que têm como característica principal déficits comportamentais, e os tímidos privados, caracterizados pela ansiedade e pelo desconforto interno. As consequências da timidez podem ser somáticas	confrontos interpessoais e suas reações verbais e não-verbais também foram avaliadas, eles deveriam reagir diante de 14 situações-problema vividas no cotidiano. <b>Resultados:</b> a Maratona de Assertividade foi eficaz na redução da ansiedade social e no aumento da frequência de respostas assertivas; também foi observado que houve mudanças quanto a autoimagem e as expectativas de desempenho frente a confrontos interpessoais, pois, passando por situações de enfrentamento, perceberam que era capazes de enfrentá-las.
1994	O sofrimento silencioso da timidez	Camisão, C.; Figueira, T.; Nardi, A. E.; Mendlowicz, M.; Andrade, Y.; Marques, C.; Coscarelli, P.; Versiani, M.	Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol. 43, nº06. / <b>Psiquiatria</b>	Utiliza como referência autores estadunidenses: Zimbardo; Pilkonis; Cheek and Buss; Kagan.	A timidez é a tendência em evitar interações sociais e em falhar em participar apropriadamente de situações sociais. Os tímidos podem ser divididos em dois grupos: os tímidos públicos, que têm como característica principal déficits comportamentais, e os tímidos privados, caracterizados pela ansiedade e pelo desconforto interno. As consequências da timidez podem ser somáticas	confrontos interpessoais e suas reações verbais e não-verbais também foram avaliadas, eles deveriam reagir diante de 14 situações-problema vividas no cotidiano. <b>Resultados:</b> a Maratona de Assertividade foi eficaz na redução da ansiedade social e no aumento da frequência de respostas assertivas; também foi observado que houve mudanças quanto a autoimagem e as expectativas de desempenho frente a confrontos interpessoais, pois, passando por situações de enfrentamento, perceberam que era capazes de enfrentá-las.

					<p>(frequência cardíaca acelerada e alto nível de ansiedade); cognitivas (pensamentos negativos, insatisfação com a própria aparência, menos conhecimento acerca das habilidades sociais); comportamentais (capacidade de comunicação afetada); sociais (tendência ao isolamento).</p> <p>consequências da timidez subdivididas em somáticas, cognitivas, comportamentais, sociais e seu papel como fator de risco para doenças mentais. Há um subgrupo de tímidos que sofre de elevado isolamento social, sofrendo vários sintomas físicos ao se aproximar das outras pessoas, tendo grave dificuldade de relacionamento com o sexo oposto, tendendo usar drogas como uma tentativa de automedicação. Os tímidos comparados com os não tímidos tendem a se casar mais tarde, a retardar sua entrada na vida profissional e a terem maior percentagem de divórcios. A relação do conceito de timidez com o de fobia social merece ser estudada, uma vez que estratégias terapêuticas com eficácia documentada na fobia social poderão ser avaliadas em pacientes com timidez patológica.</p> <p><b>Unitermos:</b> timidez; consequências; fobia social.”</p>
--	--	--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2000	Ansiedade normal e ansiedade fóbica: limites e fundamentos etológicos	Falcone, E. de O.	Revista de Psiquiatria Clínica, vol. 06, nº 27. / <b>Psicologia Clínica</b>	Integração das abordagens etológica e cognitivo-comportamental	A timidez é uma das terminologias usadas para se referir aos medos sociais; pode ser dividida em timidez medrosa, que surge na primeira infância e caracteriza-se por elevada ansiedade somática e inibição comportamental, e timidez autoconsciente, que aparece em torno de 4 ou 5 anos e tem seu pico entre 14 e 17 anos e caracteriza-se por sintomas cognitivos, tais como a autoconsciência e preocupação dolorosas. Considera que o ambiente familiar é um fator importante para acentuar ou atenuar os efeitos do desenvolvimento da timidez; relacionamentos negativos com colegas e experiências traumáticas também podem contribuir para o aparecimento de fatores de vulnerabilidade, como a baixa autoestima.	“Os critérios fornecidos pela literatura para especificar os limites que distinguem a ansiedade social clínica da subclínica são pouco claros, assim como a diferenciação entre timidez, fobia social e transtorno de personalidade evitativa. Este trabalho faz uma pequena revisão da literatura sobre as abordagens etológicas, de condicionamento e de desenvolvimento, como contribuições para a compreensão dos fatores que podem influenciar na formação da ansiedade social normal ou fóbica.” <b>“Unitermos:</b> Fobia social; Ansiedade social; Timidez.”
2008	Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão	Abreu, E. V.; Pereira, L. T. Z.; Kessler, E. J.	Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, vol. 06, edição especial / <b>Educação Física</b>	Utiliza Falcone como referência / Terapia cognitivo-comportamental	A timidez é definida como uma ansiedade ou medo em situações sociais e se manifesta por meio dos aspectos físico, comportamental, psicológico e emocional. Tem como características: retraimento; medo de se expor em situações sociais; inibição; sensibilidade às críticas; insegurança e baixa	“A Dança de salão exige um contato corporal que pode ser desconfortante para algumas pessoas ou prazerosa para outras. O objetivo deste estudo foi verificar os níveis de timidez e motivação em indivíduos de um grupo de Dança de salão. Participaram do

2011	A timidez emocional patológico: levantamento quantitativo dos relatos de pacientes atendidos na clínica-escola de Psicologia em uma faculdade da rede privada.	Souza, K. C. C. de.	Revista Visão Acadêmica / <b>Psicologia Clínica</b>	Psicanálise	A timidez decorre do confronto do Id e do Ego, é um fenômeno do inconsciente do sujeito que o impede de agir conforme o seu desejo; entende-se que, em algum momento de sua vida, a pessoa tímida passou por algum tipo de castração, proibição ou retenção da energia libidinal e, dessa forma, algo inconsciente impede-a de se socializar e de tomar atitudes diante do outro.	<p>estudo 10 pessoas e todos responderam um egograma adaptado da análise transacional. Os resultados demonstraram que a maioria dos integrantes tem a criança livre elevada, que é uma característica dos praticantes de Dança de salão: serem soltos e serem capazes de expressar através do corpo.”</p> <p><b>Palavras-Chave:</b> Dança de salão; Timidez; Motivação.”</p>
						<p>autoestima.</p> <p>“O presente estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão da timidez como entrave emocional patológico em indivíduos chamados de tímidos, e prejuízos na interação social. Tendo como referencial teórico a psicanálise, abordará a timidez patológica como decorrente do confronto pulsional do Id com o Ego, portanto um fenômeno na esfera do inconsciente do sujeito, que impede a ação diante do seu desejo. Propõe também a revisar os conceitos sobre o assunto e ressignificar a</p>

						<p>timidez, com vistas a uma melhora da qualidade de vida para os participantes. A realização da pesquisa se fará por meio de revisão bibliográfica e análise documental dos protocolos de triagens realizadas na clínica-escola de pessoas com a queixa de timidez. A pesquisadora acompanhará a evolução dos casos atendidos por meio dos prontuários de atendimento, os quais tiverem queixa de timidez.”</p> <p><b>“Palavras-chave:</b> Timidez patológica. Recalque. Desejo. Resistência.”</p>
2014	Timidez na educação infantil: contribuição e intervenção por meio do lúdico	Barbosa, A. C. V.; Wietzel, A. C. S.	Colloquium Humanarum, vol. 11, número especial / <b>Educação</b>	Psicanálise/ Winnicott	A timidez está relacionada a contextos em que à criança estão associados sentimentos de rejeição, insegurança, cobrança excessiva, frieza e relações parentais que lhe tragam o sentimento de angústia; dificulta um desenvolvimento emocional saudável, pois limita a criança em seus relacionamentos tanto no âmbito familiar, quanto no âmbito escolar e social.	<p>“A timidez, muitas vezes, não é observada em sala de aula, pois o aluno tímido não causa problemas, não chama à atenção. Porém, cuidados devem ser tomados para que a timidez excessiva não prejudique a criança no futuro, pois envolve baixa-estima, dificuldades de se relacionar, medo, privações, o que dificulta um desenvolvimento emocional saudável, limitando-a nos</p>

<p>relacionamentos, inclusive na escola. A pesquisa apresentada é um estudo de caso baseado na psicanálise de Winnicott e tem a proposta de demonstrar como, através do lúdico, podemos auxiliar nas relações interpessoais de crianças tímidas, possibilitando, por meio do brincar, expressarem seus sentimentos e conquistarem segurança. Como instrumentos de coleta de dados foram realizados entrevistas com o pai e a professora e atividades lúdicas com a criança selecionada na brinquedoteca escolar. Ao final da pesquisa, a professora mencionou que via duas crianças uma “antes” do projeto e outra totalmente diferente ao término do trabalho.”</p> <p><b>“Palavras-chave:</b> Timidez; educação infantil; atividades lúdicas; escola; desenvolvimento emocional.”</p>						
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

2014	Olhar e ser olhado: da interpretação ao testemunho	Klein, T.; Camara, L.; Herzog, R.	Cadernos de Psicanálise, vol. 30, nº 33. / <b>Psicanálise (atuação na Clínica)</b>	Psicanálise	A timidez é uma ferida narcísica em que o olhar do outro tem papel fundamental, pois é um olhar que tem como propósito observar, examinar e tecer críticas, fazendo com que o sujeito se perceba como inadequado ou em desvantagem.	“O presente artigo visa discutir a posição do analista frente a certos impasses encontrados na clínica psicanalítica contemporânea. Mais especificamente, nos referimos a atendimentos realizados a pacientes diagnosticados pela psiquiatria como fóbicos sociais. Para tanto, discutiremos a posição do analista pautado no dispositivo clínico clássico. Tal dispositivo, caracterizado pela interpretação e pensado a partir da experiência clínica com as psiconeuroses, privilegia uma escuta centrada no registro das representações. Em nossa prática clínica frente aos chamados sujeitos tímidos, o recurso à interpretação se mostrou limitado. Diante desse quadro, propomos uma mudança na posição do analista, que passa a ocupar o lugar de testemunha. Nesta perspectiva, o olhar do analista passa a ganhar estatuto importante na direção do
------	----------------------------------------------------	-----------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------	-------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2014	Embaraço, humilhação e transparência psíquica: o tímido e sua dependência do olhar	Verztman, J.	Agora, vol. 17, número especial. <b>Psicanálise (atuação na Clínica)</b>	Psicanálise	A timidez tem relação com questões narcísicas sobre a problemática do olhar e suas formas de dependência; o tímido fica paralisado diante do paradoxo de ser transparente sob o olhar do outro e de se esconder por inteiro.	tratamento.” <b>“Palavras-chave:</b> interpretação, testemunho, olhar, timidez.” “Pretende-se discutir os impasses experimentados pelo sujeito caracterizado como tímido na sua relação com o olhar. Formulou-se a hipótese de que a vergonha - emoção central do tipo de subjetividade de que iremos tratar - é neste contexto vivida como embaraço, humilhação ou transparência psíquica. Sugerimos que a incidência do olhar exporá certas fragilidades narcísicas quanto à construção de barreiras que protejam o campo da interioridade. Apresentaremos ao longo do texto os principais aspectos do embaraço, da humilhação e da transparência psíquica, utilizando vinhetas clínicas retiradas de uma pesquisa clínica.”
<b>“Palavras-chave:</b> Vergonha, timidez, narcisismo, olhar, clínica contemporânea.”						

2015	A timidez numa perspectiva psicanalítica: avaliando o problema numa escola pública estadual do ensino fundamental, no município de Aguiar, Paraíba.	Silva, J. R. da; Ribeiro, I. J. L.	Revista Brasileira de Educação e Saúde, vol. 05, nº 01 / <b>Psicanálise aplicada na Educação e Saúde</b>	Psicanálise	A timidez é vista como uma percepção mental distorcida que o sujeito tem de si mesmo e adquire sentido em função da presença e do olhar do outro. A timidez pode ter como origem: maus tratos de colegas, padrões adotados pela família; pais tímidos; repressões e situações de humilhação e de traumas.	“Trata-se de um estudo de natureza de natureza descritiva, de caráter exploratório e de uma abordagem quantitativa, objetivando verificar, sob a visão psicanalítica, se as relações socioafetivas interferem no processo de aprendizagem das crianças tímidas, numa escola pública do município de Aguiar, Estado da Paraíba. Ficou demonstrado que a timidez é um grande problema a ser vencido, principalmente, ainda na idade escolar, sendo por esta razão, necessário que o professor saiba identificar o aluno com problemas deste tipo. E, que no exercício de suas funções, o educador pode ajudar seus alunos tímidos a superarem esse problema. No entanto, o mais importante a ser colocado é que tanto os professores como as instituições educacionais têm inúmeras possibilidades para auxiliarem na superação dessa doença. Quando a aplicação dos questionários junto aos alunos, pode-se
------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

						<p>comprovar que mais da metade dos entrevistados ressaltaram que são tímidos ou apresentam traços de timidez. Desta forma, os resultados da presente pesquisa servirão para os professores da escola que serviu como campo de pesquisa, passem a olharem com mais atenção para seus alunos, identificando aqueles que apresentam algum tipo de timidez, direcionando, em seguida, uma atenção mais especial para esse alunos. Isto por que o educador, também, responsável pela formação da criança.”</p> <p><b>“Palavras-chave:</b> Timidez. Implicações na Aprendizagem. Visão Psicanalítica.”</p>
--	--	--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Quadro 2 – Estudos acadêmicos brasileiros sobre timidez

Ano	Título	Autor (a)	Dissertação/Tese e Instituição	Área de conhecimento/ Área de Concentração	Referencial Teórico	Concepção de Timidez	Observações
2000	Timidez na infância em interface com o desejo parental.	Munduruca, G. de O.	Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	Psicanálise	A timidez é um sintoma que pode estar presente em qualquer uma das estruturas clínicas: nas neuroses, nas perversões ou nas psicoses; pressupõe a existência de um Superego rígido.	<b>Objetivos:</b> investigar e compreender alguns aspectos da dinâmica intrapsíquica e da dinâmica familiar das crianças consideradas tímidas; verificar se existe alguma relação entre timidez e desejo parental. <b>Participantes:</b> 10 crianças consideradas tímidas e seus familiares e 23 crianças indicadas pelos professores e por suas mães (grupo de crianças consideradas não tímidas), todas na faixa etária entre 8 e 9 anos e 11 meses de idade. <b>Instrumentos de coleta de dados:</b> Prova de Rorschach; entrevista familiar diagnóstica e análise do discurso dos pais. <b>Resultados:</b> Foram observadas algumas

<p>características em comum entre as crianças tímidas, tais como: percepção limitada e empobrecida, apego ao que é familiar e ao que proporciona segurança, medo de se abrir para o mundo; ausência da possibilidade de fantasiar, rigidez e excesso de formalização, submissão, vulnerabilidade, necessidade de aprovação, dificuldade na expressão dos afetos, conflitos nas relações interpessoais e dificuldade de identificação com figuras parentais. No âmbito familiar percebeu-se a pobreza das interações familiares, o estabelecimento de limites rígidos e pais que não expressam seus próprios sentimentos em relação à criança. A timidez é um sintoma</p>							
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

2005	Estudo comparativo dos comportamentos relacionais e comunicacionais entre pessoas tímidas e não-tímidas	Vasconcellos, L. R.	Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP)	Psicologia	A autora utiliza as publicações de autores estadunidenses como referencial teórico para a conceitualização da timidez, entre eles, os citados são: Zimbardo; Carducci; Cheek e Buss; Pilkonis; Kagan.	Timidez é o desconforto, inibição de comportamentos e a ansiedade diante do outro, geralmente desconhecido; pode limitar as experiências de vida de um indivíduo, pois afeta o corpo, os comportamentos, os sentimentos e a imagem que tem de si próprio.	que responde à indisponibilidade e à falta de espaço na estrutura familiar; no entanto, a pesquisadora defende que a questão principal não seja eliminar a timidez, mas permitir que a criança se expresse dessa forma e, aos poucos, ajudá-la a encontrar outras formas de expressão.
						<p><b>Objetivos:</b> Verificar o número de pessoas tímidas no Estado de São Paulo (amostra: São Paulo e Campinas); avaliar o peso que as pessoas atribuem ao medo de falar em público e verificar se existe diferença em um contexto organizacional entre tímidos e não-tímidos no relacionamento e na comunicação.</p> <p><b>Participantes:</b> No <b>Experimento 1</b> participaram 44 homens e 76 mulheres residentes nas cidades</p>	

<p>de Campinas e de São Paulo e no <b>Experimento 2</b> participaram 105 funcionários de uma empresa da área de mídia impressa de Campinas.</p> <p><b>Instrumentos de coleta de dados:</b> No <b>Experimento 1</b> foi usado um questionário em que deveriam avaliar o grau de medo que sentiam em relação a doze itens de acordo uma escala de 1 a 7. No <b>Experimento 2</b> foram usados: Questionário, escala revisada de timidez de Cheek e Buss, análise vocal acústica, análise perceptivo auditiva, análise dos comportamentos não-verbais e julgamento da impressão global da comunicação dos participantes.</p> <p><b>Resultados:</b> No <b>Experimento 1</b> constatou-se a incidência de 56,7 de tímidos; com mais</p>							
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

							<p>homens tímidos do que mulheres; falar em público foi considerado o maior medo dos tímidos e as características decisivas no estabelecimento da timidez são: tratamento severo por parte dos pais e professores; pais exigentes, perfeccionistas, tímidos e protetores; experiências negativas de vida. No <b>Experimento 2</b> não foi encontrada diferença de gênero no que se refere à incidência da timidez; os participantes foram divididos em 3 grupos: alta, intermediária e baixa timidez. Constatou-se que os participantes com alta timidez são menos dominantes e menos seguros e mais inibidos e introvertidos que participantes com baixa-timidez. Além desses aspectos não foram encontradas</p>
--	--	--	--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2010	Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade	Vieira, M. B.	Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Educação/ Psicologia da Educação	Henri Wallon	A timidez é definida por Henri Wallon (1938/1985) como uma emoção ligada ao medo que se tem diante de outras pessoas e está relacionada à sensibilidade à presença e/ou aproximação do outro.	diferenças na avaliação vocal- acústica; já na análise vocal perceptivo-auditiva percebeu-se que as pessoas com alta timidez falam com um volume de voz mais baixo; em relação aos comportamentos não verbais foram observados mais gestos abaixo da linha da cintura e expressões faciais de dúvida. Com ambos Experimentos verificou-se que a timidez tem relação direta nos comportamentos relacionais e na comunicação.
						<p><b>Objetivo:</b> Compreender como se dá a constituição da identidade da pessoa tímida e verificar as situações de exclusão-inclusão que essa pessoa possa vir a sofrer na escola.</p> <p>Participantes: Luísa e Víncius. <b>Instrumentos de coleta de dados:</b> Entrevistas não-</p>	

2012	A timidez na perspectiva da Psicologia Analítica	Esteves, A. L.	Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Psicologia Analítica (Jung)	A timidez é uma característica da personalidade marcada pelo medo de situações sociais e dos outros, geralmente desconhecidos, pois tem-se o receio de ser desaprovado socialmente; está associada tanto a fatores biológicos quanto a fatores sociais ou ambientais.	<p>diretivas e reflexivas.  <b>Resultados:</b> A partir da narrativa das histórias de vida dos participantes foi possível constatar que tanto Luísa quanto Vinícius se constituíram como pessoas tímidas por meio de suas relações familiares e sociais e ambos sofreram situações de exclusão no âmbito escolar, Luísa pela via da invisibilidade e Vinícius pelo bullying.</p> <p>Estudo teórico que teve como <b>objetivo</b> fazer uma revisão da literatura sobre a timidez na perspectiva da Psicologia Analítica.  <b>Método:</b> Pesquisa bibliográfica em 27 revistas de publicação científica em Psicologia analítica (a maioria internacional), em um período limitado de 10 anos.  <b>Resultados:</b> Foram encontrados poucos resultados com a palavra-chave timidez, sentiu-se a</p>
------	--------------------------------------------------	----------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2013	Timidez na escola: um estudo histórico-cultural	Félix, T. da S. P.	Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual Paulista (UNESP) / Campus de Presidente Prudente	Educação	Psicologia Histórico-Cultural (Vigotski)	Compreende a timidez como um processo histórico-cultural, que acontece em contextos em que é necessário o indivíduo se comunicar, mas encontra dificuldade pois sente-se tímido/intimidado.	<p>necessidade de recorrer a outros descritores: vergonha, medo dos outros, embaraço, ansiedade social, fobia social, introversão e inibição; chegou ao total de 14 publicações, mas em nenhum deles a timidez era o assunto principal do artigo. A maioria dos artigos entende a timidez como uma característica da personalidade que está relacionada a comportamento inseguro e/ ou infantilizado; inibição; medo e dificuldade no contato social.</p> <p><b>Objetivo:</b> Analisar a timidez como um processo histórico-cultural por meio das vivências de indivíduos tímidos em um projeto de intervenção ludo-pedagógico na escola.</p> <p><b>Instrumento de coleta de dados:</b> Observação participante de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental.</p>
------	-------------------------------------------------	--------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------	------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

							<p><b>Resultados:</b> As crianças que mais demonstraram timidez foram cinco meninas e observou-se que nelas a timidez não era algo constante e permanente, elas se utilizavam de um comportamento mais retraído para se protegerem e se defenderem de situações que poderiam ser opressoras ou intimidadoras presentes no interior da escola. Outro aspecto a ser destacado é que para expressarem seus sentimentos e afetos as meninas escreviam cartas para a pesquisadora.</p>
--	--	--	--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

**Quadro 3** – Livros de estudo sobre a timidez em Português e em Espanhol

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Concepção de Timidez</b>
1902	Los tímidos y la timidez	Hartenberg, P.	A timidez é compreendida essencialmente como reações de ordem emocional no contato do indivíduo com o mundo exterior e que se desenvolve na presença do outro ou na ideia de sua presença; consiste em um estado complexo de perturbação, de confusão, de embaraço, de perplexidade, de temor, de escrúpulo, de pudor, etc, que vem acompanhado por mais ou menos marcadas como batidas do coração aceleradas, angústia, fadiga, frio, tremor e enrubescimento.
1951	O acanhamento e a timidez	Gratia, L. E.	Compreende que a timidez aparece nas crianças devido a uma educação defeituosa e a lembrança de uma série de intimidações sofridas. Está ligada a exibição em público, ou a ideia dessa exibição e caracteriza-se por sintomas externos e internos, são eles: distúrbios respiratórios (ritmo respiratório irregular, mais rápido e precipitado); perturbações circulatórias ( enrubescimento, aceleração e aumento das pulsações cardíacas e intensificação das sensações de falta de ar, de opressão e de angústia); perturbações musculares (descoordenação dos movimentos, tremores e desequilíbrio); perturbações secretórias (suores, indigestão, dores gástricas, náuseas, vômitos, vertigens, cólicas, diarreias, necessidade de urinar, incontinência, secreta ou superabundância de salivação, lágrimas, eriçamento dos pelos, desordens biliares); distúrbios sensoriais (enfraquecimento da visão, má audição, perda da sensibilidade para o sabor e cheiro dos alimentos, realização de movimentos e gestos inconscientes); fenômenos psíquicos (amnésia, desatenção e paralisia).
1962	Psicología de la angustia y la timidez	Ferraz, J. de S.	Considera que o acanhamento é uma crise aguda da timidez. Os tímidos são aqueles que na presença de pessoas estranhas tornam-se angustiados e reservados; se desconsertam com facilidade quando perturbados por uma emoção incômoda e indesejada. A timidez nasce dos temores que o indivíduo manifesta na presença do desconhecido, como uma defesa contra a dor, a insegurança e o desamparo.
1969	Ensaio sobre a timidez	Motta Filho, C.	Livro de origem brasileira, mas só foi encontrado em espanhol. A timidez se dá por meio dos contatos humanos; nas relações familiares, sociais e políticas. As características mais visíveis da timidez são: a consciência da incapacidade, o medo do fracasso diante do outro, o receio do julgamento alheio, preocupação em errar ou, se acertar, de não ser compreendido. O tímido apresenta

			<p>uma forte inibição diante dos outros e, para proteger o seu verdadeiro eu, tenta substituir-se em um outro papel, aparente e convencional.</p> <p>Apresenta a história de vida de três escritores tímidos: Raul Pompeia, Machado de Assis e Euclides da Cunha.</p> <p>A timidez é o temor do julgamento alheio, surge devido a falta de segurança em si próprio nas relações com os outros; é a consciência de uma inferioridade. Por medo de da uma impressão desfavorável de sua pessoa, o tímido não ousa ser ele próprio, ou seja, é um ser que passa a vida usando diferentes máscaras e compondo diferentes atitudes, para dar aos outros, impressões diversas com a finalidade de esconder seu verdadeiro eu.</p> <p>A timidez é uma condição complexa que produz uma série de efeitos que vão desde um ligeiro constrangimento a neurose extrema; tem como sintomas o ritmo do pulso e batidas do coração acelerados, transpiração excessiva, aperto no estômago e enrubescimento. É uma deficiência mental que limita a possibilidade de conhecer pessoas, de fazer amigos, impede a comunicação e a expressão de opiniões e valores, está sempre acompanhada de sentimentos negativos como a ansiedade.</p> <p>Na segunda parte do livro apresenta uma série de questionários e exercícios para se vencer a timidez.</p> <p>A timidez tem componentes genéticos, tem relação com a hereditariedade biológica, e surge no primeiro ano de vida ou antes. O restante da vida serve para que os tímidos procurem estratégias de convivência e aprendam a usar a timidez como orientação segura e eficaz nas relações sociais. As emoções ligadas a timidez são o medo, a vergonha e o embaraço e são desencadeadas na presença concreta ou simbólica (representada por normas de comportamento, regras e valores) de outras pessoas e de situações novas.</p> <p>A autora defende que não se deve ter intolerância à timidez, pois os tímidos são atentos e sensíveis e possuem enorme reatividade para o novo, para as pessoas não familiares e para o perigo em potencial; são protetores da vida.</p>
1970	Timidez e adolescência	Lacroix, J.	
2002	A timidez	Zimbardo, P	
2003	A timidez: um dote precioso do patrimônio genético humano	Axia, G.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

**Quadro 4 – Livros de autoajuda sobre timidez publicados no Brasil**

Ano	Título	Autor/es (a/as)	Sinopse/Prefácio
1935	Tratamento prático da timidez	Bourdon, J. R.	<p>“Em nossa época de áspera luta pela vida, a timidez é um acidente que se deve combater com a máxima energia. O êxito pertence aos audaciosos; ora, o tímido está destinado a ficar sempre para trás, vendo que seus companheiros, muitas vezes de valor bem menor do que o seu, vão passando por ele rapidamente. Muitos tratamentos para a timidez têm sido indicados. Nesse grande número, há alguns que são muito bons, excelentes mesmo; mas, na nossa opinião, todos são incompletos. Existe sempre o hábito de se zombar do tímido, que nunca é levado a sério. Ou, então, os pais, imprevidentes, pretendem que isso passará com a idade. Tudo isso é perigosamente errado; a timidez é uma afecção que se deve tratar como todas as outras afecções. Ela não passa espontaneamente, como se supõe. É mais fácil que cresça sempre, mudando de forma, transformando-se, pouco a pouco, em uma espécie de loucura da dúvida. As impressões infantis ou da adolescência têm uma grande influência sobre a timidez do homem feito. Aliás, é justamente na infância ou na adolescência que ela nasce e se manifesta. É sempre perigoso tirar-se ao menino ou ao jovem a impressão de sua força, aniquilando-se, por meio de zombarias ou de reprimendas desastradas, a confiança em si, que é o mais belo apanágio da juventude. Um pai irônico ou possuidor de espírito cáustico produzirá um filho tímido, porque, durante sua juventude, este será perseguido pelas zombarias paternas. ‘ Mas, Deus do Céu, como tu és feio!’ – dizia uma pai a seu filho. Essa ideia de fealdade imprimiu-se fortemente no espírito do jovem; e acompanhou-o pela vida toda. Afastou-o da mulher transformando- o num misógino melancólico. Teríamos mais prazer em ver um pai conduzindo o filho de dezesseis ou dezessete anos ao médico: ‘- Doutor, meu filho é tímido. Quero curá-lo.’ Se o médico for inteligente, dedicar-se-á imediatamente à rude tarefa e salvará provavelmente uma inteligência. Se, pelo contrário, for um espírito frívolo, responderá: ‘- Ora! Isso passará quando ele tiver mulher!’ É ainda um erro muito comum e bastante perigoso. O tímido vê a mulher muito tardiamente ou então em circunstâncias desfavoráveis, que deixarão nele uma impressão desanimadora. Da mesma forma, não se pode lutar contra a timidez forçando o jovem a um contacto demasiado com o público. Na maioria das vezes, aumenta-se dessa forma o defeito, pela simples razão de que os primeiros ensaios serão maus e levarão o tímido a temer o mundo cada vez mais. A timidez é uma ideia fixa que tem raízes</p>

			<p>profundas, tanto na alma como no próprio organismo. Reconheçamos também que a imaginação é um grande aliado da timidez, ajudando-a a aumentar as causas de seu medo. Já se tem pretendido ser a timidez originária do orgulho; muitas pessoas modestas são tímidas e o são mesmo frequentemente. Em resumo, muitos erros se têm dito sobre o assunto, erros que andam de boca em boca, sem controle científico. De tal maneira que se tem chegado a tratar os tímidos por processos às avessas. Ignoramos se faremos melhor, mas, em todo o caso, pretendemos sinceramente ensaiar uma tentativa.”</p>
1958	A timidez vencida em 12 lições	Tashi, Y.	<p>“Muitas vezes somos tomados pela timidez, que nos deixa tolhidos, embaraçados, impedindo-nos de falar e, até mesmo de pensar. Em A Timidez Vencida em 12 lições você tem uma sequência lógica de lições que lhe despertarão a autoconfiança tão necessária no relacionamento cotidiano.”</p>
1971	Domine as suas inibições: psicologia da timidez	Silva, V. A. da	<p>“Este livro é um guia prático de Psicologia, cuja finalidade consiste em ajudá-lo, ensinando-lhe a compreender e superar as suas frustrações e as alheias. Assim, você não só será psicólogo de si mesmo como também do seu vizinho, do seu amigo, do seu parente, enfim, do seu semelhante. E verá que não há frustração que resista à ação da análise psicológica. Portanto, uma vez esclarecida a origem, você substituirá as ideias negativas por outras positivas e sadias. Por questão metodológica, dividi este livro em duas partes. A primeira, de caráter puramente psicológico, trata de problemas educacionais, visando levá-lo às raízes mais longínquas da timidez; a segunda, essencialmente prática, traz uma seleção de exemplos expressivos, que lhe poderão servir de orientação e modelo a seguir. Se você, leitor, aplicar pelo menos 50% dos ensinamentos aqui contidos, terá melhor êxito em suas relações pessoais e profissionais. Empregue, sempre que lhe for possível, a fórmula VONTADE + AÇÃO = SUCESSO, que será o nosso lema de ora por diante. O sucesso a que me refiro não é o caminho rápido e fácil da fortuna financeira. Nada disso. É o coroamento dos seus esforços nos objetivos a que se propôs, vencendo a sua timidez e realizando os seus ideais.”</p>
1977	A timidez vencida em 3 semanas	Chartier, J.	<p>“Novo método prático para vencer rapidamente o medo, a angústia e a timidez.”</p>
1979	Como vencer a timidez em 7 dias: método intensivo	Davies, L.	<p>“Cada página deste método intensivo representa horas e horas de cuidadosa pesquisa e preparação. Mas qual o valor deste trabalho? Geralmente uma obra desta natureza só pode ser devidamente avaliada pelos resultados que produz. E isso depende fundamentalmente de quem está interessado no objetivo a que ela se propõe; no caso, os tímidos.”</p>

1985	Prestígio e personalidade: timidez, complexo, aparência, hábitos	Lewis, V.	“Possuímos dentro de nós possibilidades que nós próprios desconhecemos. Tal desconhecimento é responsável pela estagnação de nossa vida e de nossa pobreza mental e, muitas vezes, até material. Este livro pretende revelar você a você mesmo, desvendando-lhe os recursos e riquezas de sua personalidade e abrir diante de você o caminho para uma nova vida, mais plena e mais fecunda, porque mais consciente.”
1988	Superação dinâmica da timidez	Furini, I. F.	“Neste livro você aprenderá a desenvolver: autoconfiança, positivar sua energia, técnicas de controle da mente, reeducação da vontade que são armas poderosas no combate à timidez, visando aplicações no relacionamento, comunicação e trabalho.”
1991	Vença a timidez: técnicas de superação dinâmica	Furini, I. F.	“Você vai aprender que a timidez é um condicionamento mental incapacitante, que pode ser superado - aqui estão os métodos eficazes.”
1992	Supere sua timidez	Wassmer, A.	“A timidez ainda é um dos mais comuns e menos compreendidos problemas psicológicos. Nesta edição totalmente revisada do seu livro mais vendido sobre a timidez, o doutor Arthur Wassmer ajuda o indivíduo a examinar as raízes de suas inibições de modo que veja a si mesmo e lhe mostra uma forma de relacionamento satisfatório sem perder sua própria identidade. Numerosos estudos de casos, questionários e exercícios ajudam o leitor a praticar técnicas verbais e linguagem corporal que lhe permitirão alcançar – em vez de se afastar de – outras pessoas. Além disso, a obra inclui uma parte a respeito da correlação entre a timidez e o vício, e um detalhado programa de seis meses para a superação da timidez para sempre.”
1993	É divertido conhecer pessoas: como superar a timidez	Shaw, P. M.	“Peça a alguém descrever uma pessoa tímida e terá, provavelmente, uma resposta como esta: ‘Uma pessoa calada, que não se integra com facilidade no ambiente que a rodeia e que é, talvez, difícil de conhecer’. Se, no entanto, pedir a um tímido para se descrever a si mesmo, a resposta será muito diferente: ‘Penso que todos estão olhando para mim, a julgar que pareço um idiota, todo corado, a tartamudear e incapaz de dizer qualquer coisa interessante ou divertida’. E porque nunca passa pela cabeça de um tímido que os outros também possam ter problemas, mas que os disfarçam, talvez até acrescente: ‘Todos conseguem dizer piadas e divertir-se’.”
1997	Vencendo a timidez	Echeburúa, E.	“A ansiedade social é um temor adaptativo e valioso para a sobrevivência do ser humano entre seus iguais. Todos os seres humanos apresentam-na de uma maneira ou de outra nas interações sociais com desconhecidos. Porém, há uma diferença abismal entre esse temor adaptativo, que serve para adotar um comportamento social adequado às circunstâncias, e a fobia social, que é

1998	Pode-se vencer a timidez?	Albisetti, V.	paralisante e impede o desenvolvimento da pessoa. Os fóbicos sociais não se habituam às diferentes experiências sociais e adotam condutas de submissão ou de evitação diminuindo consideravelmente sua qualidade de vida.”
1998	Como superar a timidez	Schott, B.; Birker, K.	“Por meio de uma síntese simples e eficaz, este livro pretende chamar a atenção para os sentimentos, os valores e as aspirações profundas do ser humano, de modo a favorecer o autoconhecimento e o equilíbrio psicofísico.”
			“Dificuldade de se relacionar, desânimo, nervosismo, insegurança e enrubescimento involuntário são algumas das consequências da timidez. Porém, os motivos que levam uma pessoa a ser tímida estão muito além dos nossos conhecimentos. Como se desencadeia a timidez? Como libertar-se dela? Através da Programação Neurolinguística, o livro de Barbara Schott e Klaus Birker Como Superar a Timidez, publicado pela Editora Cultrix, ensina como os tímidos podem ter autocontrole de suas ações, sem serem barrados pelo estado emocional. Ao examinar os comportamentos típicos de timidez, os autores buscaram nos modelos de raciocínio de pessoas talentosas, como Walt Disney e Albert Einstein, técnicas de controle das emoções que auxiliam as pessoas a superarem o estado de timidez. Dessa forma, perceberam que as pessoas tímidas se comportam como se estivessem presas em seu próprio mundo, necessitando apenas de um estímulo para se libertarem. Esses modelos de raciocínio compreendem técnicas simples, que são apresentadas passo a passo no livro, incentivando o autocontrole da mente e das emoções. Para tanto, existem três princípios básicos para transformar os desejos em realidade: sonhar, criticar e realizar. Quando esses três padrões de raciocínio atuam em harmonia, geram comportamentos extraordinários, que levam o ser a uma realização plena de seus desejos. Combinando as três formas de raciocínio, Como Superar a Timidez mostra quais as duas principais etapas para neutralizar o bloqueio causado pela timidez: examinar os efeitos do excesso de crítica, encontrando um equilíbrio entre timidez e cautela e eliminar as consequências negativas da crítica, transformando os sonhos em realizações. Uma pessoa tímida não consegue ordenar as idéias dessa forma. Nesse caso, predomina a relação entre desejo e risco, ou seja, o medo de fracassar, de não conseguir superar os obstáculos impede que essa pessoa dê o primeiro passo para a realização de seus sonhos. Uma força inconsciente parece impedir que expressem seus desejos, manifestem suas exigências ou convençam os outros. Para uma pessoa tímida é quase impossível ser ativo e lutar por suas idéias, manifestar seus próprios desejos e ocupar-se com coisas boas que lhe faça bem.

			<p>Sendo assim, os autores descreveram seis planos mentais do cérebro: ambiente, procedimento, habilidade, valores e convicções, identidade e pertinência. Dependendo do plano em que seja feita a autocrítica, serão necessários outros métodos para transformar o sonho em realidade como, descobrir o equilíbrio interior, deixar-se seduzir pela realidade, valorizar os desejos e planejar o sucesso. Com a prática desses exercícios e com as dicas apresentadas no livro, os autores pretendem incentivar o leitor a viver num mundo que não seja o dele. Dessa forma, a obra estimula a segurança e a autoestima, transformando uma pessoa tímida em uma pessoa integrante do grupo social.”</p>
2000	Timidez: esclarecendo suas dúvidas	Crawford, L; Taylor, L.	<p>“A timidez lança uma sombra devastadora sobre a vida de milhões de pessoas. Este livro mostra de maneira clara e abrangente como os tímidos podem se livrar do padrão autodestrutivo da timidez e construir uma vida nova. Com uma seleção de técnicas de autoajuda e orientação segura, este excelente manual mostra como os sentimentos e as doenças relacionados com a timidez podem ser vencidos.”</p>
2001	Timidez: um guia prático para superar os seus medos e conquistar o controle da sua vida	Carducci, B. J.	<p>“Um guia prático para superar medos e ensinar a conquistar o controle. Este livro decifra inúmeros fatores e mostra várias alternativas para que possamos nos apresentar por inteiro e principalmente, não sofrer ao longo do caminho. “Timidez” é útil para os diversos tipos de timidez, desde as mais profundas e gerais até as mais relacionadas a algum fato específico. O autor mostra, ainda, como superar a sensação de que somos os únicos a ter aqueles sentimentos, isolando-nos ainda mais. A obra traz vários exemplos e dicas para ajudar o leitor a construir as ferramentas para um comportamento diferente tanto na vida profissional, quanto na pessoal.”</p>
2004	Como vencer a timidez	Albisetti, V.	<p>“O autor parte de um fato concreto narrado como se fosse de sua própria vida, uma queda nas primeiras aulas de esqui, que, vem a perceber depois, fora causada por suas emoções interiores mal controladas, resultado do mau relacionamento com uma jovem e bela professora, com a qual ele se encantou, a timidez que demonstrou no início de um possível flerte e a vergonha de se ver observado numa descida difícil. A autoanálise que empreende, de perna engessada, o leva a identificar como causa de tudo sua timidez incontrolada, herdada da maneira como foi tratada na infância, a decorrente falta de confiança em si mesmo, e ideias meio absolutas de perfeição, que jamais alcançaremos em nossas atividades, esquecendo-nos de que nossa vida encontra sentido e realização no amor. O caminho para sair de tais confusões afetivas, que podem levar à perda da autoestima, é descobrir o próprio valor, voltando-se para o interior</p>

2004	Libertando-se da vergonha e timidez	Almeida, M.	de si mesmo - pois valemos mais do que todas as nossas capacidades e talentos - buscando mais a integridade do que a perfeição, pois Deus não nos pede que sejamos perfeitos no que fazemos, mas que permaneçamos íntegros. Ser íntegro significa não permitir que nenhuma das nossas partes fracas se imponha sobre toda a pessoa; aceitar a imperfeição, nossa e de quem vive no nosso lado; saber perdoar; jamais esquecer a própria individualidade; não ter ciúme ou inveja da felicidade dos outros; significa, enfim, acreditar que continua existindo a possibilidade de amor para todos."
2004	Timidez não é doença. E tem cura!	Bavoso, C.	"É um livro riquíssimo no sentido de que ensina e esclarece o que realmente é a vergonha e a timidez. Tudo o que estudamos são respostas equivocadas. O tímido não é aquele sujeito bonzinho, coitadinho... Muito pelo contrário- é o prepotente, mas inconscientemente utiliza-se de um jogo para manter as pessoas atreladas a ele, conseguindo realizar muitos de seus desejos com tal conduta. Você quer resolver sua timidez e vergonha? Você quer saber o jogo que os tímidos jogam?"
2005	A vantagem do tímido: como alcançar o sucesso em um mundo comunicativo	Laney, M. O.	"A timidez chega a se constituir numa limitação quase tão séria como uma deficiência física por causa de suas consequências - dificulta a aproximação com outras pessoas, impede de fazer novas amizades ou de desfrutar de experiências que poderiam ser enriquecedoras. A timidez impede a pessoa de lutar por seus direitos e de expressar suas próprias opiniões ou valores. Como a pessoa que se sente tímida não se expõe, não pode receber uma avaliação positiva nem ter seus méritos reconhecidos. O que é pior, muitas se sentem incapazes de buscar ajuda! Se puderem ao menos ler sobre este tema, vão entender melhor seu mundo e descobrir formas de conviver com a timidez, não deixando que ela interfira tão negativamente em suas vidas."
2005	Guia prático para corrigir a timidez	Martins, L. C.	"No livro "A Vantagem do Tímido", a tímida psicoterapeuta norte-americana Martin Olsen Laney mostra que não é preciso vencer a timidez para ter sucesso no trabalho. A autora ensina os introvertidos a tirarem vantagem de seu poder de análise, visão crítica e capacidade de concentração, entre outras qualidades. Ela também explica como é possível superar as dificuldades de um dia a dia repleto de situações de comunicação, mostra como se relacionar com os extrovertidos e dá dicas de como vencer resistências em participar de reuniões."
2005	Guia prático para corrigir a timidez	Martins, L. C.	"Neste livro, L.C. Martins aplica toda sua experiência psicopedagógica para corrigir o problema timidez dos jovens, partindo das teorias sobre as opiniões e as crenças, do Dr. Gustave Le Bon. Trata-se de exercício intelectual, onde a pessoa tímida é conduzida a refletir sobre a coerência ou não de certas afirmações que

			<p>podem implicar um novo contexto mental (intelecto/emocional) que se expressará em novas atitudes. A experiência com esse tipo de terapia tem sido positiva e muitos jovens relatam acentuada melhora no relacionamento interpessoal. Não se trata de um livrinho de conselhos inúteis, ao contrário, trata-se de uma obra consistente, embasada cientificamente, de leitura fácil, e que propicia resultados extraordinários.”</p>
2005	Vença a timidez com sucesso!	Salive, D. e Díaz, N.	<p>“Ao longo da vida, todas as pessoas já se depararam com situações incômodas de timidez. Mais quais seriam os reais fatores que desencadeiam os comportamentos inibitórios? Neste livro são apresentadas algumas dicas para enfrentar esse problema! Descubra qual é a origem da timidez. Aprenda a vencer a inibição. Saiba como constituir uma personalidade confiante.”</p>
2006	Vença a timidez, e seja feliz...no trabalho	Cides, S. J.	<p>“Quem não puder vencer a timidez, una-se a ela. Isto é, saiba como conviver com essa característica da personalidade, de modo que ela deixe de ser a desculpa para todos os fracassos, e se torne, pelo menos, um obstáculo contornável. O autor trabalhou com centenas, talvez milhares, de pessoas tímidas dentro de empresas que, nem por isso, deixaram de ser profissionais bem-sucedidos. Algumas dessas pessoas chegaram a ser dirigentes de grandes empresas, mesmo sendo portadoras de timidez. Este livro é um apanhado das observações feitas pelo autor em sua trajetória profissional de mais de trinta anos, coletando os principais pontos onde a timidez pode prejudicar a vida profissional, desde a entrevista de seleção de pessoal, passando por relacionamentos com chefes, colegas e subordinados, chegando às reuniões e apresentações, e trazendo conselhos sobre como um tímido pode progredir profissionalmente. E ser feliz. É um livro de conteúdo eminentemente prático, em linguagem acessível e coloquial, e sem uso do jargão blindado dos profissionais da psicologia.”</p>
2006	Como se livrar da timidez	Saint-Laurent, R. de	<p>“Se você é tímido, saiba que sua timidez está com os dias contados. Você acaba de encontrar a solução definitiva para ela. Este livro contém um método gradual, fácil e seguro de vencer seu problema: ou melhor, sua doença. Sim, a timidez é verdadeiramente uma doença. é uma doença psíquica, mas traz, como não podia deixar de ser, consequências físicas muito desagradáveis. Leia com atenção e siga metodicamente os exercícios prescritos, passo a passo, sem pressa de chegar ao fim. São procedimentos simples e de bom senso que, se observados de acordo com o método ensinado, o levarão a ir aumentando sua segurança e sua autoconfiança, até atingir a meta de vencer, de uma vez por todas, a timidez. Em poucas semanas você se sentirá outra pessoa!”</p>

2007	Da timidez à expressão de si mesmo	Mascarenhas, D.	<p>“Os sentimentos de vergonha, de menos-valia, de perceber-se inferior, incapaz, sem atributos e sem atrativos são poderosos inimigos das pessoas tímidas e com baixa autoestima. Com autoconceito tão desfavorável, é impossível construir projetos de vida. Com o foco da atenção voltado para a fuga das situações de exposição e risco, o tímido relega a segundo plano seus projetos existenciais e acaba desviando-se de sua rota. Ao final, sente-se desorientado, vazio e esgotado, com uma sensação de ter realizado esforços inúteis e dado voltas sem sentido. A frustração decorrente dessa situação reforça a sensação de inadequação e baixa autoestima, e o círculo vicioso se estabelece. Mediante a compreensão da mitologia pessoal, A Jornada de Libertação da Timidez permite a libertação das crenças e paradigmas arraigados que impossibilitam às pessoas despertar seu potencial latente. É um convite a uma vida mais plena de significado existencial.”</p>
2007	Como enfrentar a timidez	Moraes, I.	<p>“Aprenda a confiar em si. Veja como se sair bem daquelas situações que assustam. Saiba como dominar a inibição que atrapalha sua vida e seu sucesso.”</p>
2008	Timidez: como ajudar seu filho a superar problemas de convívio social.	Engler, L. B e Einsein, A. R.	<p>“Se ele fica muito tempo isolado, fala baixo, tem medo de se expor e tem dificuldade para se adaptar a novas situações, isso significa que seu filho pode sofrer de ansiedade social. Este livro irá ajudá-lo a entender por que algumas crianças e adolescentes não conseguem interagir naturalmente em simples situações cotidianas e irá lhe mostrar caminhos os quais levarão seu filho a superar os desafios da timidez. Os psicólogos norte-americanos Andrew R. Eisen e Linda B. Engler trazem suas experiências profissionais ilustradas por histórias verdadeiras de pacientes e comprovam que você também é responsável pelo sucesso da vida social de seu filho. Por isso não perca tempo e ajude-o a livrar-se das amarras sociais e a encontrar os prazeres da vida ao lado da família e dos amigos.”</p>
2010	Vencendo a timidez e o medo de falar em público	Cintra, J. C. A.	<p>“O livro apresenta soluções para lidar com a ansiedade e para superar a timidez e o medo de falar em público. O objetivo do autor é que a sensação de medo, transtorno, e tortura, transforme-se em alegria e prazer.”</p>
2010	Timidez: não a deixe falar por você	Ferreira, A.	<p>“O livro “Timidez: Não a deixe falar por você”, do jornalista Aurimar Ferreira, aborda o tema com base em relatos de experiências pessoais e de estudos sobre o assunto. A obra é repleta de dicas e auxilia as pessoas que sofrem por serem tímidas a buscar uma vida melhor, ter sucesso pessoal e profissional. O livro traz relatos de pessoas comuns, artistas, políticos, esportistas e do próprio autor sobre como superaram a timidez. Além de ser um guia para levar as pessoas a superarem a timidez, a obra é um alento para quem convive com o problema.”</p>

2010	Vença a timidez de falar em público	Garcia, A. M.	<p>“Nada acontece por acaso, este livro que você está namorando e analisando os comentários em suas orelhas caiu de pára-quadras para solucionar algumas dúvidas na sua próxima apresentação em público. Certamente você já se perguntou ‘Por que as pessoas de sucesso que conheço se comunicam com facilidade e naturalidade e passam a impressão de que estão de bem com a vida, com a autoestima lá em cima e são líderes de sucesso?’. Realmente as pessoas comunicativas levam vantagens em relação às tímidas. Quantas oportunidades perdemos na vida por causa da timidez? Você usará a oratória para: Transmitir uma ideia. Reunião na empresa. Expressar uma opinião num grupo de amigos. Num happy hour. Na apresentação de seu trabalho em sala de aula, de sua monografia, dissertação ou tese. Participar de debate, entrevista no rádio, na televisão e em teleconferência. Atender ao cliente. Ministrar aulas, palestras, etc. O planeta Terra é um grande palco e você um ator ou uma atriz sempre preparado para um show de apresentação a todo instante. Assim, quando houver uma oportunidade para você se apresentar em público, aproveite! Esse é um momento ímpar para ser conhecido, prestigiado e valorizado pelos ouvintes.”</p>
2011	Shii, ele é tímido – tá, e o que eu faço agora?	Belchior, V. A. C.	<p>“O que você faz quando ele é tímido? Se desespera? Corre para os braços da sua melhor amiga e... se desespera? Ou deixa pra lá? Já que vai dar muito trabalho conseguir algo com ele? Agora, você tem para onde correr. Na verdade, agora você tem a chance de ter em mãos informações preciosas que lhe ajudarão a entender o funcionamento de garotos tímidos, e a aprender a lidar com eles. Tudo começou quando eu conversava com uma amiga minha. Falávamos sobre o garoto de quem ela gostava, e sobre o fato de ele parecer gostar dela por algumas atitudes mas não expressar isso abertamente. Conclusão- ele era tímido. Interessante. Eu sou tímido, então comecei a conversar com ela sobre a maneira como ele agia e vi que era exatamente como eu agiria. Então, comecei a dar conselhos, dicas para ela baseando-me em mim. Depois de horas de conversas, ela me disse que meus conselhos eram os melhores que alguém poderia dar, melhores que os das melhores amigas dela. Isso me fez pensar. E ela não era a única que dizia isso. Então, por que não compartilhar com tantas outras garotas desesperadas (ou não) por um garoto tímido? Mas como fazer isso? Através de um livro, claro! Elaborei esse livro de forma a, primeiro, definir e caracterizar aquele a quem chamamos? Garoto tímido? E, em seguida, seguindo a sequência natural e lógica, descrever todo o processo de conhecer o garoto, começar a conversar com ele, conquistá-lo e por aí vai, passando por situações como balada,</p>

			<p>passaio de bicicleta etc. Ao longo do livro, surgem narrações de situações pelas quais eu realmente passei que servem para ilustrar o que fazer (ou não fazer) quando se estiver tratando de um garoto tímido, e coisas do tipo. O único objetivo de tudo isso é ajudar você, minha possível futura leitora. Espero ser útil, Victor Andrei Casimiro Belchior”</p>
2012	Vencendo a timidez: como ajudar seu filho a ser afetuoso, extrovertido e se divertir muito	Carducci, B. J.	<p>“Neste livro, o autor busca mostrar - as causas da timidez na infância (se é ou não genética); por que as crianças simplesmente 'não a superam' - e por que é crucial tratar da timidez desde cedo; a dinâmica familiar que pode estar desencadeando secretamente a timidez; por que a timidez pode levar os adolescentes a ter um comportamento rebelde ou sarcástico. A obra também apresenta planos personalizados com o intuito de facilitar e superar - o primeiro dia em uma nova escola; o encontro com parentes em reuniões de família; práticas esportivas, entre outras situações.”</p>
2013	Manual de sobrevivência dos tímidos	Maron, B.	<p>“O 'Manual de Sobrevivência dos Tímidos' é um livro escrito e ilustrado por Bruno Maron. Organizado em seis capítulos, a obra faz uma abordagem bem-humorada e certeira sobre como funciona a timidez. Maron também apresenta conselhos surrealistas sobre como fugir ou enfrentar a socialização.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

**Quadro 5 – Livros infantis sobre timidez publicados no Brasil**

Ano	Título	Autor (a)	Sinopse
1997	Demétrio, o tímido	Aguiar, L. A.	<p>“Neste livro Demétrio é um garoto muito tímido, do tipo que se encolhe num dos cantos da sala de aula e que, na hora do recreio, faz de tudo para se tornar invisível. Ele fica olhando os outros garotos à distância, morrendo de vontade de se enturmar. Mas tem medo de tentar. Toda turma tem um tímido, todo colégio tem muitos deles, e quase sempre acabam sendo tratados como esquisitos.”</p>
1997	Timidez: um jeito incômodo de ser	Bentancur, P.	<p>“Pedro tem dificuldade de relacionar-se. No bairro para o qual recém mudou-se é uma espécie de estranho, que observa a todos da janela sem coragem de se enturmar. Até que a coragem, de repente, bate à sua porta. E ele vai à luta. Descobre o amor quando vê Larissa. Funda um grupo chamado Acaso. Cria um time de futebol. Vive a tragédia da morte dos Mamonas Assassinas.”</p>

1997	Escuta, Charlie Brown! Sobre o privilégio de ser tímido	Coelho, S.	<p>“Você já pensou que a timidez pode ser na verdade uma qualidade e um privilégio? Que, ao contrário do que a maioria pensa, aqueles que são mais introvertidos e têm mais dificuldade em se comunicar têm acesso a um mundo rico e poético, que pode passar despercebido aos mais comunicativos e extrovertidos? Você já imaginou que por trás da aparente segurança de certas pessoas existe um tímido que acaba um dia se revelando? E que interiormente os tímidos têm um universo de sensibilidade que podem dar origem a grandes e inesquecíveis obras de arte? Pois bem, é para falar dessas questões, mostrando que a timidez é antes um privilégio, e de que é possível tirar proveito da condição de ser tímido, que este livro foi escrito. Através de exemplos extraídos da literatura, do cinema e do teatro "Escuta, Charlie Brown!" mostra que a interioridade e a introspecção podem se tornar um mundo maravilhoso de criatividade e comunicação. Sérgio Coelho é professor, autor e diretor de teatro, um tímido que encontrou, na sua arte e na arte dos outros, um universo de emoções e de sensibilidade a que os tímidos particularmente tem acesso.”</p>
1999	Tião Vermelho: o vergonhoso que venceu a timidez	Aquino, E.	<p>“Timidez, tema tão próximo de todos nós. Por que somos tímidos? Por que tememos tanto falar na frente de uma sala de aula? E quando a timidez é afetiva e nos bloqueamos para manifestar o amor, a alegria? É possível se libertar desse mal que cada vez mais atinge crianças, jovens e adultos? O tímido é prisioneiro de si mesmo. É ele quem mais sofre e deseja sair dessa situação. Tião é um adolescente tímido e, através de suas histórias, vamos seguir, passo a passo, alguém que conseguiu se libertar. Juntos, vamos aprender a enfrentar a timidez.”</p>
2001	O bruxinho tímido e o lobisomem apaixonado	Alves, J. C.	<p>“Uma bruxinha apaixonada, um bruxinho tímido, um lobisomem louco de amor e... um mágico misterioso que pode transformar toda a história. Amor, medo, timidez, dificuldade de comunicação e persistência são alguns dos temas abordados com muita delicadeza e humor pela autora. Para pais e filhos lerem juntos e se divertirem!”</p>
2006	Essa tal timidez – Projeto Adoltescer	Silva, N. J.	<p>“Lucas, um garoto extrovertido, odeia a timidez por considerar que ela pode estar ligada à morte de seu pai. Na escola, faz do tímido Pedro o alvo predileto de suas brincadeiras e gozações, apesar dos protestos de sua namorada, Carol. Aos poucos, contudo, as peripécias de bad boy de Lucas dão lugar a um misto de raiva e admiração pelo talentoso e introvertido colega. Lucas resolve ajudá-lo a vencer a timidez, mesmo que para isso tenha de recorrer a um método nada tradicional. Nesse processo, Lucas repensa o modo pelo qual vê os tímidos e a si mesmo.”</p>

2007	A timidez não é um problema: como transformar a introversão em algo positivo	Jackson, J. S.	<p>“Algumas crianças são naturalmente expansivas e extrovertidas, enquanto outras encontram mais dificuldades para interagir no ambiente social. A passagem da timidez para uma convivência confortável e confiante junto a outras pessoas pode ser lenta e difícil, mas há técnicas que facilitam esse processo. Deixe que os elfos ajudem você e seu filho a superarem essa situação por vezes complicada. Vocês dois podem aplicar as dicas que este livro apresenta e traçar, para seu filho, um caminho que o faça se sentir mais à vontade. Lembretes que promovem a autoestima e as qualidades criativas de seu filho ou filha ajudarão vocês a perceber que a timidez não é um problema!”</p>
2007	Bibi fala em público	Rosas, A.	<p>“Bibi descobriu as palavras e aprendeu como é gostoso conversar. Passava horas batendo papo com a prima, com seus pais e com sua ursinha de pelúcia. Porém, quando a professora pediu-lhe para falar de sua brincadeira preferida para a classe, ela ficou vermelha e não conseguiu dizer nada. O livro mostra como essa pequena protagonista aprende a falar em público e deixar de lado o constrangimento. Ajuda as crianças a perderem a timidez e a melhorarem o convívio escolar.”</p>
2008	Criaturas tímidas	Mack, D.	<p>“O que uma garotinha tímida gostaria de ser quando crescer? Uma doutora, mas não qualquer doutora - essa garotinha gostaria de cuidar das criaturas que até podem parecer assustadoras, mas, na verdade, são apenas muito tímidas, assim como ela. O que todos vão descobrir é que criaturas esquisitas também precisam de amigos e diversão, para deixarem de ter vergonha e não assustarem mais ninguém! Este livro ilustrado de David Mack é perfeito para criaturas pequenas e grandes, tímidas e extrovertidas, que acreditam na força da imaginação...”</p>
2008	Você é tímido?	Roca, N.	<p>“Crianças muito tímidas, às vezes, sentem-se incompreendidas. ‘Você é tímido?’ ajuda meninos e meninas a entender que há muitas maneiras de superar a timidez. O que importa é que falem, porque a timidez vai desaparecer pouco a pouco, à medida que as crianças se esforçarem para se expressar.”</p>
2008	O caracol tímido	Vaughn, S. e Gérvy, C.	<p>“Mais do que tudo, Hugo, o caracol quer fazer amigos e se divertir! Mas ele tem um grande problema: sua timidez. ‘Preciso sair da minha concha’, pensa ele, ‘e ter coragem para falar com os outros’. As crianças puxam a seta e ajudam Hugo a passear e conhecer muitos amigos! Isso ensina como é fácil sair da concha e se divertir.”</p>
2009	Isac, o pato que não fazia quac	Doyle, M.	<p>“Isac, o pato que não fazia quac’ fala sobre timidez. Isac é um patinho que nunca sabe o que dizer. Todos os seus amigos vivem puxando conversa, mas ele fica</p>

			<p>muído, não consegue abrir a bico. Um dia, ele sai em busca do que dizer e encontra duas raposas mandonas. Elas dão várias ordens a Isac que, apesar de saber que não devia obedecer, não consegue dizer não. Ao se deparar com um grande perigo, Isac perde a mudez e passa a fazer quac. Além dessa história divertida, o livro traz uma série de atividades que podem ser desenvolvidas por pais e professores junto às crianças, e que vão estimular a criatividade ajudar a aprimorar a leitura e criar o hábito de ler.”</p>
2011	Preciso de ajuda! Agressão ao aluno tímido	Klein, C.	<p>“Miguel era um menino muito tímido. Ele queria ser mais falante, mas não conseguia. Por causa da sua timidez, alguns colegas malvados resolveram debochar dele. Depois, passaram a bater também. Miguel precisou ser muito corajoso para mostrar aos professores tudo o que estava sofrendo. Mas essa foi mesmo a melhor solução.”</p>
2012	Um mundo chamado timidez	Hall, L.	<p>“Uma menina numa missão para esquecer. Um garoto que uiva. No subúrbio de Timidez, onde o Sol nunca nasce e as fronteiras crepitam com uma energia estranha, MeninoLobo conhece uma estranha no Hotel Diabetic. Ela fala o seu nome: MeninaSelvagem, e ela o desafia a ser o seu guia pela noite sem fim. Mas eles são assaltados pelos Moleques. E o que acontece está se movendo, despreocupado... perigoso. Há coisas que apenas podem ser ditas na escuridão. E uma longa noite é tempo suficiente para mudar uma vida.”</p>
2013	O menino tímido	Carpinejar, F.	<p>“Um menino que deixou o cabelo crescer sem parar. E assim desapareceram sua testa, seus olhos, sua boca, sua cabeça, seu corpo. A ponto de ninguém mais localizá-lo na escola. A ponto de o pai não lembrar mais de seu rosto. Um menino que virou árvore que virou oca que virou o medo de viver. Uma história sobre as diferenças entre timidez (positiva) e retração (negativa) na infância.”</p>
2016	O menino e o monstro	Sitchin, H. e Marendra, E. (ilustração)	<p>“O novo livro de Henrique Sitchin, terceiro que ele publica pela Panda Books, traz uma emocionante história de superação da timidez, que promete gerar identificação com muitas crianças que sentem não pertencer a um grupo. Ao narrar a inusitada amizade entre um menino e um monstro, o autor mostra aos pequenos leitores que tudo bem ser diferente, porque cada um tem seu jeito e suas manias. Ao longo do texto, são citados dramas comuns na infância, como se sentir diferente das outras crianças e o medo de sofrer bullying. As ilustrações lúdicas, que brincam com a separação e a fusão das cores, ficam por conta de Evandro Marendra, experiente na arte de desenhar para crianças.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

## Anexo 2

### Conversa de velho com criança

(ANDRADE, C.D. de, 1944/2011, pp. 147-152)

“Quando o bonde já cheio ia pôr-se em movimento, o senhor idoso subiu, com uma criança. Não havia lugar para os dois, e mesmo a menina só pôde acomodar-se no meu banco porque uma senhora magra aí consumia pouco espaço. A garota sentou-se ao meu lado, e o velho dependurou-se no estribo. O bonde seguiu.

Notei que a menina levava um pacote de balas, e que com o velho iam vários embrulhos; entre eles, um guarda-chuva. Não sabendo o que fazer dos acessórios, e desistindo de ordená-los, o velho resignou-se ao mínimo de desconforto na viagem. Tinha os movimentos tolhidos, e o condutor aproximava-se, a mão tilintando níqueis. Era de prever a dificuldade da operação a que se via obrigado: libertar dois dedos da mão direita, enfiá-los no bolso do colete e extrair desse secreto lugar as moedas devidas.

Na linha em que viajávamos, a posição do pingente oferece perigos. O bonde segue paralelo e justo ao passeio, e os postes, no momento preciso em que passa o bonde, deslocam-se imperceptivelmente para mais perto dele. O deslocamento de alguns milímetros é, algumas vezes, mortal. Todos os que viajam de pé sabem disso. Os que morrem têm tempo de verificar o fenômeno, porém não de evitá-lo.

Imaginei que o velho se arriscava a morrer dessa maneira, e, na desordem de seus movimentos, havia base para a suposição. A vida, entretanto, vigiava-o com interesse, e o mais que aconteceu foi a moeda cair na rua, depois de penosamente sacada do bolso. Era de dez tostões, havia troco.

Como a linha, pouco adiante, deixasse de ser dupla, o bonde tinha que parar, à espera de outro que vinha. O condutor aproveitou o momento para pesquisar a pratinha entre os trilhos. Voltou instantes depois, sem ela.

- Não precisa; assim, o prejuízo seria maior – explicou ao velho, que se dispunha, desta vez com facilidade, mas sem prazer, a tirar outra moeda. – O senhor não paga nada.

O velho agradeceu vagamente: sem dúvida, não precisava disso. A certeza de que não pagaria duas vezes e que perderia apenas os níqueis do troco restituiu-lhe a serenidade e a compostura próprias dos caracteres firmes. Cobia-lhe não recusar nem aceitar: atitude ambígua, vazada naquele agradecimento impreciso, meio cortês, meio seco. O bonde seguiu.

Já então o velho estabelecera um *modus vivendi* com o veículo. Colocou o guarda-chuva num ferro do estribo, onde ele ficou balouçando de leve; dispôs os embrulhos sobre o braço esquerdo e arrimou este junto ao peito; quanto à mão direita, assumiu automaticamente a sua função preponderante: empunhou, com força, a trave do estribo e ficou responsável pela vida e segurança do homem.

O homem tinha sessenta, setenta anos. No rosto vermelho, sulcado de rugas, o bigode branco era ralo e não parecia objeto de cuidados especiais. Os olhos eram a parte realmente sofredora do rosto, e neles se concentrava toda a expressão da fisionomia. As rugas entrecruzavam-se sabiamente em redor das pálpebras cansadas, e uns olhos tristes, de uma tristeza particular e sem comunicação com o conjunto humano a que devia pertencer, abriam-se na paisagem de ruínas. São comuns as criaturas em que só um pequenino ponto parece existir realmente; as outras partes mergulham na sombra, e nem são percebidas.

No corpo de mais de meio século, as vestes eram modestas e denunciavam o pequeno proprietário de subúrbio (talvez antigo funcionário público?). A casimira de cor neutra era talhada com fartura no paletó, com exiguidade nas calças. Uma gravata preta, de laço mais desajeitado que displicente. Um relógio – de ouro, para dar a imagem do tempo – devia bater dentro do colete, de onde escorria uma gôndola grossa. O chapéu também era preto, de um preto que a sorradeira infiltração do pó tornava mais doce, e que falava dessas casas onde todas as pessoas são velhas e se resignam à poeira, não a expulsando mais dos móveis nem dos chapéus, porque não vale a pena.

- Ferreira, você quer uma bala?

Só então voltei a reparar na menina, que se sentara no meu banco e era miudinha, morena. Sentara-se na ponta do banco. O corpo do velho e seus embrulhos protegiam-na, a ponto de anulá-la. Mas a presença infantil ressurgia na voz, que era lépida e desejosa.

- Quero, sim. Me dê uma aí.

- Eu também quero uma. Abre pra mim, Ferreira.

O velho despreendeu a mão do estribo – sua vida ficou balouçando, como o guarda-chuva –, e, com o equilíbrio assegurado, desatou o embrulho de balas. A menina serviu-se primeiro. O oferecimento fora um ardil para que Ferreira consentisse na abertura do pacote. É possível que Ferreira tenha compreendido, mas o certo é que chupou a sua bala com uma simplicidade que excluía a menor suspeita de reflexão.

Avô e neta? Ou, simplesmente, amigo e amiga? O certo é que eram íntimos.

Enquanto chupava a bala, a menina não carecia de outra diversão, e deixou de pensar em Ferreira. As mãozinhas seguravam com firmeza o embrulho precioso. O bonde, para uma criança daquele tamanho, devia ser alguma coisa de monstruoso e incompreensível. Ou seria apenas eu que não compreendia a maneira como a criança tomava conhecimento do bonde? Surpreendi-me a interrogá-la (e Deus sabe como me é difícil dirigir a palavra a um desconhecido, de qualquer idade, em qualquer situação):

- Me diga uma coisa, como é que você se chama?

- Maria de Lourdes Guimarães Almeida Xavier.

A vivacidade indicava um largo treino. Havia também o gosto do nome comprido como um trem de ferro, tão mais interessante do que Maria somente, ou Lourdinha.

Disse e sorriu para mim, com a bala dançando na língua.

- O nome é maior do que a pessoa – observei, bestamente. Não fez caso.

- É. O nome é grande – repetiu o velho, com essa condescendência mole com que se gratifica o vizinho de bonde, e não envolve compromisso de relações.

- Você tem quatro anos, aposto.

- Não, tenho cinco.

- E está no jardim da infância.

- Jardim de quê? Ah! – (muxoxo) – Estou não.

Evidentemente, eu não saberia interessá-la. Ondulou sobre nós, por instantes, um leve constrangimento. Quando encontrarás, Carlos, a chave de outra criatura? Ferreira continuava no estribo, sem ligar. A vida dele estava salva, os postes haviam recuado um metro.

O silêncio deu tempo a Maria de Lourdes para dizer esta frase estranha:

- Ferreira, você é o saci-pererê.

Ao que Ferreira respondeu, com tranquilidade:

- É você. Você é que é o saci.

Por que o saci aparecera de súbito entre os dois? Certamente ele frequentava a conversa de ambos. A imagem invocada fez rir Maria de Lourdes, que apontou o dedo para Ferreira e insistiu:

- É você! É você!

Ferreira sorriu o bastante para significar a Maria de Lourdes que não se importava em ser o saci-pererê, mas também não queria ver a sua identidade conhecida do grosso público. E depois, mais baixo, em tom confidencial:

- Ferreira perdeu o dinheiro do bonde. Você viu?

- Não. Onde você perdeu?

- Caiu da mão. Foi ali atrás, na curva. Era uma pratinha amarela.

- Achou?

- Não – terminou Ferreira, distraidamente (estava pensando em outra coisa).

Os dois calaram-se.

Seriam amigos? Os sobrenomes não coincidiam.

Eu preferia que fossem amigos, exclusivamente, e que nenhum vínculo de sangue forçasse aquela intimidade abandonada. A ausência de respeito era argumento contra o parentesco e a favor da amizade. Mas os pais hoje prescindem do respeito em benefício da camaradagem. Os avós devem ter-se modernizado também. Seria Ferreira um avô moderno? De qualquer modo, a camaradagem consentida é menos estimável que a espontânea, dos temperamentos que se ajustam. E imaginei Ferreira vizinho de Maria de Lourdes, afeiçoando-se à pequena, subornando-lhe o coração à custa de carinhos diários, roubando-a, enfim, para si.

Amiga Maria de Lourdes, amigo Ferreira; os 55 anos de diferença faziam o entendimento mais perfeito, já que as pessoas da mesma idade dificilmente se entendem.

- Ferreira... Chega aqui.

Ferreira inclinou-se e pôs a sua velha orelha, coberta de pelos, junto à boca lambuzada. A menina, vermelha, baixou os olhos com infinito pudor. Num sussurro, o segredo grave passou de boca para orelha, introduziu-se em Ferreira, ocupou-o inteiro. E fez apenas: “Ah!...”. Depois, retirou do estribo o guarda-chuva e alçou-o à altura do cordão. O bonde parou. Ferreira, Maria de Lourdes, o guarda-chuva e os embrulhos desceram pausadamente, atravessaram a rua, entraram pela primeira porta aberta...

Meu pai dizia que os amigos são para as ocasiões.”